



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

MARIANA DE OLIVEIRA LINS

APR 25: o design de cartaz das 25 edições do Festival Abril Pro Rock

Recife

2018

MARIANA DE OLIVEIRA LINS

APR 25: o design de cartaz das 25 edições do Festival Abril Pro Rock

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Área de concentração: Design da Informação.

Orientador: Prof^o. Dr. Hans da Nóbrega Waechter.

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

L759a Lins, Mariana de Oliveira
APR 25: o design de cartaz das 25 edições do Festival Abril Pro Rock /
Mariana de Oliveira Lins. – Recife, 2018.
167f.: il.

Orientador: Hans da Nóbrega Waechter.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design,
2018.

Inclui referências, apêndice e anexos.

1. Abril Pro Rock. 2. Design. 3. Cartaz. 4. Semiótica. 5. Música.
I. Waechter, Hans da Nóbrega (Orientador). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-183)

MARIANA DE OLIVEIRA LINS

APR 25: o design de cartaz das 25 edições do Festival Abril Pro Rock

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design.

Aprovada em: 31/07/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Hans da Nóbrega Waechter (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Eva Rolim Miranda (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima Waechter Finizola (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco - CAA

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido. Eu não duvido já escuto os teus sinais. Que tu virias numa manhã de domingo...

A Joaquim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e proteção. Agradeço a Joaquim, por ser esperto, cheio de saúde e por ter me escolhido para ser a sua mãe. Agradeço aos meus pais, José Estanislau e Emerita, por estarem sempre ao meu lado, me dizendo palavras sábias nas horas certas, por terem me dado uma educação e estrutura familiar para que eu me transformasse na pessoa que sou hoje. Agradeço também aos meus pais por cuidarem de Joaquim enquanto eu tentava escrever essa dissertação, vocês são de ferro!

Agradeço ao amigo e Professor Hans, que sempre me incentivou a fazer pesquisa e esteve sempre disponível para me orientar e ter as melhores conversas. Agradeço à FACEPE, por incentivar as pesquisas que contribuam para o crescimento e a memória de Pernambuco.

Agradeço à Produtora Astronave Iniciativas Culturais, a Paulo André e a Sonally, que se dispuseram em me ajudar com as informações necessárias para a estruturação dessa pesquisa.

Agradeço aos meus irmãos Victor e Daniel, as cunhadas Camila e Thalita e aos sobrinhos Bárbara, Murilo, Leticia e Ítalo, que estão sempre na torcida pelas minhas realizações.

Agradeço às minhas amigas-irmãs Alice (Alex) e Luciana (Lua), que estão sempre prontas para me ajudar no que quer que seja. Até para escolher o nome do meu filho que quase nascia sem nome.

Agradeço aos meus tios e tias, primos e primas, pois juntos formamos uma família muito especial e cheia de afetos. Agradeço especialmente ao Tio Milton, que com muito zelo e disposição, fez a impressão desta pesquisa.

Por fim, agradeço à banca examinadora pela compreensão e pela disposição em me ajudar com comentários para que eu me transforme em uma pesquisadora e profissional melhor.

RESUMO

O Abril Pro Rock (APR) é o festival de música independente que está há mais tempo em atividade no país, surgiu em 1993 na cidade de Recife (PE) em meio a uma das mais importantes cenas da música brasileira: o Movimento Mangue. Desde o início, o APR agregou e promoveu o design e as artes visuais. Em 2017, chegou à sua vigésima quinta edição, onde, para cada uma dessas edições, foi produzido um cartaz por um designer ou uma agência de publicidade com a finalidade de se divulgar o evento. Com um corpus analítico formado por vinte e cinco cartazes criados em Pernambuco, do final do século XX (anos 90) ao início do século XXI (anos 2000 e 2010), essa seleção de material apresenta indícios pertinentes da sua importância na composição da memória gráfica pernambucana. A maior parte desses cartazes foram desenvolvidos por designers da equipe de produção do festival, nesses casos, foi possível perceber uma maior representação da essência do Abril Pro Rock e, também, de uma geração de designers contemporâneos. Essa pesquisa tem como objetivo principal fazer um estudo sistemático dos aspectos morfológicos e semânticos de cada cartaz do APR. Esse estudo está configurado na análise dos aspectos semióticos dos cartazes, onde foi utilizada como ferramenta de análise uma adaptação da ficha de Izabella Pinto (2017), cuja ficha de análise foi estruturada seguindo o Modelo de Análise da Imagem de Martine Joly (1994). Joly sugere a identificação e a interpretação dos signos presentes na mensagem plástica, mensagem icônica e mensagem linguística do cartaz, sempre levando em consideração o contexto no qual a mensagem está inserida. Através das análises foi possível concluir que os aspectos visuais identificados fazem um conjunto de referências a música e a chegada e a acessibilidade da tecnologia, que mudaram a forma de produção desses cartazes. Portanto, o repertório visual utilizado pelos designers na produção desses cartazes, mostra a importância da participação do designer na construção e na representação da identidade cultural do evento e de Pernambuco.

Palavras-chave: Abril Pro Rock. Design. Cartaz. Semiótica. Música.

ABSTRACT

'Abril Pro Rock' (APR) is the longest running independent music festival in the country. It was founded in 1993 in the city of Recife (PE) in a great moment of Brazilian music: the 'Movimento Mangue'. From the outset, the APR has aggregated and promoted design and the visual arts. In 2017, its twentieth edition arrived, where, for each of its editions, a poster was produced by a designer or an advertising agency, with the purpose of publicizing the event. With the anal corpus, until the end of the XX century (90's), from the material, from the end XXI (2000's and 2010's this selection of material presents pertinent indications of its importance in the composition of the graphic memory of Pernambuco. Most of these posters were developed by designers who were part of the festival's production team and in those cases it was possible to see a greater representation of the essence of 'Abril Pro Rock' and also of a generation of contemporary designers. This research has as main objective to make a systematic study of the morphological and semantic aspects of each poster of the APR. This study is set up in the analysis of the semiotic aspects of the posters, where an analysis tool was adapted from the Izabella Pinto sheet (2017), which was structured following the Martine Joly Image Analysis Model (1994). Joly suggests the identification and interpretation of the signs present in the plastic message, iconic message and poster language message, always taking into account the context in which the message is inserted. Through the analyzes it was possible to conclude that the identified visual aspects largely make references to music and the arrival and accessibility of technology, which changed the way these posters were produced. Therefore, the visual repertoire used by the designers in the production of these posters shows the importance of the participation of the designer in the construction and representation of the cultural identity of the event and of Pernambuco.

Keywords: Abril Pro Rock. Design. Poster. Semiotics. Music.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa.....	14
1.2	Relevância para a área de design da informação.....	15
1.3	Objetivos	15
1.4	Objeto de estudo	16
1.5	Estrutura da dissertação.....	16
2	AS 25 EDIÇÕES DO ABRIL PRO ROCK.....	18
2.1	A cena musical pernambucana dos anos 1990 e a idealização do festival	18
2.1.1	Movimento Manguê	20
2.1.2	MTV Apresenta.....	24
2.2	Anos 2000.....	24
2.3	Anos 2010.....	25
3	A COMUNICAÇÃO E O DESIGN GRÁFICO DO CARTAZ.....	27
3.1	A mensagem do cartaz: função, informação e semiótica.....	27
3.1.1	Funções do cartaz e função da imagem.....	27
3.1.2	Teoria da Comunicação	28
3.1.3	Semiótica.....	30
3.2	Ferramentas da representação visual	31
3.2.1	Mensagem plástica.....	32
3.2.2	Mensagem icônica.....	33
3.2.3	Mensagem linguística	33
3.3	Breves apontamentos das influências das técnicas de impressão no processo criativo do cartaz	35
3.4	Identidade cultural e memória gráfica	40
4	NATUREZA DA PESQUISA	48
4.1	Fases da Pesquisa	48
4.1.1	Detalhamento	48
5	ANÁLISE.....	52
5.1	Aplicação do Instrumento de Análise.....	53
5.2	Resultados da Análise Plástica.....	80
5.3	Resultados da Análise Simbólica	85

5.4	Resultados da Análise Linguística	98
5.4.1	Texto 'Abril Pro Rock'	99
5.4.2	Texto Line Up	103
6	CONCLUSÕES DAS ANÁLISES.....	107
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICE A – FICHAS DE ANÁLISE DOS CARTAZES	117
	ANEXO A – ENTREVISTA COM PAULO ANDRÉ	142
	ANEXO B – HISTÓRIA DA CADA CARTAZ.....	151

1 INTRODUÇÃO

Fora do mapa da música pop brasileira desde os anos 70, o Recife, a *manguetown*, se tornaria no início dos anos 90 a cidade onde aconteceu o último grande movimento da música brasileira. Nesse cenário, o Abril Pro Rock foi fundamental para dar visibilidade nacional a essa cena musical, principalmente ao Movimento Mangue. Além da música, o festival trouxe para seu ambiente as artes visuais, a moda, o design e a cultura popular, que, até então, não dialogava com a música pop. Desde o seu surgimento em 1993, o APR tem em sua essência ‘o novo’, música nova, bandas novas, novos designers e artistas.

APR25 é a sigla da vigésima quinta edição do Festival Abril Pro Rock. Os cartazes foram produzidos entre 1993 e 2017, dessa maneira fazem parte do contexto histórico de Pernambuco em três décadas: os anos 1990, 2000 e 2010, ou seja, da transição do final do século XX para o início do século XXI. Fazer um levantamento desses vinte e cinco cartazes significa registrar a história da música e da produção visual (artistas e designers) de Pernambuco, além de conhecer mais a identidade cultural do estado.

A década de 90 foi uma fase de grande transformação para a cultura de Pernambuco. A situação econômica e social no Brasil, com a transição para um governo democrático, ajudou a agravar um sentimento de estagnação que os jovens tinham em relação a um governo pouco ativo perante o agravamento dos problemas sociais. Bem como Fred Zero Quatro descreve no *Manifesto Mangue: Mangue, a cena*, “Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto!”. Nessa época, ainda sobre a cidade do Recife, a autora Hortência dos Santos (2015) faz uma descrição que cabe uma reflexão sobre essa estagnação:

[...] a cidade do Recife, como tantas outras cidades brasileiras, tem em sua trajetória as marcas de um cenário urbano e social construído sob os ditames de uma elite que se revezava no poder, ao longo dos anos, empreendendo articulações políticas e estreitando relações entre o público e o privado. (2015, p. 83)

As relações entre o público e o privado eram relações que favoreciam o mercado direcionado aos mais ricos, os ricos ficavam mais ricos e os pobres mais pobres. A transformação aconteceu através desses jovens da periferia da Grande Recife que precisavam expressar o fato de não se conformar com a situação da cidade ou com a sua própria situação. Há muito tempo, as periferias são áreas esquecidas pelos governos municipais e estaduais. Numa época em que só tocava

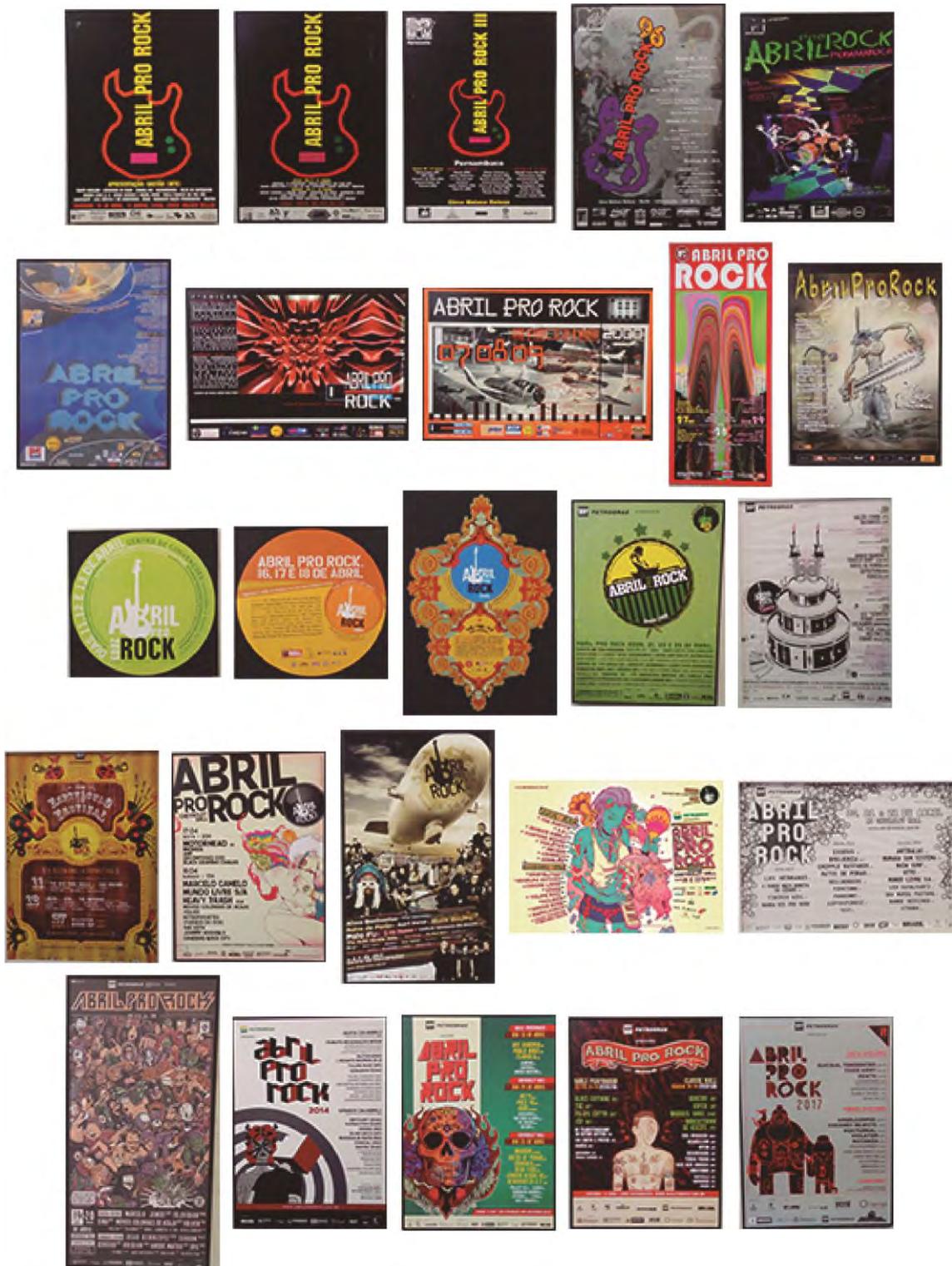
Axé Music nas ruas e bares de Recife, o Mangubeat teve que construir seu próprio espaço, para isso contou com a participação de outras áreas da cultura, sendo uma delas, o design.

O idealizador do festival APR, Paulo André, considera que a convergência das áreas da cultura entre os designers, os músicos, os fotógrafos e os artistas plásticos, uma característica muito forte do Recife dos anos 90. Tanto que, a partir de 1996, ele começa a convidar artistas visuais para fazerem a arte que vai ser usada no cartaz do APR.

Entre os principais artistas formadores da cena manguê – junto a Chico Science e Fred Zero Quatro – DJ Dolores, nome artístico de Hélder Aragão, é um DJ e designer que ajudou na caracterização da identidade do Mangubeat, que aconteceu de forma espontânea. Hélder desenvolveu o projeto gráfico do primeiro álbum da banda Chico Science & Nação Zumbi, “Da Lama ao Caos”, álbum que circulou o mundo inteiro. Para o Abril Pro Rock, a designer Sonaly Macedo foi fundamental na construção da essência visual do festival, catalisador dessa cena.



Figura 1. Capa do CD de Chico Science & Nação Zumbi, projeto gráfico de DJ Dolores, e cartaz da 7ª edição do APR, design gráfico Sonaly Macedo.



O que caracteriza esse conjunto de cartazes como sendo do Festival Abril Pro Rock? Porque os cartazes do APR são um importante registro da memória gráfica pernambucana?

Acredita-se que a característica principal que indicará esses cartazes como sendo do APR será o visual underground próprio dos anos 90 em Recife. Por causa

da influência do Mangubeat, houve um aumento da experimentação de novas linguagens pelos jovens dessa época. Mesmo que os anos 90 seja a primeira parte das edições do APR, essa característica deve permanecer devido à essência pela qual o festival foi idealizado.

Para encontrar as respostas desse problema de pesquisa, é necessário buscar conhecimento em três grandes áreas: **design, história e comunicação**. Design, porque é preciso entender o processo criativo do artefato gráfico (o cartaz) e a forma como se deu o desenvolvimento de cada cartaz. História, pois essa produção aconteceu em um ambiente que influenciou o resultado da criação do cartaz, seja essa influência direta ou indireta, além de perpetuar a recordação. Comunicação, por causa da função do cartaz no qual faz parte do processo de transmissão da mensagem.

O design do cartaz, além de transmitir a mensagem, conserva indícios da identidade e do comportamento de uma geração. Por isso, pesquisar a memória gráfica é estabelecer o compromisso com a história de uma região. Assim como descreve Priscila Farias (2014) sobre a importância de se estudar a memória gráfica:

O método-chave para derivar a história das "coisas gráficas" é a análise gráfica e visual da linguagem, que pode nos informar sobre repertórios, tendências, gostos e sua circulação. Combinado com observações sistemáticas sobre os meios e técnicas de produção de artefatos gráficos, e com uma compreensão dos significados atribuídos a eles por clientes, produtores e consumidores, tal análise pode permitir interpretações históricas ricas. (FARIAS, 2014)

O que a autora quis dizer é que no processo de desenvolvimento do cartaz o designer se apropria do repertório visual que são compreendidos por clientes, produtores e consumidores. Essa apropriação se revela em elementos da linguagem visual nos quais carregam significantes da história do lugar, a interpretação do espaço ao redor influencia no processo produtivo desse artefato. Sendo assim, o cartaz assume importante papel no processo de registro da memória do espaço e do tempo.

O autor Rafael Cardoso (2004) mostra como o design se comporta em meio ao contexto histórico e a tecnologia, “o cruzamento de dados de ordem econômica e cultural com outras informações de natureza tecnológica e artística faz-se essencial para dar sentido à diversidade de manifestações do design em diferentes contextos”, pois esses contextos são influências diretas na produção projetual, essa influência pode ser observada nos resultados deste trabalho.

Para a análise dos vinte e cinco cartazes do APR, foi utilizada como referência a ficha de análise de Izabella Pinto (2017), a autora desenvolveu essa ferramenta baseando-se no Modelo de Análise da Imagem de Martine Joly (1994), fundamentado na teoria da semiótica. Houve, apenas, uma discreta modificação da ficha para melhor se adequar a este trabalho.

Os cartazes do Abril Pro Rock foram produzidos por diversos artistas e designers e foram observadas fases distintas em relação à produção. Os cartazes produzidos por designers dentro da Produtora Astronave Iniciativas Culturais, internos ao festival, tiveram melhor representação da essência do APR. Encontrar a essência do Festival Abril Pro Rock nesses cartazes fazem parte deste processo investigativo que Martine Joly (1994) denomina como significação global.

Foram encontrados 17 grupos de signos icônicos com diferentes conotações, praticamente todos relacionados de alguma forma com a música e; disposições variadas dos significantes plásticos, mesmo assim foi possível observar uma constante do layout do cartaz. Por isso, no tocante ao processo produtivo, o objeto de estudo se mostra como um rico material para ser analisado observando os aspectos relacionados ao design.

Esse é um dos motivos pelos quais se deu a escolha deste tema, estudar a memória gráfica dos cartazes do Festival Abril Pro Rock, é uma das possibilidades que se tem de fazer algo pela preservação da história do design gráfico e da música em Pernambuco, assim como conhecer os processos criativos dos designers levando em consideração o cenário de cada momento do festival.

1.1 Justificativa

Um dos principais festivais de música independente do Brasil, o Festival Abril Pro Rock chegou à sua vigésima quinta edição, o evento acontece anualmente desde 1993 e não existe uma catalogação desses cartazes e nem um mapeamento dessas produções sob a perspectiva do design, até então. O APR é o festival de música independente que está há mais tempo em atividade no país e representa uma importante parte da história da música brasileira e pernambucana ao surgir quase que simultaneamente com o Movimento Manguebeat. O design de cada cartaz do festival tem muito a dizer sobre os designers e artistas contemporâneos que fizeram parte dessa cena dos anos 90, como também do que continuou a ser

produzido nos anos 2000 e 2010. Esses vinte e cinco cartazes são um importante registro da memória gráfica pernambucana que precisa estudada.

1.2 Relevância para a área de design da informação

Essa coleção de cartazes nunca foi catalogada e analisada, ela representa o design contemporâneo ainda em transição, devido a chegada do computador e do acesso à internet. Historicamente, os primeiros cartazes são registros da corrida do designer gráfico para experimentar todas as possibilidades de uso dos computadores, seguindo por uma produção mais voltada para o domínio ou amadurecimento do uso dessas ferramentas.

A maior parte da produção desses cartazes se deu com a participação da dupla de criação formada por um artista convidado e um designer, cujo trabalho do designer gráfico era transformar a obra de arte/ilustração em elementos visuais que iriam compor o cartaz, com as informações necessárias para a circulação desse meio de comunicação e, assim, atingir o seu objetivo de divulgação do festival.

Os elementos gráficos encontrados nos cartazes do APR, reproduzem a interface da relação entre o design e a música, sendo essa uma significativa contribuição para o design da informação.

1.3 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é fazer um estudo sistemático dos aspectos morfológicos e semânticos do design gráfico dos vinte e cinco cartazes do Festival Abril Pro Rock.

Os objetivos específicos são:

- Registrar os cartazes do Abril Pro Rock e sua diversidade gráfica visual;
- Identificar os elementos visuais de cada cartaz;
- Fazer uma interpretação semiótica desses elementos visuais;
- Identificar as evoluções tecnológicas no desenvolvimento dos cartazes e;
- Contribuir para memória gráfica pernambucana.

1.4 Objeto de estudo

Vinte e cinco cartazes do Festival Abril Pro Rock dos anos de 1993 até 2017.

1.5 Estrutura da dissertação

A estrutura dessa dissertação foi planejada para atender aos objetivos da pesquisa, é composta por cinco capítulos, os capítulos 1 e 2 formam a fundamentação teórica, os capítulos 3 e 4 compõe a metodologia da pesquisa e o capítulo 5 é a conclusão das análises. A seguir serão descritos em parágrafos uma síntese de cada capítulo.

O Capítulo 2 '*As 25 edições do Abril Pro Rock*' é de fundamental importância para a pesquisa, porque mostra onde tudo começou e de onde originou o objeto de análise desta pesquisa. Mostra o contexto histórico ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010. Os acontecimentos que mudaram a cidade, que influenciaram o surgimento do festival, a importância do Movimento Mangue, seguido pelas mudanças ocorridas após esse movimento, a fase das longas viagens do produtor e idealizador do festival, Paulo André, que acompanhou outras bandas, explicando como esse fator interferiu diretamente na produção dos cartazes.

O Capítulo 3 '*A comunicação e o design gráfico do cartaz*', foi organizado de maneira que pudesse ser compreendido tudo o que envolve o cartaz. São apresentadas as mensagens de um cartaz e as suas funções. Está descrito também a Teoria da Comunicação. No entanto, para comunicar, o designer precisa das ferramentas de representação visual. Nesse capítulo está a explicação de cada uma dessas ferramentas, para que possa ser entendida essa relação entre o design e o cartaz. Esse capítulo fecha com o tópico '*Identidade cultural e memória gráfica*', que apresenta como a identidade cultural pernambucana se configurou na época e descreve sobre a importância de se preservar a memória gráfica para a compreensão e valorização da identidade cultural. O conteúdo desse capítulo é o suporte necessário para passar para o capítulo seguinte.

O Capítulo 4 '*A natureza da pesquisa*', esse capítulo apresenta como está sistematizado o processo de coleta de dados para a pesquisa, com a ficha de análise, as etapas que foram seguidas e o detalhamento dessas etapas. Essa é uma pesquisa de natureza descritiva, histórica e comparativa, com resultados qualitativos.

O Capítulo 5 '*Análise*', esse é o capítulo da apresentação dos resultados de cada cartaz, em uma descrição resumida, e do conjunto de cartazes, onde foram organizados por mensagem plástica, mensagem icônica e mensagem linguística.

O Capítulo 6 '*Conclusões das análises*', são as observações dos dados encontrados com argumentos baseados na fundamentação teórica, envolvem também os achados da pesquisa, dificuldades e reflexão se a escolha da fundamentação teórica foi adequada para a investigação.

Após o desenvolvimento dos capítulos, as '*Considerações Finais*' tem seu conteúdo configurado nas reflexões obtidas durante a construção de toda a pesquisa, desde as primeiras ideias até as conclusões das análises.

No '*Apêndice _ Fichas de Análise*' estão as fichas das análises preenchidas, foram digitalizadas vinte e cinco fichas.

Os '*Anexo A _ Entrevista com Paulo André*' e '*Anexo B _ História de cada cartaz*', apresentam, respectivamente, a íntegra da entrevista realizada com o produtor do festival e as histórias contadas por ele sobre cada cartaz.

2 AS 25 EDIÇÕES DO ABRIL PRO ROCK

2.1 A cena musical pernambucana dos anos 1990 e a idealização do festival

O final dos anos 80 e início dos anos 90 em Recife foi marcado pela chegada do Axé Music, ritmo musical vindo de Salvador – Bahia, que predominava nas rádios e nas ruas da cidade. A cena nativa e underground do punk rock e do hardcore que acontecia nas periferias de Recife, formada por bandas como Devotos do Ódio e Câmbio Negro HC, não tinham espaço para serem ouvidas.

Após três anos morando em San Francisco (EUA), entre 1986 e 1989, tendo vários padrões, americano, português, iraniano e até brasileiro, indo para shows nas horas vagas, conhecendo alguns pubs, produções de shows, chegando a ser correspondente internacional da Revista Rock Brigade e fazendo entrevistas com integrantes das bandas de rock na Califórnia, Paulo André retorna ao Recife e em 1989 monta uma loja no bairro das Graças de vinis e CDs que havia comprado nos Estados Unidos. Ele já tinha interesse em produzir shows em Recife, quando o seu primeiro show como espectador, desde o retorno, foi o festival de inverno da Universidade Católica de Pernambuco, Paulo André recorda que da banda à produção, tudo estava “tosco e pouco público”, “uma decepção”. Mas que passou a acompanhar tudo de perto para conhecer o terreno da produção musical que tinha interesse de entrar. (PIRES, 2018)

Então, menos de um ano depois da abertura da loja, em 1990, Paulo André e seu sócio, Kemp, organizaram o lançamento do primeiro registro fonográfico de uma banda do Recife, que foi o álbum ‘Espelho dos Deuses’ da banda *Câmbio Negro HC*. A loja custeou as capas e o encarte do disco. Como produtor, Paulo André sugere aos músicos da banda que a capa e o encarte sejam desenvolvidos por uma designer e uma artista plástica. Foram convidadas Oriana Duarte e Carla Sarmiento, elas eram o Departamento X e assinaram esse projeto (Figura 2). A primeira produção de Paulo André foi o show de lançamento desse disco, onde foi convidada a banda *Cólera* (SP) para tocar com *Câmbio Negro HC*. (PIRES, 2018)



Figura 2. Capa e contracapa do álbum 'Espelho dos Deuses' de CÂMBIO NEGRO HC. Fonte: toque-musical.com

As cenas eram muito pequenas e bem undergrounds, não tinha a cena estruturada como tem hoje com os festivais de música pelo país. Hoje, por exemplo, existe um calendário de festivais em todas as regiões do Brasil.

Em 1992, foi divulgado por Fred Zero Quatro, jornalista e vocalista da banda Mundo Livre S/A, o texto *Caranguejos com cérebro*, que descrevia a inspiração da cena mangue, os motivos que levaram ao seu surgimento e como a cena se configura. Esse texto é considerado um marco para o *Movimento Mangue*. Denominava-se como 'mangue' um som underground que estava sendo produzido na cidade e que fazia um resgate aos arranjos musicais da raiz cultural pernambucana. Punk, rock, hip hop, eletrônica e maracatu, essa foi a mistura base da banda Chico Science & Nação Zumbi, a banda expoente do movimento.

E eu ouvindo aqueles milhares de braços e de bocas de jacaré batendo ao mesmo tempo eu tive uma crise, assim, fodida. Eu disse: "meu Deus do céu, aonde é que eu tô e o que é que eu tô fazendo aqui?". Ainda virei pros meus amigos e falei: "meu irmão, vocês estão doidos é, velho?"[...] Todo mundo fazendo a dancinha como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Aquilo até hoje eu tenho como uma grande provocação da minha vida. Eu fui provocado por aquela cena que eu vivi. (PIRES, 2018)

Essa é parte da descrição de uma cena da semana pré-carnaval de 1993, onde Paulo André presencia a apresentação do cantor de axé Ricardo Chaves com a música 'O Bicho', no trio elétrico que passava na Avenida Boa Viagem. A partir dessa "provocação" e também pela saída da Rádio Rock e chegada da MTV, ele se motivou a iniciar o processo de produção de um festival que aconteceria depois do carnaval – pois é como se o ano somente começasse após o carnaval em

Pernambuco – mas que tem anos que o carnaval acontece em fevereiro, outros em março, por isso ficou o festival em abril, Abril Pro Rock (APR).

O Festival Abril Pro Rock surgiu para fortalecer e servir de catalisador da cena mangue. Antes as bandas da cena se apresentavam em pequenos bares, festas, produções de shows amadoras, elas encontraram no APR a chance de uma projeção maior. Teles (2003, p. 167) considera o APR “um evento de suma importância, porque mostrou que, pela primeira vez desde os festivais udigrudis dos 70, a música local tinha público”.

O produtor propõe um festival de música pop, onde apesar do nome Abril Pro Rock, não acontecem somente shows de rock. Desde a primeira edição o festival deu espaço para a música tradicional pernambucana como os ritmos do maracatu, do côco e da ciranda, dentre outros, de forma que a cena que estava acontecendo espalhada pela cidade, sem espaço na mídia, pudesse ser ouvida em um evento maior e mais bem divulgado. Um festival para entender o tempo e o espaço do que estava acontecendo na cidade.

O Abril Pro Rock (APR) é o festival de música independente que está há mais tempo em atividade no país, em 2017 foi realizada sua 25ª edição.

2.1.1 Movimento Mangue

Assim como foi dito no tópico anterior, o marco desse movimento foi a divulgação do texto *Caranguejos com cérebro*, considerado o primeiro manifesto Mangue. Esse texto de Fred Zero Quatro é um manifesto que apresenta a originalidade e a organização do conceito da cena. É de fundamental importância para essa pesquisa trazer o texto do manifesto na íntegra, pois ele é parte relevante da formação do contexto no qual o Festival Abril Pro Rock surgiu e intensifica o argumento do produtor Paulo André quanto à provocação que ele teve em fazer algo pela cidade, assim como outros jovens da mesma geração também sentiram essa necessidade de agir.

Caranguejos com cérebro, por Fred Zero Quatro (1992)

Mangue, o conceito

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica

entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

*A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.*

*Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.*

*Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.*

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

*Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.*

Hoje, Osmangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, MalcomMaclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

Com base nas palavras de Zero Quatro é possível notar a insatisfação sobre como Recife era conduzida pelos seus governantes – ou não conduzida – pois o texto transmite de forma clara a ideia de uma cidade estagnada.

O que a autora Hortência dos Santos retrata como uma mobilização de outros partidos políticos, movimentos sociais, ONG's e etc, nesse período de redemocratização do país, faz-se relação com a música que estava surgindo em Pernambuco e os idealizadores do Movimento Mangue,

foram se organizando contra um processo exógeno de produção da cidade, que obedecia ao capital financeiro em detrimento aos fatores endógenos constituintes do território e determinantes da qualidade de vida de quem nele habita. (2015, p.83)

O ambiente de Recife estava formado, rios, ruas, mangues e palafitas, prédios disputando a vista da paisagem natural da praia de Boa Viagem, os Altos e os Morros, cujas vistas eram de um retrato da desigualdade social, uma cidade de oportunidades desiguais. Recife havia perdido a identidade dos seus bairros com a verticalização homogeneizante e enfrentava problemas graves com a expansão do

seu território, devido ao crescimento da periferia, onde praticamente não havia investimento de infra-estrutura urbana, descreve o arquiteto Luiz Amorim (2003), ao contextualizar o ambiente dos anos 90 em Recife para a arquitetura.

Coincidência ou não, concomitante ao Mangubeat, as políticas públicas, inspiradas pelo conceito de globalização, fez emergir o conceito de conservação, como busca pela valorização das identidades regionais. O movimento cultural iniciado pelo Mangubeat influenciou a postura do governo e o comportamento das pessoas.

As pessoas que moram em Recife estavam sentindo uma necessidade muito grande de renovar a cultura da cidade. Quando surgiu o ManguBeat elas abraçaram a nossa causa. A gente ganhou amigos. Os produtores de vídeo, o pessoal da fotografia, das artes plásticas e do teatro foram aceitando a ideia, trabalhando conosco, isso permitiu que o movimento estourasse fora da cidade. (Science apud TELES, 2000: 329)

Apesar das palavras de Chico Science mostrarem que outras áreas da cultura abraçaram o Mangu, a cena que emergiu da periferia para as ruas da cidade ainda encontrava dificuldades para ser reconhecida dentro da própria região. Devido à sua diversidade sonora, certos rádios não queriam ‘tocar’ as músicas da banda Chico Science & Nação Zumbi por considerá-la como rock (rádios locais) ou música regional (rádios do sul/sudeste). (PIRES, 2018)

Paulo André, então convidado para ser empresário da banda Chico Science & Nação Zumbi, ao enfrentar dificuldade em divulgar a banda pelo Brasil, decide exportar a música, que logo despertou interesse nos Estados Unidos, onde, em 1995, a banda fez sua primeira apresentação internacional no *Central Park SummerStage (NY)*.

Através da figura característica de Chico Science, a cena mangu conquistou espaço além da música, a cultura pernambucana foi difundida no Brasil e no exterior.

O Movimento Mangubeat abrangeu mais do que música. Foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. [...] Fez, sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura. A partir daí, os artistas populares, muitos deles condenados ao anonimato, passaram a gravar discos e a ser cultuados pela juventude, a exemplo do Mestre Salustiano, Selma do coco, Lia de Itamaracá. Chico Science quando passou a trajar o caboclo de lança do Maracatú, acabou virando símbolo do estado, o que era antes marginalizado. E até mesmo o cinema pernambucano ganhou destaque pela influência do Mangubeat. (TELES, 2003)

Ainda na metade da década, em 1995, o Mangue já havia saído de Pernambuco indo direto para o exterior, “foi tudo muito rápido para quem esteve no olho do furacão: os músicos, designers, artistas plásticos e jornalistas”, descreve o jornalista José Teles (2003), estudioso da cena musical pernambucana.

O movimento expressa principalmente um estilo de vida, que valoriza as raízes culturais e o ecossistema do mangue, jovens mangueboys e manguegirls que não foram somente expectadores da cena, eles fizeram acontecer, esse foi um movimento das pessoas com uma intenção verdadeira que viver a cidade e não se conformar mais com o marasmo imposto para ela. Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, DJ Dolores, Eddie e Mestre Ambrósio, são as principais bandas desse movimento e responsáveis por influenciar as gerações seguintes da produção musical pernambucana.

2.1.2 MTV Apresenta

Em 1995, o canal MTV Brasil veio para Recife para transmitir o festival APR, que acontecia fora do eixo Rio-São Paulo. Então Abril Pro Rock passa a ser “MTV Apresenta Abril Pro Rock”. A partir desse ano o festival também lança a proposta das áreas das culturas se conhecerem, promovendo o *Mercado POP* com produções de moda, discos, acessórios e instalações artísticas de Flávio Emanuel e de Juliana Notari. A chegada da MTV mostrou que a cena mangue que estava acontecendo em Recife repercutia nacionalmente.

Era justamente onde a MTV queria estar, como um canal de música mundialmente famoso, a MTV Brasil precisava estar perto da cena mangue, saber como ela acontecia, conhecer a movimentação criada na cidade. Não somente a MTV Brasil, mas passou a vir também outros canais de comunicação como O Globo, a Revista Showbizz, O Estado, o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo. Entretanto, apesar de toda essa agitação local, o axé ainda era o estilo musical mais difundido em Recife.

2.2 Anos 2000

Nessa década o Abril Pro Rock começa a ter em seu *line up* as primeiras atrações internacionais, destaque para a banda *Asian Dub Foundation*¹, formada por

¹ Show da 9ª edição do Festival Abril Pro Rock em 2001, no Centro de Convenções em Olinda.

ingleses de origem indiana que mistura a música eletrônica com a tradicional indiana. O início dessa década é marcado pela retomada da força da música eletrônica.

O Festival APR muda sua proposta pioneira de incluir as apresentações da música tradicional do estado, que fazia desde a primeira edição, porque a música de raiz se torna lugar comum em quase todos os eventos de Recife, sendo assim, a partir dessa década as apresentações dos grupos de música tradicional não fazem mais parte do *line up* do APR. Porém isso também representa a imagem positiva da proposta do movimento mangue, cuja valorização do passado abriu as portas para os grupos de maracatu, coco e ciranda para outros eventos produzidos pelo estado, como por exemplo, o carnaval multicultural de Recife e Olinda.

Começa, então, a ter um dia do festival dedicado ao rock mais pesado, formando assim um público fiel que se organiza em caravanas saindo de várias cidades do nordeste para assistir aos shows das bandas internacionais que, antes esse público só tinha a chance de ver se viajasse para o sul ou sudeste do Brasil, o que se tornava mais caro.

Além das atividades do festival, desde 2005, Paulo André, estava como vice-presidente da Associação Brasileira de Festivais Independentes (ABRAFIN), o que resultou em muitas viagens pelo Brasil e, conseqüente, mapeamento da produção de designers, ilustradores e artistas. Fato importante para a escolha dos artistas que serão convidados a desenvolver os cartazes do APR e também para a formação do acervo particular do produtor.

2.3 Anos 2010

O Abril Pro Rock colhe, no início dessa década, seus primeiros frutos das oficinas oferecidas pelo festival como atividade complementar para o fomento da produção artística local. Foi aproveitando as dicas aprendidas nas oficinas, que três ilustradores recifenses, Caramuru, Raul e Celso, decidiram se transformar no coletivo Super Terra. Eles haviam cursado as oficinas do coletivo Bicicleta Sem Freio (GO) em 2009 e 2011. Posteriormente, ao ter conhecimento dessa história, Paulo André fez o convite para o Super Terra desenvolver o cartaz da 21ª edição do festival.

Outro importante acontecimento dessa década, que também faz parte da história do Abril Pro Rock, mas que é, principalmente, um projeto de valorização da

memória gráfica de impressos relacionados à música, é o lançamento em 2011 da 'Mostra Pôster Arte Design'. Essa exposição explora as possibilidades da cena artística visual do estado, do Brasil e do mundo². Ainda no mesmo ano, é fundada a Festivais Brasileiros Associados (FBA). Uma associação de festivais de música que reúne 18 festivais de todas as regiões do Brasil. A FBA tem como finalidade contribuir para o fomento e a circulação da música brasileira, orientando na gestão de mercado musical, estabelecendo assessoria técnica para o desenvolvimento da cadeia produtiva do setor e auxiliando na capacitação de novos artistas e agentes culturais no Brasil, além de potencializar e promover a troca de informações sobre os festivais de música independente³. (FBA, 2016)

Em 2015, os festivais do FBA fizeram circular em média 580 bandas, sendo 260 bandas regionais, 270 bandas de outras regiões e 50 bandas internacionais incluindo as latinas. No mesmo ano, os festivais da FBA contaram com um público direto de 470 mil pessoas e um público indiretamente atingido de cerca de 1,5 milhões de pessoas. (FBA, 2016)

Os festivais da associação ainda realizaram atividades extra shows, como seminários, palestras, oficinais, workshops, rodada de negócios e feiras que resultaram em um público direto de 8.000 pessoas. (FBA, 2016)

Compõem a FBA festivais de todas as regiões do país: quatro na região Norte, três do Nordeste, quatro do Sudeste, quatro do Sul e três do Centro-oeste. O Abril Pro Rock é o festival que está há mais tempo no circuito de festivais independentes, em 2018 foi produzida sua 26ª edição. Fora da FBA, mas de igual importância para a cultura brasileira, têm-se os festivais como o Festival Bananada (GO), o Festival DuSol (RN), o Psicodália (PR) e o Satélite 061 (DF), dentre outros. (FBA, 2016)

Essa década fica marcada pela intensa troca de informações entre os festivais independentes, facilitando o processo de divulgação e circulação das bandas que estão surgindo pelo país. Promovendo uma valorização da música independente brasileira de qualidade, que não tem chance de competir com as bandas que tem como “donos” empresários e jabás dos meios de comunicação.

² Página do evento que ocorreu em 2017, dos 25 anos do Festival Abril Pro Rock. Abertura Mostra Pôster Arte Design Ano VI. Acesso em: <https://www.facebook.com/events/1938824879670246/>

³ Dados do portfólio da FBA de 2016. Acesso em: https://issuu.com/festivaisbrasil/docs/fba_-_portfolio

3 A COMUNICAÇÃO E O DESIGN GRÁFICO DO CARTAZ

3.1 A mensagem do cartaz: função, informação e semiótica

Analisar um cartaz significa desvendar sua estrutura, conhecer as informações e entender como essa ferramenta de comunicação desperta no indivíduo seu interesse em ler aquela mensagem. Assim como Abraham Moles descreve em seu livro *Debates, debates, debates: comunicação* (1974), o cartaz tem uma mensagem do coletivo, mas que é direcionada para o indivíduo, por meio da utilização dessas duas ferramentas: a semântica e a estética.

A mensagem semântica ou denotativa transmite a mensagem de modo claro, explica por meio da utilização de signos o que aquele cartaz significa, sejam os signos palavras ou desenhos. A mensagem estética ou conotativa tem sentido através da aplicação das linguagens visuais que transmitem um significado subjetivo e pessoal, mas que ao mesmo tempo um grupo de pessoas também possam se sentir representados.

3.1.1 Funções do cartaz e função da imagem

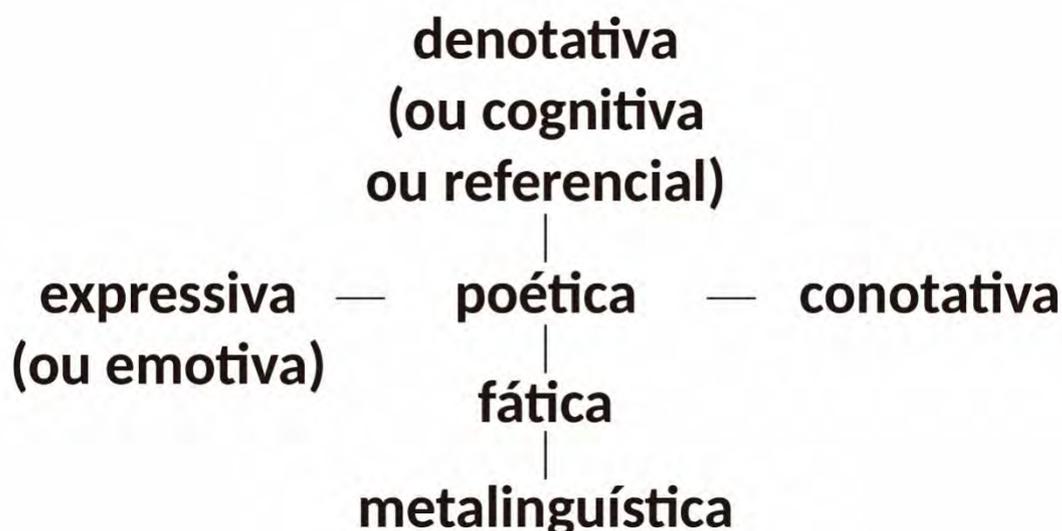
São cinco as funções do cartaz: da informação, de propaganda ou de publicidade, educadora, da ambiência e estética.

Na função *da informação* o papel semântico é essencial. *De propaganda e publicidade*, o cartaz é instrumento para convencer ou seduzir o receptor. *Educadora*, é a comunicação entre o organismo e a massa, faz parte de uma função cultural, pois condiciona a certos valores. A função *de ambiência* é o cartaz como um elemento do ambiente urbano. A *função estética* é, na verdade, quando o apelo visual estético prevalece sobre as outras funções. Em certa circunstância o cartaz ainda pode ter uma nova função, a *criadora*, porque são criadores de desejos e necessidades, pois mesmo que ninguém mais se interesse pelos cartazes, ainda lhe restaria o interesse em torná-lo objeto artístico da cultura comunicativa, seria uma função artística dada por colecionadores. (MOLES, 1974. p. 54)

Como premissa da análise da imagem se faz necessário saber para quem ela está sendo produzida, saber sua função como imagem. Para conceituar, Joly (1994) utilizou o esquema de seis polos dos fatores inalienáveis da comunicação verbal de Roman Jakobson (1970):



Cada um desses fatores possui sua função linguística como está representado no outro esquema a seguir. Ambos os esquemas trazidos do livro de Joly para auxiliar a fase seguinte desta pesquisa.



A função *denotativa* da imagem concentra o conteúdo da mensagem naquilo sobre o qual é falada. A função *expressiva* está focada no emissor da mensagem e, conseqüentemente, ela se manifesta mais subjetiva. A função *conotativa* da linguagem serve para manifestar o destinatário no discurso da mensagem. A função *fática* se concentra no canal de comunicação, o contato, a parte da função da linguagem que interage com o participante. Enquanto a função *metalinguística* tem como foco o exame do código empregue, a função *poética* trabalha sobre a própria mensagem. (JOLY, 1994. p. 63-64)

3.1.2 Teoria da Comunicação

O cartaz é o canal físico de transmissão dessa mensagem. De acordo com Moles (1974) o emissor (cartazista) para montar a mensagem, decodifica-a em

significados e elementos de significação dos signos que fazem parte do seu repertório visual – transformando em cartaz – e o receptor (cliente, indivíduo) entende a mensagem devido à experiência vicária. É como se o receptor conseguisse vivenciar a ideia transmitida pelo emissor. Para Hollis (2000), o elemento de significação ou signo sozinho não é uma imagem, mas se agrupados, eles formam uma imagem.



Figura 3. Modelo de Teoria da Comunicação de Gerhard Maletzke (1963). Adaptado pelo Prof. Dr. Hans Waechter.

Na teoria da comunicação o designer tem o papel do emissor da mensagem, o processo de decodificação desses signos para transformá-los em cartaz, ocorre por meio da utilização de aspectos plásticos e de aspectos linguísticos que vão servir de ferramenta para a elaboração do apelo visual do cartaz. O cartaz é resultado de ambas interpretações, a do designer e a do receptor.

Este tipo de associação mental que ajuda a distinguir os diferentes elementos uns dos outros tem o mérito de permitir interpretar as cores, as formas ou os motivos por aquilo que eles são, algo que fazemos de um modo relativamente espontâneo, mas também e, sobretudo, por aquilo que eles não são. Com efeito, este método alia à análise simples dos elementos entre outros, o que a vem enriquecer consideravelmente. (JOLY, 1994. p.58)

Esse apelo visual é produzido por diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos e coletividades. Para o design da informação é importante que a mensagem seja entendida em todos os níveis.⁴

3.1.3 Semiótica

Joly descreve dois tipos de imagem: as *imagens fabricadas* e as *imagens manifestas*. O pictograma é um tipo de *imagem fabricada* com o intuito de imitar perfeitamente uma analogia com o significado que ela representa. São indícios antes de serem ícones, uma síntese visual do seu significado. As *imagens manifestas* tratam da assemelhança, foto, vídeo ou filme, são ícones dos significados que representam. (JOLY, 1994. p. 44)

os cartazes do Abril Pro Rock são considerados como imagem, pois eles são a imagem do festival, ou seja, representam o que ele significa. Entretanto é importante trazer a definição de 'imagem' da autora Martine Joly, cuja interpretação está baseada nos estudos de Charles Peirce (1978).

É preciso não esquecer, com efeito, que se toda imagem é representação, tal implica que ela utilize necessariamente regras de construção se essas representações são compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convecção sociocultural, por outras palavras, que elas devem grande parte da sua significação ao seu aspecto de símbolo, segundo a definição de Peirce. (PEIRCE,1978 apud JOLY, 1994)

Os cartazes do APR comunicam seus significados há mais de 25 edições. Nessas mais de duas décadas, considerando principalmente o contexto sociocultural da fase inicial do APR, esses cartazes fazem parte de um conjunto de outras expressões (moda, dança e a própria música) de uma importante fase da história da música pernambucana. Os cartazes compõem uma parte de um significado maior, o movimento Mangubeat, nos casos dos cartazes produzidos nos anos 90.

O objeto de análise dessa pesquisa, o conjunto dos vinte e cinco cartazes do Abril Pro Rock, é um elemento da representação simbólica da cultura pernambucana, cujos artistas e designers imersos nesse contexto, de alguma forma,

4 Outro exemplo para entendimento da mensagem, está na perspectiva da universalização, foi o desenvolvimento do método isotype, criado por Otto Neurath nas décadas de 20 e 30 é um sistema projetado para comunicar informação de forma simples por meio do uso de pictogramas que representam a informação substituindo a linguagem verbal. Universalização, porque, esse método de simplificação da informações é utilizado, por exemplo, pelos jogos Olímpicos, evento esse no qual vários países fazem parte da competição. Desta forma o processo de comunicação dos esportes foi simplificado de várias traduções em texto, para vários pictogramas correspondentes a cada esporte.

reproduziram o cotidiano delas, expressaram por meio dos seus trabalhos as ideias de uma geração. Além das escolhas das ferramentas da representação visual, para mostrar isso, outro fruto dessa análise será a influência das tecnologias na produção desses cartazes.

3.2 Ferramentas da representação visual

As representações visuais como pictogramas, formas, fotos, dentre outras, são as ferramentas (significantes) que os designers/artistas se apropriam para comunicar a mensagem do cartaz, entretanto o conjunto e a maneira como esses significantes estão dispostos transmitem também um significado implícito e simbólico. Os estudos da semiótica vão ajudar a entender os significados explícito e/ou implícito de cada cartaz.

Retomando a Teoria da Informação de Moles de forma mais detalhada, as representações visuais ganham forma pelo designer/artista no momento da busca desses elementos em meio à um repertório de morfemas culturais do próprio designer/artista⁵. Esses morfemas também fazem parte do repertório arquetípico sociocultural, onde o espectador possui seus próprios valores e necessidades, por isso ocorre uma identificação entre a mensagem física (cartaz) com o espectador. Esses elementos evocam significados para o espectador. (MOLES, 1974)

Para Richard Hollis (2000) “o design gráfico é a arte de criar ou escolher tais marcas⁶, combinando-as numa superfície qualquer para transmitir uma ideia”, consiste no planejamento das ideias e das representações visuais para o desenvolvimento de um produto gráfico. Assim como Dondis(1997) afirma, “sempre que alguma coisa é projetada e feita, [...] a estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre”, é papel do designer gráfico ter a sensibilidade para identificar que tipos de elementos requer cada mensagem.

Para entender a apropriação dos designers/artistas sobre as ferramentas da representação visual, será considerado a definição da imagem por Martine Joly que divide a imagem em três tipos de mensagem: **mensagem plástica**, **mensagem icônica** e **mensagem linguística**. A seguir, para descrever cada tipo de mensagem, serão utilizados os conceitos de Martine Joly (1994, p. 104-119).

⁵ No livro, Moles denomina de cartazista.

⁶ O autor faz referência às marcas gráficas, signos.

3.2.1 Mensagem plástica

A mensagem simbólica / plástica se apoia no entendimento da conotação e dos significantes utilizados para compor a mensagem.

Suporte /O material e as dimensões da área na qual a imagem está impressa assinalam o tipo de mensagem visual, se anúncio, cartaz, folder, faixa etc.

Moldura /Limites físicos da imagem, diferente do limite do suporte da imagem. O efeito da moldura proporciona representações visuais *fora-de-campo* dela, leva o espectador a construir imaginariamente aquilo que não vê no campo visual da representação.

Enquadramento /Corresponde à dimensão da imagem, o resultado suposto da distância entre os elementos, a cena e o “olhar” da captura dessa imagem. Ajuda se comparar a tamanhos reais. Não confundir com moldura.

Ângulo do ponto de vista /Como o nome já diz, é o ponto de vista em que a cena está sendo retratada no cartaz, de cima, de frente etc.

Composição /É a geografia interior da mensagem visual, como os elementos estão arranjados no espaço dentro do cartaz.

Georges Péninou (*apud* Martine Joly, 1994, p. 113-114) descreve as *configurações privilegiadas* da imagem publicitária. Essa descrição ajuda na interpretação desse aspecto plástico de *composição* das imagens dos cartazes do Abril Pro Rock:

— a construção focalizada: as linhas de força (traço, cores, iluminação, formas) convergem para um ponto do anúncio que tem o papel de montar e que se torna no lugar do produto a promover. O olhar é como que atraído na direção de um ponto estratégico do anúncio onde se encontra o produto;

— a construção axial, que coloca o produto exatamente no eixo do olhar, em geral exatamente no centro do anúncio;

— a construção em profundidade, em que o produto está integrado numa cena com um cenário em perspectiva, ocupando a frente da cena, no primeiro plano;

— e a construção sequencial, que consiste em fazer percorrer o olhar pelo anúncio de maneira a que, no final do percurso, ele caia sobre o produto, a maior parte das vezes situado (para a leitura da esquerda para a direita) na parte inferior direita do mesmo.

Formas / Interpretação da forma como ela é. Por ser um dos elementos plásticos essencialmente antropológico e cultural, corre-se o risco de se fazer a interpretação na mente, sem descrevê-la.

Cor e iluminação / A interpretação das cores e da luz é antropológica, assim como das formas. De fato, a cor e a iluminação, têm sobre o espectador um efeito psicofisiológico, uma vez que opticamente apercebidas e psicologicamente vividas, colocam o espectador num estado que se assemelha ao da sua experiência primeira e fundadora em matéria de cores e de luz.

Textura / A textura é uma qualidade de superfície que se define pela qualidade de seus elementos e pela qualidade de sua repetição. A textura está direta ou indiretamente ligada à terceira dimensão das imagens bidimensionais.

3.2.2 Mensagem icônica

A Mensagem icônica ocorre por meio do entendimento da denotação (*significados de primeiro nível*), os signos já foram previamente conhecidos no momento da descrição verbal do cartaz. Devido as regras de transformações representativas, cada signo existe para outra coisa diferente de si próprio, são os significados conotativos (*conotações de segundo nível*) que rodeiam como satélites de cada signo icônico. (JOLY, 1994, p. 122)

Serão encontrados os *motivos*, cujas representações consistem – no sentido figurado – em tomar a parte pelo todo, ou seja, encontram-se “partes dos elementos que estão lá para designar o todo por contiguidade” (JOLY, 1994, p. 122); e as *posturas*,

Com efeito, as representações figurativas colocam em cena personagens e uma parte da interpretação da mensagem é então determinada pela *cenografia*, que retoma posturas também elas culturalmente codificadas. (JOLY, 1994, p. 122)

3.2.3 Mensagem linguística

A mensagem linguística é a parte de texto do cartaz e tem papel importante na determinação do significado do conjunto da imagem, pois sem o texto a imagem sozinha é polissêmica, estaria livre para várias e diferentes interpretações. Apesar do texto fornecer o conteúdo linguístico propriamente dito, a linguagem verbal também é formada por aspectos plásticos que lhe coloca em posição de imagem.

Sendo assim, a mensagem linguística será analisada em dois aspectos: a *imagem do texto* e o *conteúdo linguístico*.

Para a análise dos cartazes do Abril Pro Rock, a mensagem linguística tem duas partes textuais fortes que são encontradas em cada cartaz: o nome do festival “Abril Pro Rock” e a lista de shows que também é conhecida como “*Line Up*”.

Imagem do texto | Como parte da análise da mensagem linguística o texto possui uma interpretação inicial pelo seu grafismo, cor e disposição na página, antes mesmo de se ler e entender o que está escrito, o texto se comporta como uma imagem. Cada uma dessas partes grafismo, cor e disposição, foi escolhida intencionalmente pelo designer / artista para compor o conjunto da mensagem e essas opções plásticas contribuem para a significação da imagem visual do cartaz.

Conteúdo linguístico | O texto na imagem para Roland Barthes (1972 apud Martine Joly 1994) apresenta-se de duas formas: ou o texto tem a função de *âncora* ou tem a função de *substituição*, ambas em relação à imagem.

A função de *âncora* é para prender o significado da imagem pelo que está escrito no texto, não deixar vagar as interpretações por outros sentidos, onde a polissemia da imagem permite tal ação. A função de *substituição* é a parte da mensagem que, apesar da força comunicativa e expressiva da imagem, o conteúdo que vem a complementar a mensagem como um todo, não teria como ser interpretada com imagens, então o recurso verbal é necessário em substituição dos elementos visuais.

Classificação tipográfica | A classificação tipográfica seguirá de acordo com a proposta de Catherine Dixon (1995), porque a autora subdivide as letras ‘gráficas’ da classificação Vox-Atyp1 em *ornamentais* (onde floreios tomam conta da estrutura), *processadas/manipuladas* (cuja aparência resulta de um processo de distorção tecnológica), *sampleadas* (que resultam da combinação de elementos extraídos de outras fontes), *emulativas* (que simulam o efeito de algum tipo de processo de impressão diferente daquele que de fato atualizam) e *curvilíneas* (com combinações de curvas e linhas altamente estilizadas, independente da presença de serifas). Dessa forma, foi possível fazer uma classificação mais detalhada do lettering ‘Abril Pro Rock’ identificados nos cartazes do festival.



Figura 4. O sistema de classificação de tipos proposto por Dixon (1995: 87). Figura retirada do artigo 'Um panorama das classificações tipográficas' dos autores Fabio Silva e Priscila Farias (2005).

3.3 Breves apontamentos das influências das técnicas de impressão no processo criativo do cartaz

Existem na história dos impressos diversas técnicas de impressão que vão desde as mais artesanais como a xilografia e a serigrafia, até os processos de reprodução industriais de alta tiragem, como o offset. O processo produtivo de um cartaz – tal qual outros artefatos gráficos como embalagens, logotipos, folders etc – passou por grandes transformações durante todo o século XX, essas transformações se deve principalmente pela da influência da evolução tecnológica do processo de impressão.

Tecnologias revolucionárias se sucederam no século XX e continuam a acontecer no século XXI. Todas as passagens de impressão e reprodução gráfica: tipografia, linotipia, impressão a quatro cores, fotocomposição, entre outras, contribuíram para mudar seus procedimentos e sua linguagem. Com o advento do computador pessoal no fim da década de 80, novo impulso foi dado a essa vertente do design. (DE CAMPOS, 2006, p. 62).

Mostrar um pouco da história dessa influência das técnicas de impressão no processo criativo do designer é relevante para entender o anseio criado no momento em que precedeu a chegada do computador pessoal. O objetivo deste tópico é apresentar de forma ampla essa relação entre design x impressão, na qual resultou em algumas particularizações do perfil do designer gráfico.

A **tipografia** de tipos móveis criada no século XV por Johannes Gutemberg consiste em combinar os tipos de metal formando blocos de texto. Quando eram combinados texto e imagem, utilizava-se a técnica da xilogravura para a ilustração, entretanto não eram comuns impressos tipográficos com ilustrações. O uso das diferentes famílias tipográficas estava limitado aos tipos que a gráfica tinha em sua coleção. Apesar da fotografia ter surgido antes da tipografia, nessa época ainda não era possível fazer ampliações fotográficas e grandes tiragens. Dessa forma, o designer gráfico utilizava sua criatividade para transpor os limites desse processo de impressão, que apesar de tudo, ainda era a forma mais comum de impressão. (HOLLIS, 2000; LIU, 2013)

Com o surgimento da **litografia**, de 1805, a técnica de impressão de desenhar sobre a pedra, como o próprio nome já transmite *lito-* pedra e *grafia-* desenho, os artistas puderam ter mais controle sobre sua arte, por conta da ação de desenhar à mão livre. Os cartazistas alcançaram a liberdade criativa, na qual atingiu seu apogeu no final do século XIX. Na tipografia não era possível criar fontes próprias momentos antes da impressão, sequer fazer impressão em grandes formatos, onde na litografia se tornou possível. (HOLLIS, 2000)

A pedra funciona como um papel em branco para o artista, onde ele planejará cada espaço do cartaz que, para Richard Hollis (2000) “esse controle sobre a impressão foi o começo do design gráfico” e “a intercambiabilidade entre figura e fundo [...] se tornariam um dos princípios do ensino básico do design gráfico”, enfatizando as palavras de Hollis, pode-se afirmar que a impressão litográfica foi um importante passo para a área do design gráfico. Outro aspecto positivo da litografia é a utilização de cores, onde artistas como Jules Cheret, Toulouse-Lautrec (**Figura 5**),

Bonnard, entre outros, inovaram o uso das cores por meio desse expediente artístico, apresentando trabalhos que marcam a história dos cartazes.

A atenção dos transeuntes era capturada pelo colorido dos pôsteres, que se tornou possível graças ao desenvolvimento da impressão litográfica. As ilustrações refletiam o estilo artístico da época e introduziam uma nova estética de imagens econômicas e simplificadas, decorrentes dos meios utilizados para reproduzi-las. O que lhes dava um contexto preciso era o texto. (HOLLIS, 2000, p.115)



Figura 5. Pôster de Toulouse Lautrec, 1895.

De acordo com Richard Hollis (2000, p.19) “Um século após terem se apropriado do novo meio de impressão litográfica, os artistas passaram a explorar novas tecnologias para controlar a produção de texto e imagem” pode-se afirmar que por um século a litografia foi o meio artístico mais utilizado pelos cartazistas, deixando de ter sua hegemonia após o surgimento da fotografia e do computador, estes passaram a ser os meios mais utilizados até os dias atuais.

Nos anos 90, com a chegada do computador, houve uma corrida para dominar as técnicas dessa ferramenta. Alguns cartazes do Abril Pro Rock carregam essa estética da ‘exploração das possibilidades’, uma onda criativa que não condizia

com a estética limpa até então aplicada pelos designers recifenses mais tradicionais, formados sob a influência da ESDI⁷.

Em termos de linguagem visual, as décadas de 80 e 90 presenciaram uma corrida desenfreada para o acesso ao conhecimento e ao domínio técnico dos meios digitais provocando uma avalanche de produções que exploravam todas as possibilidades que os softwares ofereciam: colagens, sobreposições, tipografias novas, coincidindo também com o que ficou conhecido como tendência pós-modernista no design gráfico. A possibilidade de juntar imagens e textos de procedências distintas foi uma das marcas desse tipo de design (DE CAMPOS, 2006, p. 63).

Em Pernambuco, o curso de Desenho industrial (habilidades em programação visual e projeto do produto) foi criado em 1972 na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e estava formando em 1975 sua primeira turma de profissionais em desenho industrial. Nessa época, a produção de design em Recife, tinha características estéticas da Ulm, projetos limpos, geometrização das formas, modulações e etc. Essa influência ocorreu devido a falta de professores especializados para algumas disciplinas, nas quais a UFPE convidou professores da ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial) para dar cursos intensivos em Recife. (LIMA, 2011)

A Professora Margarida Correia Lima, formada na primeira turma do curso de Design Industrial da UFPE, em entrevista concedida em 2010 para Rafael Lima⁸, ela fala sobre sua visão dos novos designers dos anos 90:

Agora, na década de 90 você vê uma parafernália sem critério nenhum. Aí quebraram, os novos designers quebraram tudo, quiseram ser o moderno do moderno, mas foi uma zona! Foi na época que apareceu o computador. Houve um empobrecimento do design, das imagens no design. Aí nos anos 200 houve uma retomada da melhoria, de tentar o design de uma forma mais séria. (LIMA, 2010 apud LIMA, 2011)

A crítica da professora tem como base de pensamento a sua formação nos moldes do design moderno. Sendo assim, podemos deduzir que o design pernambucano dos anos 90 foi levado pela tecnologia e novos ares das musicais locais, sendo assim, se desprendeu do modelo europeu e propôs experimentos nos quais de alguma forma poderiam encontrar a identidade da cidade.

⁷A ESDI é o primeiro curso de desenho industrial do Brasil, foi criado em 1963 no Rio de Janeiro. Os professores que ensinavam na ESDI, haviam estudado na Escola de Ulm, na Alemanha, sucessora da Bauhaus. O modelo de ensino da Ulm é o design modernista europeu.

⁸ Entrevista concedida para Rafael Lima, para o desenvolvimento da dissertação *Estética moderna do design pernambucano: Lula Cardoso Ayres*. UFPE. Recife, 2011.

A jornalista Cristiana Tejo faz uma interessante observação sob a perspectiva das artes plásticas nos anos 90 influenciada pela criação do movimento Manguebeat, no qual ela descreve “Apesar de ter sido uma época marcadamente individualista, os anos 90 no estado vão ser lembrados pela força da ação coletiva” (2003, p.51). Individualista porque os artistas tiveram que se lançar em um ambiente onde havia começado na periferia e não tinha ao seu dispor investimentos do governo ou de empresas. Porém coletivo, pois envolveu todos os setores culturais.

Como exemplo de coletivo, se tem a história do cartaz do APR de 1996, no qual os designers do Zona D Design convidam o fotógrafo Gil Vicente para fazer uma imagem de cabos, CD's e materiais afins, sendo essa imagem posteriormente editada no computador e o cartaz desenvolvido. Esse processo criativo se apresenta como uma experimentação dos participantes.

O uso dos computadores transformou uma nova geração de designers que misturavam em computador as fotos transformando-as em imagens híbridas, substituindo as montagens do início do século onde se era utilizado o clichê. Como introduz Richard Hollis (2000) em seu livro sobre as novas técnicas e tecnologias (fotografia e computador) “garantiram ao designer um controle cada vez maior sobre os meios de produção e reprodução das artes gráficas”.

Do ponto de vista criativo, sempre me intrigou a ideia do design gráfico como “obra única reproduzida em série”. Tal proposta revela a ambiguidade central do trabalho de criação gráfica, sua efemeridade, sua existência limitada por sua condição essencialmente utilitária, reproduzível e descartável. Por outro lado, ela funciona também como um termômetro permanente de seu tempo. De algum modo, sempre esteve presente em parte de meu trabalho a apropriação de clichês visuais, seja reutilizando ícones da cultura de massa, seja extraindo referências de obras de artes plásticas ou pelo mero reaproveitamento de materiais impressos industrialmente. Das fotomontagens construtivistas de Rodchenko à banana pop de Andy Warhol, de Kurt Schwitters a Walt Disney, o universo visual contemporâneo é o da cultura de massa e seus produtos: recortes de revistas, tickets, dinheiro, embalagens, santinhos, rótulos, folhetos de cordel, bulas, formulários, propaganda, e a imensa produção de lixo decorrente. (LINS, 2010, p.12)

Como o designer pernambucano Rico Lins fez em sua reflexão, o design contemporâneo é essa fusão da comunicação de expressões de variados formatos dos projetos gráficos e consequente produção de lixo decorrente. A ideia de se usar a tecnologia é fazer com que a pessoa reflita sobre dois caminhos: o da agilidade e o do descarte. Logo, uma das vertentes do design contemporâneo é a preocupação com o meio ambiente.

3.4 Identidade cultural e memória gráfica

Um dos objetivos dessa pesquisa é contribuir para o registro da memória gráfica pernambucana através da análise dos cartazes do festival Abril Pro Rock. Para Farias (2014) a “memória gráfica compartilha interesses e métodos com campos de estudos mais conhecidos, como a cultura visual, a cultura impressa e a cultura material”, o cartaz é um objeto que faz parte dessas três culturas e ainda detém a importância histórica de carregar indícios físicos (tecnologias de impressão) e visuais (elementos da linguagem visual) que representam de alguma forma esse ambiente no qual foi produzido.

A cultura visual “significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNÁNDEZ, 2011). Nessas condições a produção de um cartaz requer grande responsabilidade do emissor da mensagem e, considerando as vinte e cinco produções para o festival, os cartazes carregam partes significativas de uma geração artística e musical.

As ideias dos autores Kornalewski e Pedrosa (2014) nas quais dissertam em favor – ou apresentam estudos que configuram a evidência – da monumentalização do Manguebeat, tem como base argumentativa a representação social da música, onde ela “constitui importante campo no qual a identidade se constrói e se reformula processualmente [...] possui informações que, intencionalmente ou não, se encontram na sociedade”, pode-se dizer da música e de seus derivados. A definição de representações sociais, segundo Moscovici (2010, p.46):

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. [...] tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa.

Esse conceito também se aplica ao corpus desta pesquisa e, enfaticamente, por serem cartazes de um festival de música independente onde serão catalogados e analisados nessa pesquisa, com essa finalidade, sobre a representação que esse conjunto de cartazes tem para Pernambuco.

Os autores Kornalewski e Pedrosa (2014) ainda desenvolvem outro aspecto, o conceito de ressonância de Greenblatt (1991), no qual se desenvolve como parte

da perpetuação da obra e o entendimento desta com valor e, assim, promovê-la a patrimônio. A elevação de uma obra a patrimônio é reconhecer a importância para a memória da região ou de um setor. De acordo com Le Goff, memória é:

Tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar recordação [...], tem como características o ligar-se ao poder da perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (2012, p.510)

O design é uma disciplina que é interdependente da tecnologia, apesar de se discutir o design antes do design, é reconhecido que a relação entre design e tecnologia converge no olhar as coisas de forma diferente, conseqüentemente, enxergar o futuro. Foi, pensando no futuro, que surgiram as primeiras propostas da preservação da memória gráfica brasileira.

Os estudos iniciais de memória gráfica estavam relacionados aos impressos efêmeros, esses impressos são mais suscetíveis ao desaparecimento após a sua produção e distribuição. Na era digital, os impressos como os cartazes, por exemplo, estão sendo cada vez menos utilizados e por isso se faz necessário o registro de memória da cultura impressa. A partir do momento em que o cartaz se transforma em objeto de coleção – o cartaz emoldurado em uma casa ou museu – ingressa para a cultura material.

Um festival de música tem grande influência social de modificação do meio e incentivo à cultura – como já foi visto no conceito de representação social – seja qualquer área da cultura: moda, artes visuais, fotografia, música, cinema e teatro. O festival Abril Pro Rock serviu de vitrine para o Movimento Mangue ter visibilidade nacional, juntos o festival e o movimento mostraram a fertilidade criativa da cidade em adaptar o cotidiano para a forma como os jovens gostariam de viver a cidade do Recife. Paulo André faz um comparativo da popularidade da imagem do cantor Chico Science:

Porque Chico virou mito, na minha opinião. Chico tá pro Recife como Bob Marley tá pra Jamaica, como Kurt Cobain tá pra Seattle. Todos morreram jovens, digamos assim, no auge das suas carreiras, e eles têm uma ligação muito forte com a imagem do lugar de onde eles vieram, com o contexto do lugar de onde eles vieram. (PIRES, 2018)

Assim como a *estética grunge* foi difundida nos Estados Unidos, com camisas de botão de flanela xadrez e calça jeans rasgada, a *estética mangue* também foi

formada e difundida. O famoso chapéu de palha de Chico Science e o caranguejo viraram símbolos do Movimento Manguebeat.



Figura 6. Foto de Chico Science usando o chapéu de palha e um caranguejo no primeiro plano da foto. Fonte: bileskydiscos.com.br

A música inspirou essa movimentação. Alguns nomes locais pegaram carona na cena mangue, são eles: Eduardo Ferreira com a coleção *Mangue Fashion* para o evento, Phytoervas Fashion, Beto Normal, Marcelo Taulbert e Período Fértil (que produzia o figurino da banda Chico Science e Nação Zumbi). Trazendo as palavras de Zero Quatro (1992) “bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo [...] Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown”.



Figura 7. Recorte de uma página de revista com a matéria sobre a coleção Manguê Fashion de 1995. Fonte: br.pinterest.com

As palavras de José Teles (2003) descrevem como a cena se desdobrou pela cidade:

[...] foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. Indiretamente fez surgir vários pólos culturais na cidade (o pólo Pina, com o lendário bar, A Soparia, de Roger Renor, tornou-se “point” dos Manguéboys e Maguegirls). Fez sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura. (TELES, 2003)

Esses polos tinham uma função importante de fazer circular a cena manguê pela cidade, as festas serviam de pontos de encontro das áreas da cultura, fotógrafos, diretores de cinema, artistas plásticos, dentre outros, trocavam ideias nesses lugares. Logo, o festival APR, tinha a função de projetar as bandas à nível nacional. Apesar de ser um evento anual, o APR faz parte do cotidiano das pessoas e servia de inspiração para alguns artistas, como pode ser notado nas figuras a seguir.

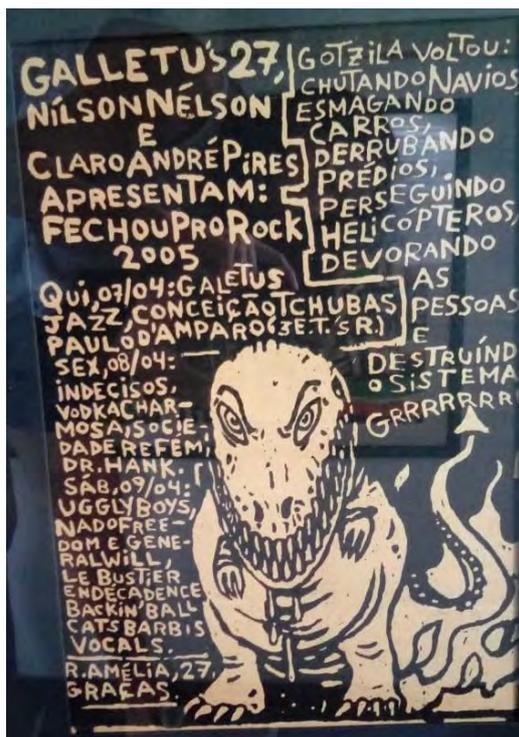


Figura 8. Cartazes de Paulo do Amparo, uma sátira ao festival Abril Pro Rock. Fonte: Acervo particular de Paulo André.





Figura 9. Abrindo o Gás, obra de Fernando Peres. Cartaz de divulgação do evento underground que acontecia na semana pré do Abril Pro Rock. Detalhes da obra citando Paulo André e Félix Farfan. Fonte: Acervo particular de Paulo André.

É interessante observar que as obras de arte de Paulo do Amparo e Fernando Peres são um importante registro de memória gráfica e visual do comportamento dos jovens que viveram a cena mangue, ao agregar a música e tudo que fazia parte dela como elemento de inspiração e expressão artística. O que antes do movimento mangue estava parado, quase morto, agora as pessoas buscavam formas para se expressar.

Essas obras servem de exemplos para mostrar como o Abril Pro Rock está na memória do pernambucano. A provocação faz parte da atividade artística e cabe à

sociedade entender que essa forma de expressão contribui também para a construção da identidade do festival, do movimento mangue e de Pernambuco.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada.” (HALL, 2005, p.38).

Ao considerar que uma obra de arte é construída através de processos inconscientes, faz-se aqui, então um paralelo das palavras de Stuart Hall para ambas as configurações da arte e da identidade. Para as duas existe sempre algo imaginário e, apesar da descrição de Hall ser referente à identidade, relacionando esse conceito à arte, mesmo que o autor da obra considere seu trabalho como ‘concluído’, a obra de arte fica suscetível a interpretação do receptor, logo, ela pode ser considerada incompleta ou em processo de formação. Essa perspectiva serve para elucidar como a arte ajuda na formação da identidade.

Toda essa relação entre arte e identidade foi para mostrar como essas três palavras chaves ‘memória’, ‘arte’ e ‘identidade’ estão interligadas e tem papel fundamental na construção das características de Recife. O Abril Pro Rock passa a despertar a memória de uma geração, “[...] são condições puramente psicológicas, mas os padrões sociais e o comportamento dos grupos entre si e com relação a outros grupos exercem enorme influência sobre a percepção e a expressão”, essas palavras de Dondis (1997, p. 166) exprimem como as relações entre os grupos do Movimento Mangue e do Festival APR, exerceram influência na arte, exemplificado pelos trabalhos de Paulo do Amparo e Fernando Peres.

O que se observa a princípio é que a identidade do festival na primeira década se mistura com a do movimento mangue, tanto que o ele era catalisador da cena, entretanto na segunda década a identidade própria do festival foi estabelecida. A formação dessa identidade foi resultado do pioneirismo em promover o tradicional e o novo ao mesmo tempo, conseqüentemente, essa característica serviu de atributo para Recife, cuja cidade ficou conhecida pela personalidade forte e variedade cultural.

4 NATUREZA DA PESQUISA

Os cartazes do Festival Abril Pro Rock percorreram ao longo das edições, diferentes contextos do cenário pernambucano, como foi relatado no primeiro capítulo desta pesquisa. Por isso, o percurso metodológico escolhido para analisar os 25 cartazes do Festival Abril Pro Rock foi conduzido de modo a preocupar-se com a preservação do entendimento sobre o tempo-espço no qual cada cartaz foi desenvolvido.

Sendo assim, a pesquisa é de natureza Descritiva, cujos resultados qualitativos foram obtidos por meio do modelo de análise da imagem proposta por Martine Joly (1994), explicado no capítulo anterior (Capítulo 3) na parte de *Semiótica (Tópico 3.1.3)*. É também uma pesquisa comparativa, pois os cartazes serão comparados entre si, dependendo do tópico debatido, podendo ser desde os envolvidos no projeto visual do cartaz até os elementos que formam o cartaz.

Como parte do estudo de memória gráfica, essa pesquisa é ainda histórica, pois o registro e a observação dos cartazes são de fundamental importância para os estudos no campo do design gráfico brasileiro.

Os cartazes foram descritos e suas partes organizadas dentro do aspecto analisado (signos plásticos, icônicos e linguísticos); fez-se uma interpretação empírica dos dados obtidos, considerando os aspectos morfológicos e simbólicos dos elementos visuais encontrados, com a intenção de se encontrar as inter-relações entre os signos e a simbologia envolvida no processo de criação de cada cartaz e, de maneira ampla, a criação do 'cartaz para o Festival Abril Pro Rock'.

4.1 Fases da Pesquisa

Para constituir um panorama sistemático dos aspectos morfológicos e semânticos dos 25 cartazes do Festival Abril Pro Rock, foram planejadas 05 etapas para que esta pesquisa alcance os objetivos geral e específicos. De acordo como está descrito a seguir:

Etapa 1. Registro fotográfico dos cartazes [*corpus analítico*];

Etapa 2. Entrevista com Paulo André;

Etapa 3. Elaboração de ficha de análise dos cartazes;

Etapa 4. Preenchimento das fichas de análise;

Etapa 5. Análise das imagens e levantamento dos dados.

4.1.1 Detalhamento

Etapa 1. Registro fotográfico dos cartazes [corpus analítico] Para realizar o registro do corpus analítico foi agendada uma visita à Astronave Iniciativas Culturais (produtora do Festival Abril Pro Rock), no dia 26 de janeiro de 2018, no período da tarde. O escritório fica no bairro da Boa Vista. Os equipamentos utilizados para fotografar foram um celular LG X-Power com câmera 13 MP e um tripé de mesa para celular.

Os cartazes estavam emoldurados e foram postos um a um na área reservada para a fotografia dos 25 cartazes do festival. Nesse mesmo dia, também foram disponibilizados para registro os cartazes das atividades paralelas ao APR, os cartazes de Paulo do Amparo e Félix Farfan.

Etapa 2. Entrevista com Paulo André | Foram entrevistas semi-estruturadas e aconteceram em dois momentos, sugeridos pelo produtor para melhor entendimento dos acontecimentos que fazem parte da história do APR, direta ou indiretamente. Foram dois dias consecutivos, dia 28 e 29 de março de 2018, a primeira foi no turno da noite e a segunda no turno da tarde.

No dia 28, o entrevistado contextualizou como era o Recife no final os anos 80 e início dos anos 90, cena musical e experiências particulares que o levaram ao processo de criação do festival, ANEXO A – Entrevista com Paulo André. O segundo dia de entrevista foi para conhecer a história de cada cartaz do APR, que estão no ANEXO B – As histórias de cada cartaz do Abril Pro Rock.

As entrevistas foram gravadas em áudio no celular LG X-Power e os arquivos foram enviados para transcrição. Foi contratado o serviço de transcrição básica que “retira erros, vícios e repetições desnecessárias oriundas da fala informal, mas que mesmo assim mantém a fidelidade do áudio”. A outra opção de transcrição é *transcrição literal*, na qual para efeito desta pesquisa, não seria necessário tanto rigor. Os arquivos de transcrição recebidos estavam em “.doc” e “.pdf”.

Etapa 3. Elaboração de ficha de análise de cada cartaz | Os cartazes foram fichados individualmente, e tiveram dados técnicos agregados à ficha (como edição, ano, artista, designer e medidas). A ficha de análise foi baseada na ficha proposta por Izabella Cavalcanti em sua dissertação “Análise das Capas da Revista *Careta* e a Representação de Getúlio Vargas nos Extremos Iniciais e Finais do Estado Novo”, na qual ela desenvolveu seguindo os critérios de análise da imagem proposta por Martine Joly. A adaptação da ficha de Izabella ocorreu devido à semelhança entre as pesquisas, como também, se mostrou eficiente no processo de

coleta de dados. O acesso ao trabalho de Izabella aconteceu no período de construção da fundamentação teórica desta pesquisa, APR 25. A adaptação está na inclusão da 'Textura' nos **Signos Plásticos** e inclusão também dos **Signos Linguísticos**, sendo esse último, parte indispensável para a análise dos cartazes do Festival Abril Pro Rock.

UFPE CAC PPGDesign Mestrado em Design Mariana de Oliveira Lins Orientador: Hans da Nóbrega Waechter		Edição: ____ Ano: ____	IMAGEM DO CARTAZ
APR25: O design de cartaz das 25 edições do Festival Abril Pro Rock			
FICHA DE ANÁLISE ANÁLISE DA IMAGEM			
Artista: _____			
Designer: _____			
Descrição do cartaz: _____			

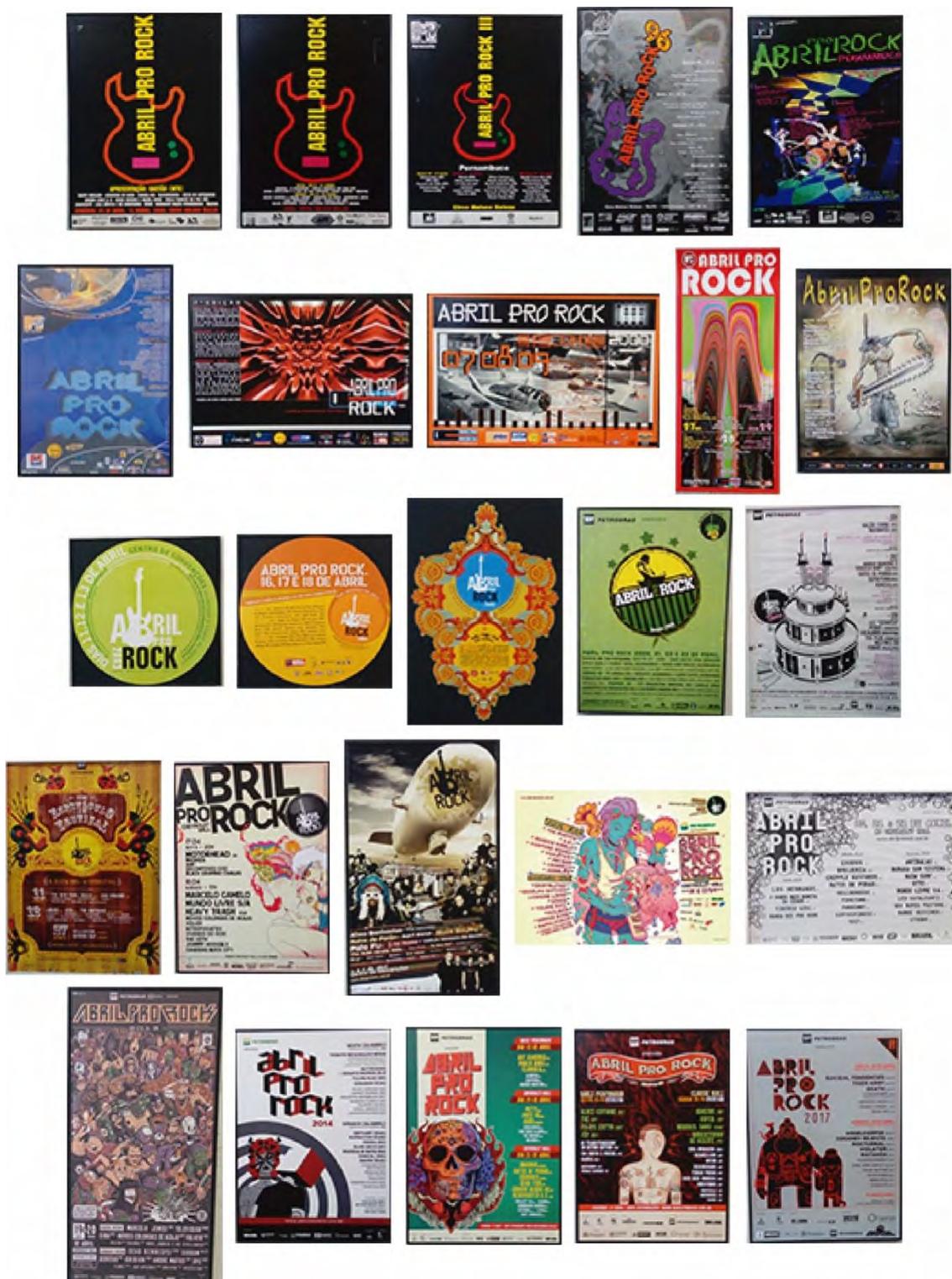
SIGNOS PLÁSTICOS			
Significantes plásticos	Denotação	Conotação	
Suporte			
Moldura			
Enquadramento			
Ângulo do ponto de vista			
Composição			
Formas			
Cores e iluminação			
Textura			
SIGNOS ICÔNICOS			
Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível	
.			
.			
.			
.			
.			
SIGNOS LINGÜÍSTICOS			
'ABRIL PRO ROCK'	A imagem das palavras		
	Disposição na página	Classificação tipográfica	
	Cor		
	Conteúdo Linguístico		
LINE UP	A imagem das palavras		
	Disposição na página	Classificação tipográfica	
	Cor		
	Conteúdo Linguístico		

Figura 10. Modelo da Ficha de Análise. Baseada na ficha de Izabella Pinto (2017)

Etapa 4. Preenchimento da ficha de análise | Em certos momentos do preenchimento das fichas de análise foram feitas consultas ao livro de Martine Joly *'Introdução à análise da imagem'* (1994). Os cartazes foram observados em mãos, com cópias digitais para ampliações e recortes de detalhes, quando necessário para a análise. A miniatura do cartaz na ficha impressa é meramente ilustrativa, não sendo ela o objeto de observação. As análises dos 25 cartazes estão no APÊNDICES – Análises dos cartazes.

Etapa 5. Análise das imagens e levantamento dos dados | Nessa etapa foi realizada uma seleção e agrupamento dos aspectos visuais e linguísticos coletados nas fichas de análise preenchidas. Os resultados dessa atividade estão no capítulo a seguir, Capítulo IV. A análise da imagem de cada cartaz foi baseada no livro de Martine Joly (1994).

5 ANÁLISE



Neste capítulo serão apresentadas as análises realizadas nos vinte e cinco cartazes do Abril Pro Rock. Primeiramente, no tópico 5.1 Aplicação do Instrumento de Análise, em seguida, nos tópicos seguintes 5.2, 5.3, 5.4 vão ser mostrados os resultados de cada cartaz, no qual foram feitos agrupamentos dos dados obtidos com o intuito de comparar os cartazes e obter o significado global do cartaz do APR.

Logo, no capítulo 6 *Conclusões das Análises*, é o espaço reservado para apresentar as conclusões alcançadas por meio das análises e discussões e com base na fundamentação teórica.

5.1 Aplicação do Instrumento de Análise

As fichas de análise foram preenchidas com os cartazes em mãos e sob consulta do livro de Martine Joly (1994). Nota-se que todas as fichas possuem o espaço para a edição e o ano. Edição, porque o Festival é contado por quantidade de edições e se torna mais fácil classificar os dados de acordo com as edições. Ano, porque é importante levar em consideração o contexto histórico do cartaz de acordo com o ano de produção.

A experiência de iniciar a análise preenchendo a parte da “Descrição” do cartaz é uma interessante forma para começar a análise e se soltar de maneira que a sua mente não censure tudo o que faz parte do cartaz, até mesmo o que a mente considera “como óbvio”. Após essa etapa, começa então o preenchimento dos signos plásticos e icônicos, cujo preenchimento foi, em certos momentos, concomitante.

Para a parte da análise linguística, foram feitos recortes dos nomes ‘Abril Pro Rock’ e do ‘Line Up’ dos cartazes, pois era necessário o foco dessa análise ser a observação das estruturas das fontes, individualmente.

CARTAZ 01, 02 e 03 – 1ª, 2ª e 3ª edição – 1993, 1994 e 1995



Artista: Olindo

Designer: Olindo

Medidas: 1ª edição 63,2 x 45,0 cm; 2ª edição 64,5 x 44,7 cm; 3ª edição 64,5 x 44,7 cm.

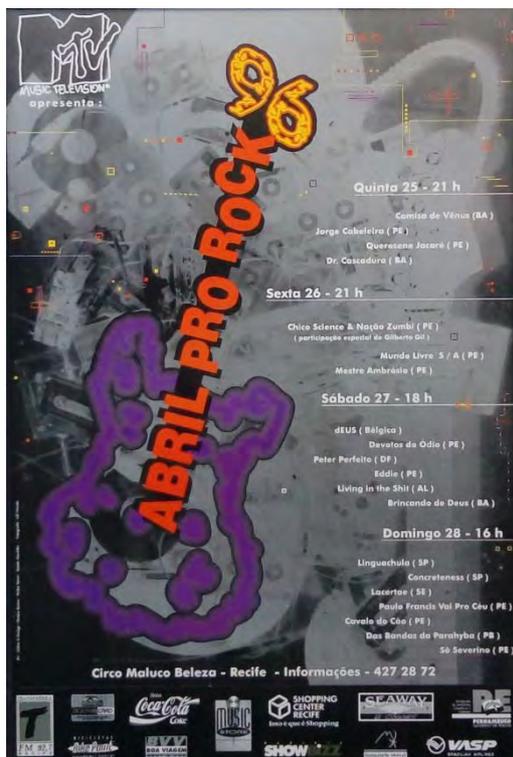
Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo preto com uma linha de contorno em vermelho, formando o desenho do corpo de uma guitarra na posição vertical. O braço da guitarra está para cima e é formado pelo nome “Abril Pro Rock” em caixa alta, na cor amarela. A guitarra ainda possui botões, um retângulo rosa e dois círculos verdes. As informações sobre o festival estão alinhadas pelo centro e no canto inferior do cartaz. Logo abaixo da guitarra, uma coluna de texto.

Signos plásticos: A impressão é de um ambiente escuro ou céu de noite. O enquadramento é centralizado e distante, dando destaque à guitarra. O ângulo do ponto de vista é frontal, dando a impressão de que a guitarra parece estar apoiada em pé, como um letreiro neon de loja. A composição é do tipo construção axial, o texto “Abril Pro Rock” projeta a linha de força para o alto.

Signos icônicos: Foram identificados quatro signos: a guitarra (representando o rock), a pose da guitarra (exposição, admiração) o braço da guitarra e os elementos geométricos que são os botões da guitarra.

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock**, girado verticalmente com leitura de baixo para cima, no centro da página, na cor amarela e tipografia grotasca. O conteúdo desse texto é do tipo âncora, pois a presença do nome do festival norteia o tipo do assunto do cartaz. O **Line Up** está centralizado na horizontal, borda inferior, nas cores branca e amarela e tipografia grotasca. O conteúdo desse texto é do tipo substituição porque o texto substitui o que não dá para ser representado como imagem. Não que “não fosse possível”, mas que acarretaria num excesso de figuras.

CARTAZ 04 – 4ª edição – 1996



Artista: Zona D Design e Gil Vicente

Designer: Zona D Design

Medidas (AxL): 64,1 x 42 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo em tons cinzas, com imagem de um negativo de fotografia ampliada de CDs e fitas K7 espalhadas aleatoriamente. Com um desenho de uma guitarra na posição vertical, com o “braço” para cima, levemente inclinada para a direita. Posicionada ao lado esquerdo do cartaz e o texto do Line Up no lado direito, na cor branca. O texto “Abril Pro Rock 96” com as letras em vermelho e os números em amarelo, formam o braço da guitarra. Linhas e pontos roxos borrados, com efeito de suavização de borda, formam o corpo da guitarra. O 96 está formado por linhas irregulares em neon, girado à -30°, na ponta do texto “APR”, em uma só linha.

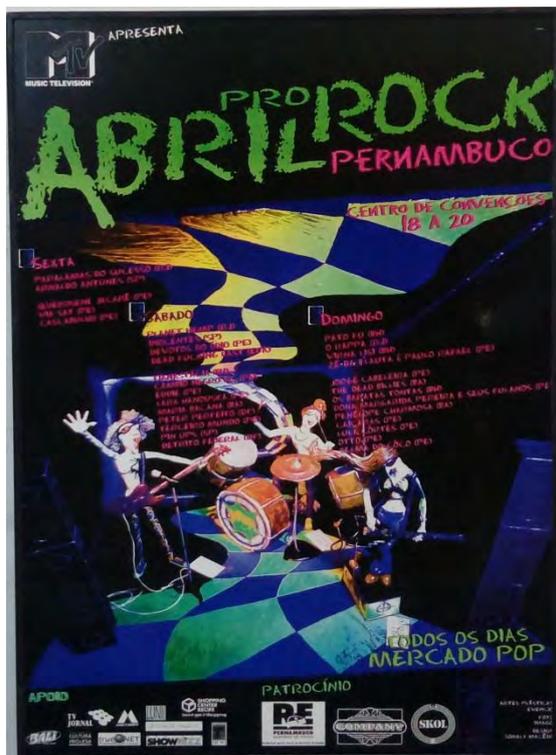
Signos plásticos: Uma moldura ampla, pois corta algumas partes da imagem de fundo. O enquadramento é esquerda distante, para esse aspecto, é levado em consideração o o ‘peso’ dos elementos do cartaz. O ângulo do ponto de vista é de cima, dando a impressão que os materiais foram sendo jogados uns por cima dos outros. A composição é do tipo construção é focalizada. As formas são irregulares, underground. As cores são basicamente, tons de cinza, roxa, vermelha, amarela,

preta e branca. A textura é visual, muitos CDs e K7s, sugerindo muita música, pre-produção do Festival.

Signos icônicos: foram identificados seis ícones. A guitarra (representando o rock) , o braço da guitarra, CDs e K7s (suporte de gravação e reprodução de música), 96 (quebrado), códigos (tecnologia) e cabos (apresentação de banda, show).

Signos linguísticos: O nome **Abril pro Rock** está girado verticalmente, 70°, centro-esquerda. O texto está nas cores em vermelha, preta e branca, cuja classificação do tipo de texto é Neo-Grotesca, função linguística do tipo âncora. O **Line Up** está todo desalinhado, posicionado na borda direita, na cor branca. Sua função linguística é o de substituição.

CARTAZ 05 – 5ª edição – 1997



Artista: Evêncio Vasconcelos

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL): 63,5 x 46 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição Retrato. Fundo Preto com a imagem de uma banda de bonecos no centro (guitarrista/vocalista, baterista e baixista) e duas caixas de som pretas nas laterais. “Piso” e “Teto da banda é uma forma orgânica, de estampa de xadrez (de jogo de dama) nas cores azul, verde e toques amarelos no “teto”. Todos os textos do cartaz são escritos à mão. “Abril Pro Rock” em verde, no

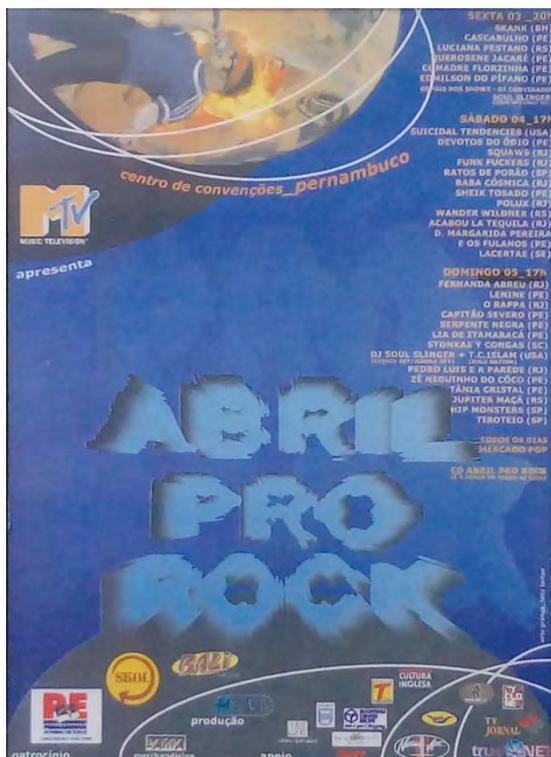
topo do cartaz, no fundo preto, logo abaixo do logo da MTV. O “Pro” fica acima das letras “i” e “l” do “Abril”, “Pernambuco” em rosa abaixo do “Rock”. Três colunas de textos do Line Up, na cor rosa e alinhados à esquerda. 1ª coluna no canto esquerdo do cartaz e abaixo do “Abril”, 2ª e 3ª colunas posicionadas no centro do cartaz, por cima da imagem da banda.

Signos plásticos: A *moldura* sugere uma delimitação de palco ou estúdio. O enquadramento é centralizado e distante, toda a atenção está para a banda. O ângulo do ponto de vista é de frente, no mesmo nível da banda, o que sugere mais um estúdio. A construção é em profundidade, como se fosse um fanzine. As formas são orgânicas, tipo artesanal, tem uma característica psicodélica. As cores do cartaz parecem ser de show, projeções visuais que acontecem durante os shows. A textura é tátil como massa de modelar, os bonecos são de epóxi.

Signos icônicos: foram encontrados cinco signos. Bonecos e instrumentos musicais (banda de rock), “N” do PerNambuco ao contrário (tipo erro ortográfico intencional), piso e teto xadrez (psicodelia), microfone (equipamento de som, de palco).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está na horizontal, no canto superior, abaixo do logo MTV, borda-a-borda laterais, cor verde, tipografia gráfica, sua função linguística é de âncora. O **Line Up** também está na horizontal, espalhados pelo centro do cartaz, alinhamento à esquerda, 3 colunas, na cor rosa, tipografia gráfica, função linguística de substituição.

CARTAZ 06 – 6ª edição – 1998



Artista: Félix Farfan e João Câmara

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL):42,0 x 31,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição Retrato. Fundo azul. Com o “Abril Pro Rock” em 3 linhas, na cor azul com bordas diluídas ou desfocadas, como efeito de olho de peixe da câmera. Na borda superior esquerda metade de uma elipse com o desenho de um cantor dentro da forma, numa textura de aquarela ou tinta, 3 linhas brancas elípticas cruzando sobre essa imagem, mesmas linhas na borda inferior, duas partes de elipses chapas cinza, uma no canto superior e outra no canto inferior, abaixo do nome “Rock”. Lineup com alinhamento à direita, uma coluna de texto, no canto superior direito com pouca margem da borda do cartaz.

Signos plásticos: Imagem centrífuga, estimula uma construção imaginária complementar. Enquadramento centralizado próximo. Ângulo do ponto de vista frontal, sensação de entrar no espaço do festival. Composição tipo construção em profundidade, imersão no festival. Formas orgânicas, onda sonora, frequência, sol alto, vibração. A cor azul é predominant, lembra a iluminação de palco. Textura visual mistura de fumaça e “som”, movimento.

Signos icônicos: Foram visualizados quatro significantes icônicos. As órbitas (ideias, grupos), cantor (apresentação), fogo (entrar em estado de combustão, agitação) e microfone (equipamento de som e palco).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está centralizado horizontalmente, no centro inferior, 3 linhas, na cor azul, tipografia gráfica e função linguística de âncora.

CARTAZ 07 – 7ª edição – 1999



Artista: Sonaly Macedo e Juliana Notari

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL): 44,3 x 63,0 cm

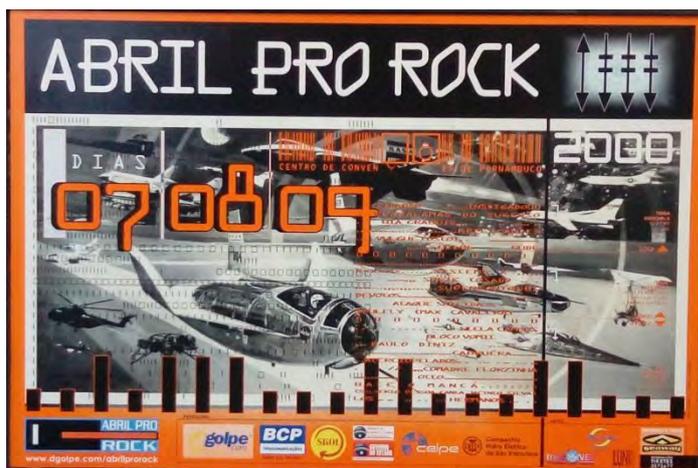
Descrição: Cartaz retangular. Posição paisagem. Fundo preto chapado. Lineup no canto esquerdo superior, alinhamento justificado, em branco e vermelho. Imagem à direita, um retângulo de vai da borda direita do Line Up até a borda direita do cartaz. A imagem é formada por uma textura de chave inglesa em vermelho, branco e preto, com efeitos de lente de olho de peixe. A imagem é contornada por uma moldura preta. O nome “Abril Pro Rock” em branco, está no canto inferior direito, horizontal, em duas linhas por cima de um pequeno desenho geométrico que lembra uma guitarra deitada em preto, vermelho, com detalhe azul e branco.

Signos plásticos: Moldura preta ao redor da imagem, fecha a “cena”. O enquadramento é centro-direita distante. Ângulo do ponto de vista frontal, facilita o reconhecimento da forma da chave inglesa como patas de caranguejo. Composição em construção axial, referência ao Movimento Manguê. Formas de chave inglesa, geométricas, formam patas de caranguejos. Cores preta, vermelha, branco e iluminação de cima para baixo, 90°. Textura tátil de patas de caranguejo.

Signos icônicos: Foram visualizados 3 signos. A pata de caranguejo (cena Mangubeat), guitarra (instrumento musical do rock), formas geométricas (guitarra).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está no canto inferior direito, horizontal, alinhamento justificado, 2 linhas, na cor branca, tipografia grotesca e função linguística de âncora.

CARTAZ 08 – 8ª edição – 2000



Artista: Sonaly Macedo

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL): 39 x 44 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição paisagem. Fundo laranja. Retângulo preto na borda superior, $\frac{1}{4}$ da medida da altura do cartaz, com comprimento de borda-a-borda laterais. Com o nome “Abril Pro Rock” em branco, 1 linha, dentro do retângulo preto. Ao lado do nome quatro setas verticais, 1 em 2 direções e as outras 3 para baixo. Abaixo do retângulo preto uma moldura branca, retângulas, ao redor de uma fotografia com várias naves espaciais em escala cinza, com números e códigos de barra e Line Up em laranja, nº 2000 no canto superior direito da fotografia, na borda inferior da imagem barras verticais pretas de contornos laranja, intercalando alturas diferentes, as barras estão regularmente distantes entre si, de borda a borda da moldura branca – tudo isso por cima da fotografia.

Signos plásticos: moldura laranja e branca, fecha a cena, o olhar. O enquadramento é centro-esquerda distante. O ângulo do ponto de vista é superior, como a vista de uma torre. A composição do tipo construção em profundidade, tipo uma tela de computador. Formas geométricas e aerodinâmicas que remetem à tecnologia e futuro. Cores laranja, cinza, preto e branco. Textura visual de códigos.

Signos icônicos: Foram visualizados quatro signos. Setas (indicam direção), naves (espaço, tecnologia avançada), códigos (transmissão rápida de informações) e barras (energia, força, preparação para o festival).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está na borda superior, horizontal, 1 linha, na cor branca, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está centralizado mais para a direita, horizontal, alinhamento justificado, na cor laranja, tipografia gráfica e função linguística de substituição.

CARTAZ 09 – 9ª edição – 2001



Artista: Sonaly Macedo

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL): 24,3 x 57,7 cm

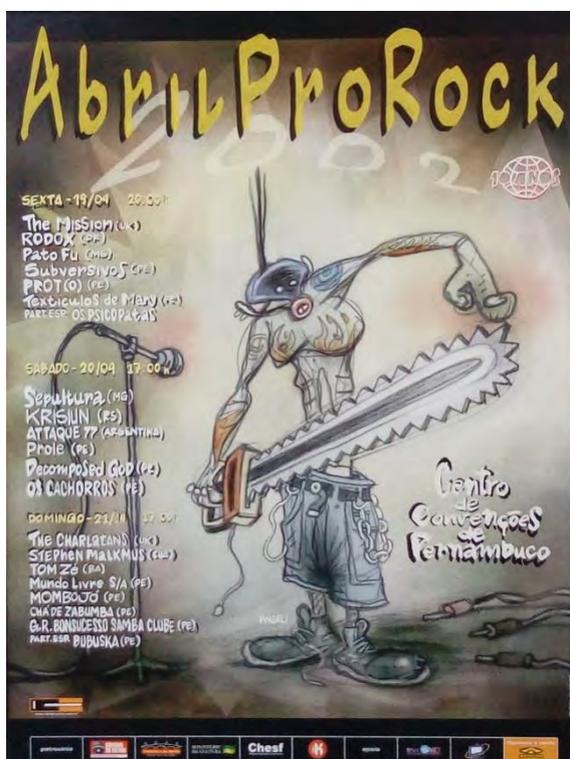
Descrição: Cartaz retangular. Posição paisagem. Moldura vermelha. Logo da MTV e “Abril Pro Rock” em branco, na borda superior, ocupando espaço de borda-a-borda laterais, em duas linhas, justificado, com o “Rock” grande. Logo abaixo, uma imagem de ondas coloridas que vem das bordas laterais e se encontram no meio, fazendo um movimento de subida, o fundo dessa imagem é verde, as linhas de ondas coloridas vão se misturando com a cor preta do centro à borda inferior. O Line Up está no centro inferior por cima dessa figura de ondas, está em 3 colunas: 1ª alinhado à esquerda na borda esquerda na cor amarela, 2ª coluna centralizada, alinhamento centralizado posicionada mais abaixo na cor branca e 3ª alinhado à direita na borda direita na cor rosa.

Signos plásticos: Moldura vermelha (fechando a cena). O enquadramento centralizado distante. O ângulo do ponto de vista é frontal (mostra o encontro das ondas / dos sons). A composição é do tipo construção em profundidade. As formas são orgânicas, curvilíneas (psicodelia). As cores são vivas, vermelho, verde, branco, amarelo, preto, rosa, azul (luz neon, brilhante, tipos de intensidade dos sons). Textura visual (ondas, frequência sonora).

Signos icônicos: Foram visualizados três signos. Ondas (onda sonora, força da música, grandeza), moldura (cena psicodélica) e colorido (tipos de som, psicodelia, vários estilos de som que tocam no festival).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está na borda superior, horizontal, 2 linhas, justificado, na cor branca, tipografia gráfica, função linguística de âncora. O **Line Up** está em 3 colunas: 1ª alinhado à esquerda na borda esquerda na cor amarela, 2ª coluna centralizada, alinhamento centralizado posicionada mais abaixo na cor branca e 3ª alinhado à direita na borda direita na cor rosa, tipografia gráfica e função linguística de substituição.

CARTAZ 10 – 10ª edição – 2002



Artista: Angeli

Designer: Sonaly Macedo

Medidas (AxL): 59,0 x 44,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. “Abril Pro Rock” em amarelo, na borda superior, uma linha, ocupando o espaço borda-a-borda laterais. Desenho de um homem com máscara de gás e motosserra na mão, no centro do cartaz, um microfone no pedestal ao lado esquerdo do cartaz, próximo ao homem. Lineup em 1 coluna, alinhado à esquerda na borda esquerda do cartaz, nas cores branca e amarela, e escrito por cima do desenho do pedestal. O homem com uma mão segura no cabo da motosserra e a outra mão com o dedo indicador tocando a ponta da lâmina. O fundo da imagem é formado por tons de cinzaclarom marrom e cinza escuro.

Signos plásticos: Enquadramento centralizado, próximo. Ângulo do ponto de vista frontal (na altura do palco). Composição do tipo construção axial. Formas orgânicas, manuais. Cores em tons grafites. Iluminação de palco. Textura visual de fumaça.

Signos icônicos: Foram visualizados 5 signos. Motosserra (guitarra), homem (músico), máscara (resistência, mistério), microfone (conexão entre banda e público) e lâmina da motosserra (braço da guitarra).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está em 1 linha, borda superior, na cor amarela, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está em 1 coluna, borda esquerda, alinhamento à esquerda, nas cores amarela e branca, tipografia gráfica e função linguística de substituição.

CARTAZ 11 – 11ª edição – 2003



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):45 x 45 cm

Descrição: Cartaz circular. “Abril Pro Rock” em formato de logo “Abril” em branco, a letra “B” é o formato de uma guitarra. “Pro” em branco, pequeno, logo abaixo das letras “RI” do “Abril”. O “Rock” em preto, abaixo do “Abril Pro”. Fundo do cartaz na cor verde, liso e chapado. O Logo APR está mais abaixo do centro. As informações e Line Up estão dispostas circularmente, seguindo a linha da borda do cartaz nas cores verde escuro e branca.

Signos plásticos: Enquadramento centralizado, próximo. Ângulo do ponto de vista, superior (de cima). Composição do tipo construção focalizada.

Signos icônicos: Foram visualizados 3 signos. Guitarra, círculo (etiqueta do vinil) e vinil.

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está 3 linhas, centralizado inferior, branco e preto, tipografia grotesca e função linguística do tipo âncora. O **Line Up** está em 3 linhas, circunscrevendo o cartaz, nas cores verde escuro e branca, tipografia grotesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 12 – 12ª edição – 2004



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):45,0 x 45,0 cm

Descrição: Cartaz circular. Fundo chapado laranja. Laranja escuro na parte superior e laranja claro na parte inferior. “Abril Pro Rock” centralizado na parte superior interna do círculo menor, em branco e preto. Esse círculo menor está com a logo

dentro. O círculo menor está na “borda” direita do cartaz. O texto do Line Up em preto alinhamento justificado. Localizado à esquerda do círculo menor.

Signos plásticos: Enquadramento centro-direita, próximo. Ângulo do ponto de vista superior,. Composição do tipo construção sequencial. Formas geométricas. Cores nos tons de laranja e branco.

Signos icônicos: Foram visualizados 3 signos. Guitarra, círculo (etiqueta do vinil) e vinil.

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está 1 linha, superior, na cor branca, tipografia gráfica e função linguística âncora; O **Line Up** está justificado, centro-esquerda, cor preta, tipografia grottesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 13 – 13ª edição – 2005



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):65,0 x 43,5 cm

Descrição: Cartaz formato estilo barroco. Corte com muitos detalhes, posição vertical. Os detalhes da moldura barroca se refletem ao longo do eixo vertical do cartaz. As cores da borda estão em amarelo, laranja, vermelho com partes cinza. No centro superior do cartaz tem um círculo liso, azul e a logo do festival dentro em branco e preto. Abaixo desse círculo, destacado por uma moldura em vermelho, tem

uma área amarela com o Line Up do festival em 1 coluna, justificado e texto na cor preta.

Signos plásticos: Moldura cheia de detalhes do estilo barroco. Enquadramento centralizado e próximo. Ângulo do ponto de vista frontal, como nos altares de igreja. Composição do tipo construção em profundidade. Formas barrocas. Cores amarela, laranja, vermelha, cinza, azul, remetem ao dourado. Textura tátil de conchas e pinhas, caracóis.

Signos icônicos: Foram visualizados 5 signos. Conchas (natureza, barroco, rococó), pinha portuguesa (artefato de decoração das casas antigas), flores barrocas (mais detalhes do estilo), círculo azul (destaque, aura) e guitarra (rock, atitude)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está no centro superior, 3 linhas, nas cores preta e branca, tipografia grottesca e função linguística do tipo âncora. O **Line Up** está no centro inferior, justificado, na cor preta, tipografia grottesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 14 – 14ª edição – 2006



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):56,0 x 40,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo verde claro. Um grande círculo no centro superior do cartaz, com cinco estrelas circunscrevendo a borda superior do círculo. A metade inferior desse círculo é de listras verticais preta e verde. No centro do círculo, em uma linha tem o texto “Abril Pro Rock”, “Abril” e “Rock estão em branco e “Pro” em verde girado em 90° em relação ao nome ao texto do nome do festival, e posicionado bem no centro do círculo. A metade superior do círculo é amarela com a silhueta em preta de um guitarrista. O círculo é contronado por uma borda preta entrelaçada com um cadarço de tênis. O Line Up está na borda inferior, alinhamento justificado de borda-a-borda laterais em preto e verde. No canto superior direito tem um pequeno círculo preto com a logo do APR em amarelo e verde dentro.

Signos plásticos: Enquadramento centralizado e próximo. Ângulo do ponto de vista frontal, como vemos a camisa pendurada no cabide de exposição. A composição é do tipo construção axial. Formas geométricas e orgânicas. Cpres verde, amarelo, branco e preto. Iluminação destacada para o centro.

Signos icônicos: Foram visualizados quatro signos. Estrelas (referência à seleção brasileira), cadarços (lembra cabos de instrumentos musicais), silhueta do guitarrista (músico) e guitarras (rock, atitude)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está centralizado, 1 linha, girado 30°, nas cores branca e verde, tipografia mecânica e função linguística de âncora. O **Line Up** está justificado, na borda inferior, tipografia gotesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 15 – 15ª edição – 2007



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):64,0 x 46,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo branco, um grande bolo feito de camadas de tons de bateria, de tamanhos diferentes, nas cores branca e preta. Na ponta do bolo duas velas feitas de trompetes e guitarras, com pequenas chamas rosas. Logo do APR em branco e rosa dentro de um círculo preto na borda esquerda, centralizado no eixo y. Por trás da borda esquerda do bolo. Lineu p alinhado à direita, na borda direita, 1 coluna, cas cores preta e rosa.

Signos plásticos: Enquadramento centralizado e próximo. Ângulo do ponto de vista de cima. Composição do tipo construção axial, data comemorativa. Formas geométricas. Cores branca, preta e rosa.

Signos icônicos: Foram visualizados 6 signos. Tons de baterias (camadas do bolo de debutante), guitarras (rock, atitude), fita K7 (suporte de gravação e reprodução de música), estrela (destaque, importância), trompete e piano (instrumentos musicais de música orquestrada, valsa) e bolo/vela (aniversário).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está na borda esquerda, centralizado, 3 linhas, nas cores branca e rosa, tipografia grotasca e função linguística de âncora.

CARTAZ 16 – 16ª edição – 2008



Artista: Ampla, agência de publicidade

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):64,0 x 45,2 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo listrado em dois tons de amarelo, duas placas estilo madeira, marrom-avermelhadas, centralizado com os textos na cor branca. As placas são contornadas por uma moldura amarela com estrelas em vermelho. Figuras de guitarras, vinis, cabos de som, trombone e tons de baterias, f[refletido em cópia no eixo y, nas laterais das placas nas posições superior, centro e inferior. Círculo amarelo no centro do cartaz com a logo do APR em preto e vermelho. Lineu p na placa inferior alinhado à esquerda na cor branca, grafismos de curvas do lados esquerdo e direito do círculo amarelo.

Signos plásticos: Moldura amarela com desenhos gráficos. Enquadramento centralizado e próximo. Ângulo do ponto de vista frontal, composição do tipo construção em profundidade. Formas de curva e retas. Cores amarelo, preto, marrom, branco. Textura visual de madeira e lona.

Signos icônicos: Foram visualizados 7 signos. Guitarras (rock, atitude), vinis (suporte de gravação e reprodução da música), alto-falantes (chamar a atenção), cabos de som (palco), tons de baterias, trombone e estrela (destaque)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está no centro em 3 linhas, nas cores preto e vermelho, tipografia grotesca e função linguística de âncora. O **Line Up** está no centro, alinhamento à esquerda, nas cores branca e amarela, tipografia grotesca, função linguística de substituição.

CARTAZ 17 – 17ª edição – 2009



Artista: Bicicleta Sem Freio

Designer: Ampla, agência de publicidade

Medidas (AxL):63,5 x 45,0 cm

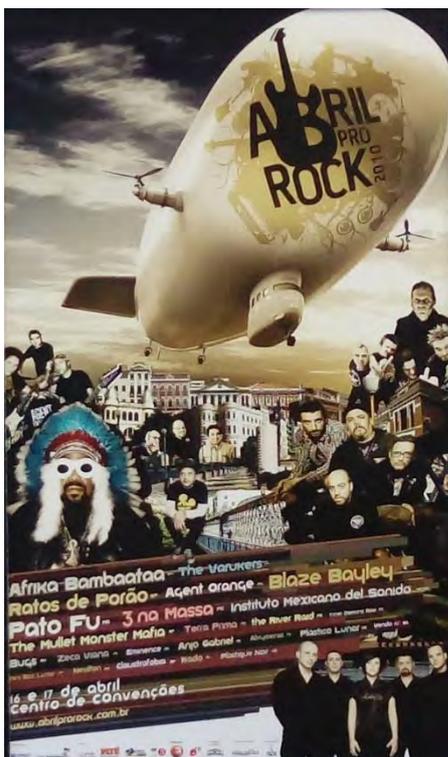
Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo degradê radial bege. “Abril Pro Rock” grande, em duas linhas, na borda superior e lateral esquerda, girado em 5°, na cor preta. Lineup alinhado à esquerda na borda esquerda. Uma ilustração de uma mulher abraçada com um travesseiro na borda direita do cartaz, a pose da mulher é lateral, sentada de costas para a borda direita. De dentro do travesseiro para cima saem formas orgânicas e coloridas. Círculo preto na borda direita acima da ilustração, com a logo do festival em branco, dentro do círculo.

Signos plásticos: Enquadramento direito inferior e afastado. Ângulo do ponto de vista lateral esquerdo. Formas orgânicas. Cores bege, preto, rosa, azul, verde, amarelo. Textura visual, suave na cor bege, lembra pele.

Signos icônicos: Foram visualizados quatro signos. Travesseiro (mente, memória), pose (sentada, pessoal), coroa (tatuagem) e colorido (mancha gráfica)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está na borda superior e lateral esquerda, 2 linhas, girado 5°, na cor preta, tipografia grotasca e função linguística âncora. O **Line Up** está na borda esquerda, alinhado à esquerda, cor preta, tipografia grotasca e função linguística de substituição.

CARTAZ 18 – 18ª edição – 2010



Artista: Plano B

Designer: Plano B

Medidas (AxL):42,0 x 25,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Na borda superior direita, está a imagem de um grande zeppelin creme com a logo do APR na ponta do zeppelin que está apontando para o vértice superior direito do cartaz. A logo está na cor preta por cima de uma mancha gráfica marrom, fazendo uma integração com a logo. Ao fundo do zeppelin um céu escurecido de nuvens brancas, cujo céu vai clareando quando se aproxima do horizonte da cena que está bem no centro do cartaz. Do centro para baixo tem fotos dos músicos que tocaram nesta edição, recortes de prédios antigos e da ponte de ferro do Recife. Abaixo dessas fotos está o Line Up girado em 15°, em cima de barras marrons, com o texto nas cores amarela, branca, azul, rosa. E no

canto inferior direito do cartaz a foto da banda Pato Fu. No centro do cartaz a cidade de Recife (os recortes).

Signos plásticos: Enquadramento distante superior direito. Ângulo do ponto de vista inferior. Composição do tipo construção em profundidade. Formas curvas e retas. Cores nos tons sépia. Preto, azul, rosa, amarelo e marrom.

Signos icônicos: Foram visualizados cinco signos. Zepelim (história), prédios antigos e ponte de ferro (Recife), céu escuro e sombrio (passado), guitarra (rock, atitude) e pessoas (músicos)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior direita, 3 linhas, cor preta, tipografia grotesca e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda esquerda inferior, girado em 15°, alinhado à esquerda, nas cores branca, azul, rosa e amarela, tipografia gráfica e função linguística de substituição.

CARTAZ 19 – 19ª edição – 2011



Artista: Bicicleta Sem Freio

Designer: Evandro Borel

Medidas (AxL):46,0 x 64,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo amarelo claro/creme. Um desenho de uma mulher no centro do cartaz, corpo azul, cabelo lilás, o corpo tem partes que se desintegram, mostrando o interior rosa. Ela está tocando um chocalho e uma escaleta. Ao lado da sua cintura a cabeça de um bode rosa com olhos de cristais lilás, que faz parte de uma bóia formato de rosca, rosa transparente que está ao redor da cintura da mulher. Do lado esquerdo da cabeça da mulher, saindo do ouvido, um alto-falante do gramofone. Lineup do lado esquerdo da mulher, com

alinhamento à direita, contornando o corpo da mulher. “Abril Pro Rock” , 3 linhas, lado direito do cartaz na cor rosa, blocado “Abril”, “Pro”, “Rock” no mesmo comprimento.

Signos plásticos: Enquadramento centralizado e próximo. Ângulo do ponto de vista frontal. Composição do tipo construção axial. Formas orgânicas. Cores rosa, azul, lilás, amarela. Textura visual lisa, plástica.

Signos icônicos: Foram visualizados sete signos. Escaleta, bode (rock), gramofone (equipamento de reprodução sonora), chocalho, cristais (pedra bruta), pose (interiorizada), pássaro/folha (natureza).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda direita, 3 linhas, cor rosa, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda esquerda, alinhado à direita, 1 coluna, nas cores rosa, tipografia gráfica e função linguística de substituição.

CARTAZ 20 – 20ª edição – 2012



Artista: Raul Luna

Designer: Raul Luna

Medidas (AxL):29,5 x 42,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição paisagem. “Abril Pro Rock” na cor branca, com sombra preta chapada, em perspectiva, com foco no centro do texto. Fundo cinza claro, chapada, com estruturas moleculares em cinza médio e contornos em cinza escuro, espalhados pelo fundo do cartaz, nas bordas laterais esquerda e direita e borda superior, em maior quantidade do lado esquerdo superior, onde está

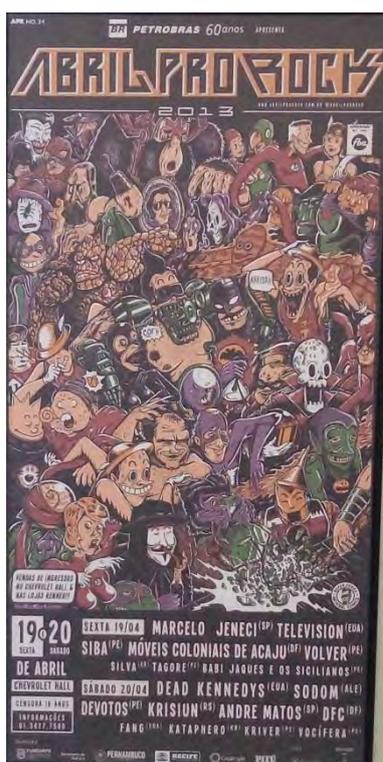
o nome do festival. O line up está organizado em três colunas de texto, alinhamento centralizado, uma ao lado da outra, no mesmo nível e na cor preta.

Signos plásticos: Enquadramento, lateral esquerdo superior, próximo. Ângulo do ponto de vista superior. Composição do tipo construção em profundidade. Formas geométricas, cinza, preto e branco. Textura de moléculas,

Signos icônicos: Foram dois ícones. Estruturas moleculares (ciência, ficção científica). Sombra do “Abril Pro Rock” títulos de filmes antigos.

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior esquerda, 3 linhas, cor branca e contorno preto, tipografia gótica e função linguística de âncora. O **Line Up** 3 colunas (esquerda, centro e direita), nas cores preta, tipografia gótica e função linguística de substituição.

CARTAZ 21 – 21ª edição – 2013



Artista: Super Terra

Designer: Super Terra

Medidas (AxL): 61,5 x 30,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. “Abril Pro Rock” em cinza escuro com contorno amarelo, 1 linha, localizado na borda superior ocupando o espaço borda-a-borda nas laterais do cartaz. Moldura de fundo cinza escuro. Logo abaixo do nome do festival começa uma ilustração com vários personagens que lembram histórias

em quadrinhos. Cujas ilustração ocupa 5/8 do cartaz, borda-a-borda laterais, terminando na borda médio-inferior. Onde, a partir daí se inicia o texto do Line Up. O Line Up está na cor branca, canto inferior direito, alinhado à direita.

Signos plásticos: Moldura cinza escuro. Enquadramento centralizado, distante. Ângulo do ponto de vista superior. Composição do tipo construção axial. Formas orgânicas. Cores cinza escuro, vermelha, verde, roxa, branca e cor de pele. Iluminação estilo história em quadrinhos.

Signos icônicos: Foram visualizados cinco. Balões de fala. Guitarra quebrada (rock, atitude), personagem de fogo (roda de fogo), motoqueiro fantasma (rock), palco.

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior, 1 linhas, cor cinza escuro e contorno amarelo, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda direita inferior, alinhado à direita, na cor branca, tipografia gótica e função linguística de substituição.

CARTAZ 22 – 22ª edição – 2014



Artista: Waever

Designer: Guilherme Carvalho

Medidas (AxL):64,0 x 46,0 cm

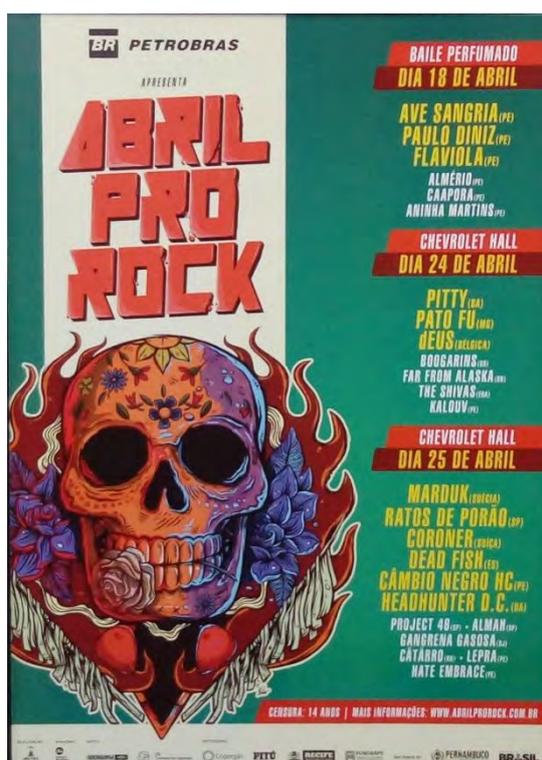
Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo Branco. “Abril Pro Rock” localizado no centro-esquerda-superior, nas cores preta e vermelha, 3 linhas, sem alinhamento definido. Ilustração logo abaixo do nome do festival, no canto inferior esquerdo, uma mulher de corpo cinza, tatuagens em cinza claro por todo o corpo, cabelos curtos vermelhos e uma máscara de ossos. Outra pessoa no primeiro plano, inclinado para frente à direita, camisa preta e, no lugar da cabeça, um cubo de faces preta (inferior), branca (superior) e vermelha (direita). Por trás deles vários círculos de tamanhos diferentes, intercalando cinza escuro e branco. Lineup na borda direita, ao longo de toda a lateral direita e alinhado à direita, na cor preta.

Signos plásticos: Enquadramento lateral esquerdo, próximo. Ângulo do ponto de vista frontal. Composição do tipo construção axial. Formas curvas e geométricas. Cores branca, preto, vermelho e cinza claro e escuro.

Signos icônicos: Foram visualizados quatro signos. Máscara de ossos (mistério), cubo (gostos, sua caixa), tatuagens, círculos (ondas, energia).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior esquerda, 3 linhas, cor vermelha e preta, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda direita, alinhado à direita, na cor preta, tipografia neo-grotesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 23 – 23ª edição – 2015



Artista: Kin Noise

Designer: Alcides Burn

Medidas (AxL):59,5 x 42,0 cm

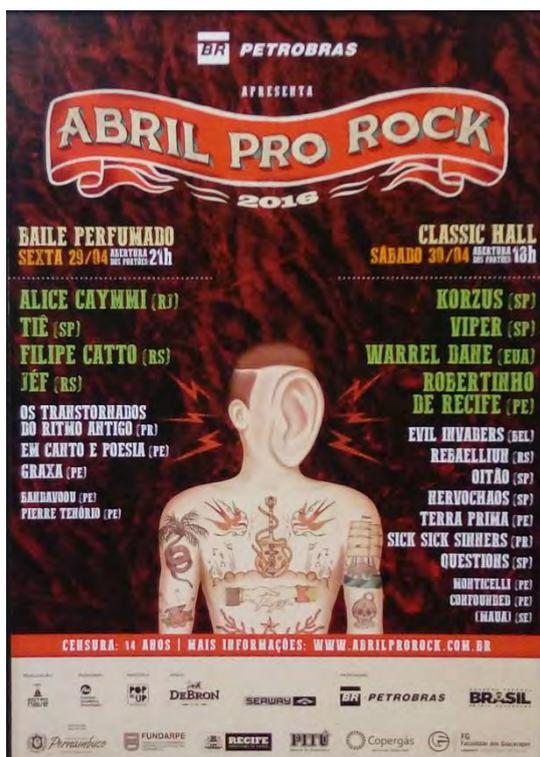
Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo verde. “Abril Pro Rock” localizado na borda esquerda superior, nas cores vermelha/laranja, 3 linhas, alinhamento centralizado. Ilustração logo abaixo do nome do festival, no canto inferior esquerdo, uma caveira mexicana laranja e roxa, com uma flor nos dentes, folhagens nas laterais, duas lanças de fitas e, por trás da caveira, chamas vermelhas. No lado direito do cartaz está o Line Up em amarelo e branco, alinhamento centralizado.

Signos plásticos: Enquadramento lateral esquerdo, próximo. Ângulo do ponto de vista frontal. Composição do tipo construção axial. Formas orgânicas. Vermelha, laranja, roxa, verde e branca.

Signos icônicos: Foram visualizados cinco signos. Caveira mexicana (rock), flor (caboclo de lança, maracatu), lanças (caboclo de lança), flores na testa (natureza) e pata de caranguejo (movimento manguê).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior esquerda, 3 linhas, cor laranja, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda direita, alinhado acentro, na cor amarela e branca, tipografia grotesca e função linguística de substituição.

CARTAZ 24 – 24ª edição – 2016



Artista: Rafael Silveira

Designer: Alcides Burn

Medidas (AxL):59,0 x 42,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo com textura de pedra nas cores preta e vermelha. Nome “Abril Pro Rock” está no centro superior, 1 linha, dentro de uma faixa vermelha, letras cinza claro. No centro Inferior a ilustração de um homem com uma orelha grande no rosto, tronco e braços todo tatuados. Lineup em duas colunas, uma à esquerda da ilustração, alinhado à esquerda e a outra coluna à direita da ilustração, alinhado à direita. Ambos os textos nas cores branco, verde, amarelo claro e laranja.

Signos plásticos: Enquadramento centro inferior, próximo. Ângulo do ponto de vista frontal. Composição do tipo construção axial. Formas orgânicas. Cores vermelho, preto, bege, branca e verde. Textura de rocha (quente).

Signos icônicos: Foram visualizados cinco signos. Orelha (escutar música), homem (público do APR), raios (movimento sonoro), tatuagens e caveira (rock).

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior, 1 linhas, cor cinza claro, tipografia glifada e função linguística de âncora. O **Line Up** está nas bordas esquerda e direita, alinhamentos à esquerda e à direita, respectivamente, nas

bordas laterais, nas cores branca, verde, laranja e amarelo claro, tipografia glifada e função linguística de substituição.

CARTAZ 25 – 25ª edição – 2017



Artista: Backer Design & Motion

Designer: Backer Design & Motion

Medidas (AxL): 59,5 x 42,0 cm

Descrição: Cartaz retangular. Posição retrato. Fundo cinza. “Abril Pro Rock” localizado na borda esquerda superior, nas cores preta e contorno laranja, 3 linhas, alinhamento indefinido. Ilustração logo abaixo do nome do festival, no canto inferior esquerdo, um desenho de um pai e filha na cor preta e contornos laranjas. No lado direito do cartaz está o Line Up em preto e laranja, alinhamento à direita. Com um triângulo preto de contornos laranjas, dentro está escrito Ano 25, na cor laranja, em 2 linhas, no canto superior direito. Uma moldura de linha laranja contorna o conteúdo do cartaz.

Signos plásticos: Enquadramento lateral esquerdo, distante. Ângulo do ponto de vista frontal. Composição do tipo construção axial. Formas curvas e geométricas. Preta, cinza e laranja.

Signos icônicos: Foram visualizados oito signos. Pai e filha (público APR), rato/tatuagem/3 patches/desenho da camisa da menina (bandas de rock), mão chifrada rock)

Signos linguísticos: O **Abril Pro Rock** está borda superior esquerda, 3 linhas, cor preta e laranja, tipografia gráfica e função linguística de âncora. O **Line Up** está na borda direita, alinhado à direita, nas cores preta e laranja, tipografia humanista e função linguística de substituição.

5.2 Resultados da Análise Plástica

Suporte | Todos os 25 artefatos de análise remetem à divulgação e o “ser notado”. Essas são algumas das funções dos cartazes, pois o conteúdo está formatado em letras grandes (Abril Pro Rock) e, na maioria das vezes as ilustrações estão em destaque. O cartaz é um tipo de veículo que está afixado em paredes de bares, ruas, postes etc. Dessa maneira o expectador está em movimento e distante, passando na calçada ou sentado em uma mesa de bar.

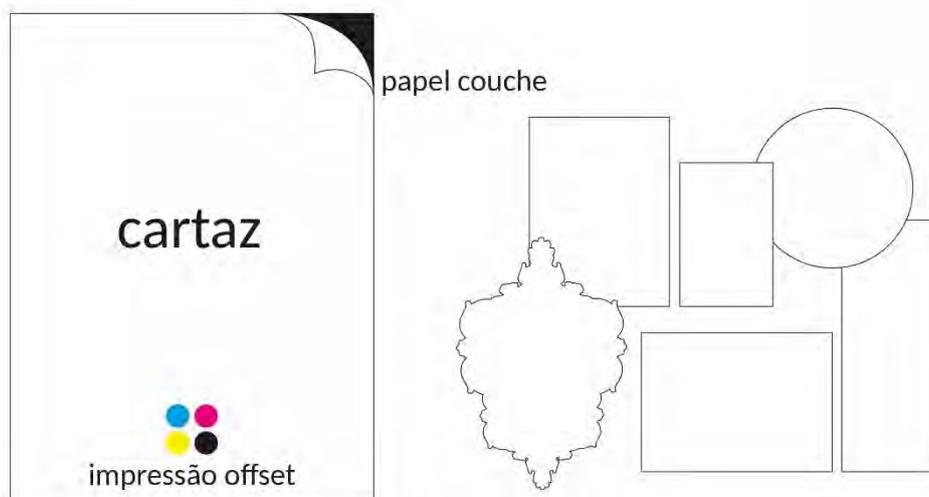


Figura 11. Ilustração para mostrar os diferentes formatos encontrados no corpus de análise.

Como pode ser visualizado na figura anterior, foi encontrado na amostra analisada vários formatos diferentes de cortes. Dos 25 cartazes, 24 apresentaram a mesma característica de material (papel couchê) e impressão (offset), apenas um (cartaz da 21ª edição) que o papel é offset. Neste último caso, a escolha do papel mais poroso faz parte do processo criativo e do cenário da ilustração que faz alusão à História em Quadrinhos (HQ), a impressão deste também foi em offset.

Para o Festival Abril Pro Rock são impressos em média 2.000 unidades de cartaz por ano. Nesses casos, a impressão offset é o melhor custo-benefício, considerando também que é um tipo de publicação efêmera.

Para explicar os diferentes formatos encontrados, é importante considerar que eles apareceram durante o tempo em que os cartazes foram concebidos na agência de publicidade contratada. Portanto, é provável que a agência tenha feito propostas que saíssem da zona de conforto do meio de produção do cartaz, seja pela influência do mote proposto por ela ou do universo ao qual pertence a música. Os dois cartazes circulares e o irregular são no mínimo diferentes e atraí o olhar pela ousadia. Porém, nos três casos, a informação não foi valorizada, apresentando um problema de design da informação (principalmente na 11ª edição).

A não continuidade, provavelmente, teve como motivo a desvalorização das informações do festival e o encarecimento deste tipo de corte para o processo produtivo desse suporte.

Moldura | No corpus analítico foram identificados 07 cartazes com molduras aparentes, desse grupo 02 são molduras identificadas pela conotação da observação do 'Ângulo do ponto de vista'. Cujas observações sugerem ser um adesivo de vinil e a moldura do cartaz seria o próprio limite físico do centro do vinil, onde a partir dali são as gravações das músicas.

Todos os 18 cartazes sem moldura aparente, descritos como 'espaços amplos', deixaram impressões além dos limites físicos do cartaz. Em maior quantidade relacionada ao show, seja do ponto de vista do público (edições 1ª, 2ª, 3ª, 5ª, 6ª e 24ª) ou do palco (edições 10ª e 21ª).

Enquadramento | Nesse aspecto ficou evidente a preferência dos designers e/ou artistas pela centralização do cartaz. O "peso" das informações ficou concentrado no centro, ao longo do eixo vertical do cartaz. Na Figura 12, a seguir, é possível ver de acordo com a intensidade dos círculos o tipo de enquadramento mais utilizado (cinza claro- menos frequente e cinza escuro – mais frequente). Para efeito de simples apresentação visual dos dados, foram considerados os formatos mais frequentes, retangular retrato e retangular paisagem.

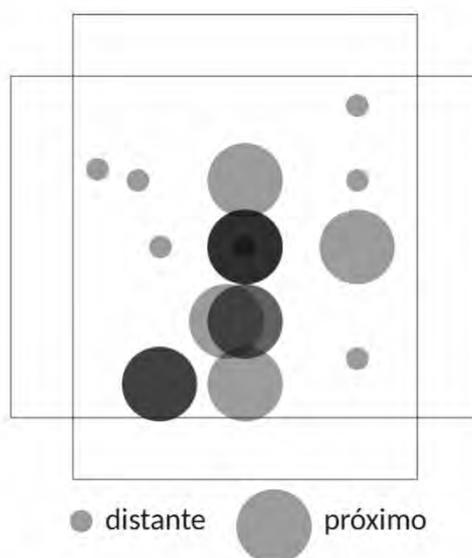


Figura 12. Resultado da análise do signo plástico 'enquadramento'.

Ângulo do ponto de vista | O ângulo frontal também foi amplamente utilizado, mais da metade dos cartazes do Abril Pro Rock são da posição de vista frontal. Em números, esse total é de 17 cartazes.

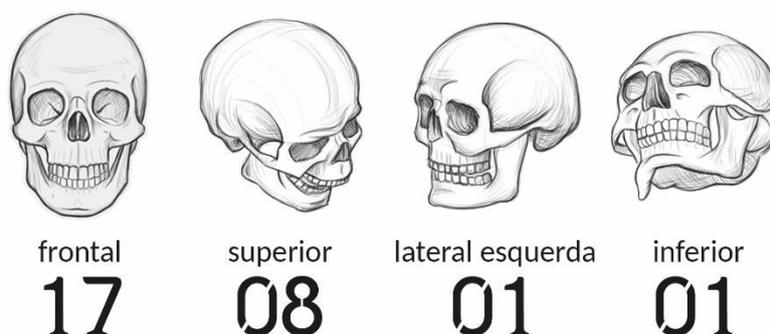


Figura 13. Resultado da análise do ângulo do ponto de vista.

Composição | Em números, o tipo de composição aplicado foi mais variado. A maior parte dos cartazes tiveram *composição axial* e *composição em profundidade*. Esse tipo de composição dar maior visibilidade ao produto, nesse caso o nome 'Abril Pro Rock' ou as ilustrações/figuras.

Apenas 02 cartazes utilizaram a *construção sequencial*, tipo de composição que valoriza mais as informações, a sequência das informações. Foram nas edições 12ª e 17ª. Fica claro a decisão de escolha desse tipo de composição na 12ª, quando se é o segundo cartaz circular, logo após o primeiro que teve problema de

legibilidade do Line Up daquela edição. Ou seja, o cartaz da 12ª edição se justifica pela preocupação em tentar corrigir a falha do cartaz da edição anterior (ver ANEXO B – As histórias dos cartazes do Abril Pro Rock).

Formas | A quantidade de cartazes de formas orgânicas e de formas geométricas está bem equilibrada, mas é importante apontar que o uso das formas orgânicas se sobressai um pouco mais que as geométricas.

- Nas edições 1ª, 2ª e 3ª, as formas foram utilizadas para designar outro objeto, o instrumento musical ‘guitarra’, as linhas curvas são as curvas da guitarra e as pequenas formas geométricas no centro são os botões desse instrumento. E nas edições 11ª e 12ª, representaram a parte do disco de vinil, onde ficam as informações (a etiqueta).
- Nas edições 4ª, 5ª, 6ª, 9ª, 10ª, 17ª, 19ª, 21ª, 23ª e 24ª a forma do cartaz está associada a cultura underground e psicodelia, são rabiscos, em alguns momentos lembram o artesanal (5ª), Histórias em Quadrinhos, colagens e exagero. Nesses casos a produção do cartaz foi com participação do artista visual e do designer ou somente designer (9ª). Nas edições 8ª, 20ª, 22ª e 25ª as formas fazem referência à tecnologia (aerodinâmica, química, ficção científica e mecânica). Na 7ª edição ao Movimento Mangue, com as chaves inglesas dando o formato das patas de caranguejo. Na 18ª edição as formas fazem referência à história de Recife, formas dos casarões, ponte de ferro e Zepelim.
- Nas edições 13ª, 14ª, 15ª e 16ª o ‘mote’ empregado no processo de criação do cartaz norteou a escolha das formas. O exemplo mais fácil de identificar essa influência do mote na produção do cartaz é o da 13ª cujo lema era “Rock é Religião”, com formas barrocas, conchas, pinhas etc.

Cores e iluminação

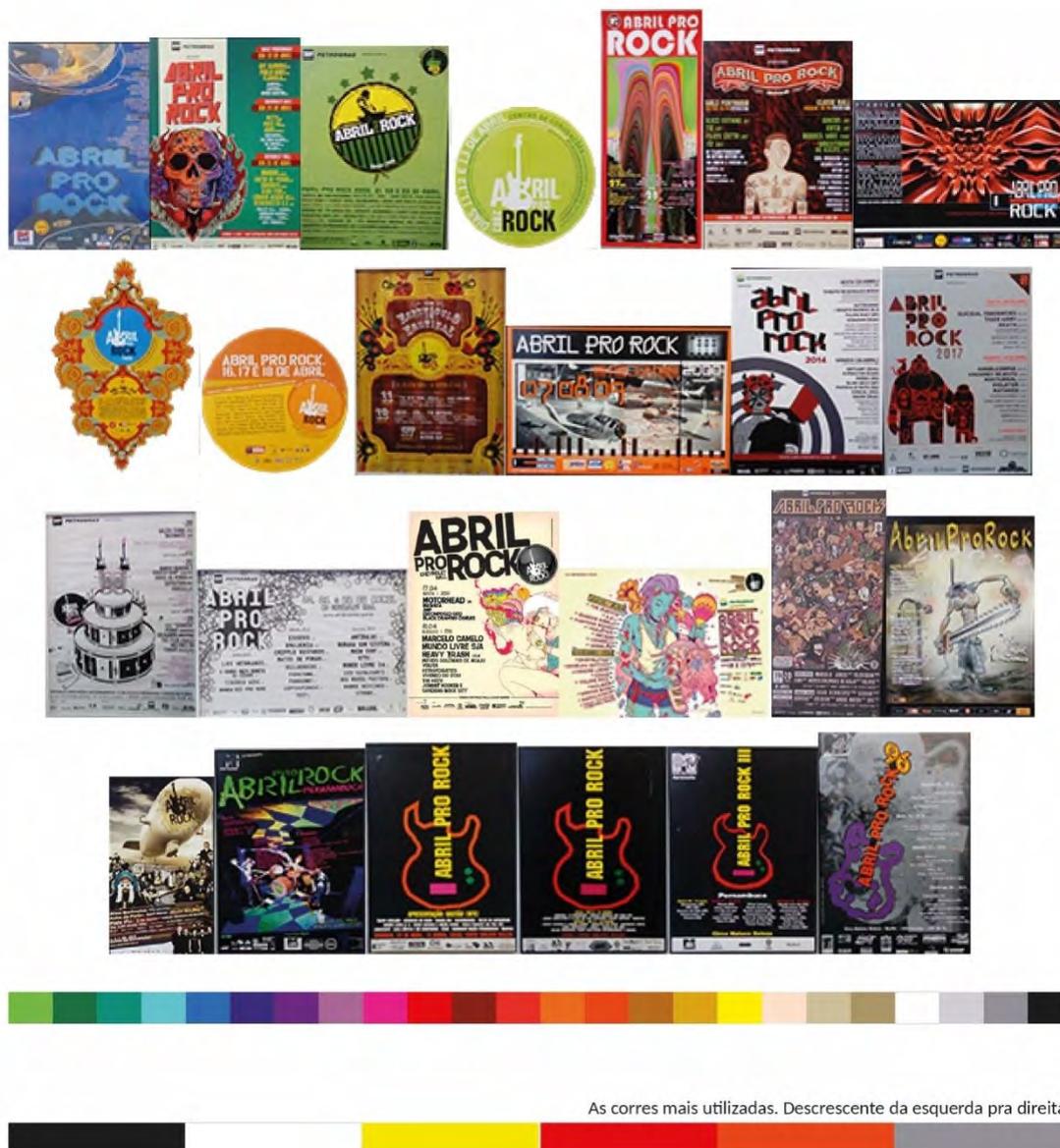


Figura 14. Resultado da amostra de cores encontradas nos cartazes.

A variedade de cores utilizadas nos cartazes do APR mostra a liberdade criativa que os artistas e designers puderam ter no desenvolvimento dos cartazes para o Festival Abril Pro Rock. A barra das cores mais utilizadas mostra o preto como a cor mais recorrida pelos artistas e designers, o preto é geralmente associado ao rock e à noite. Branco é a segunda cor mais empregada, devido à preocupação com a legibilidade, o branco faz o contraste com o preto, favorecendo o processo de leitura das informações. As cores quentes também aparecem na lista (amarelo, vermelho e laranja), seguido pela cor cinza.

Textura | Ficou classificada como textura tátil e/ou textura visual. O recurso mais utilizado para a criação de cartaz foi a textura visual.

- Em apenas três edições (5^a, 21^a e 24^a) a textura era do tipo tátil. A imagem da 5^a eram bonecos de epóxi e a imagem da 21^a, a textura faz alusão ao papel de HQs. Na edição 24^a, lembra uma textura de rocha por trás do desenho.
- As edições 4^a, 6^a, 7^a, 10^a, 13^a, 14^a, 16^a e 20^a, era texturas visuais, que faziam referência à algo do tipo: recortes, fumaça, caranguejos, moldura de igrejas, camisa de futebol, tenda de circo e moléculas.
- Nas demais, eram texturas lisas e chapadas que, somente ao considerar o ambiente do cartaz, torna-se possível uma interpretação conotativa de uma textura para aquele cartaz. Por exemplo nas edições 1^a, 2^a, e 3^a, que a amplitude preta do fundo chapado pode também representar o ambiente escuro de um show.

5.3 Resultados da Análise Simbólica

A análise da mensagem icônica ou análise simbólica foi por meio da identificação dos signos (ícones, elementos) presentes em cada cartaz. Esses signos estão descritos em lista na ficha de análise, na parte dos **significantes icônicos**. Além da identificação, foi feita uma descrição denotativa e conotativa para cada signo, porém é importante ressaltar que essa descrição tem como função orientar a interpretação do signo e, em alguns casos, encontrar o possível significado para seu respectivo cartaz.

Em dados quantitativos (Figura 15), nota-se que a guitarra é o elemento mais utilizado nos cartazes do Abril Pro Rock, 17 dos 25 cartazes do APR tem o ícone ou a representação da guitarra. Porém muitas vezes a guitarra estava apenas como um detalhe do cartaz. Alguns cartazes, por exemplo, o protagonista da imagem era a banda/músico (edições 5^a, 10^a, 14^a, 18^a e 19^a) ou o público do APR (edições 17^a, 21^a, 22^a, 24^a e 25^a), cuja a associação é mais abrangente sobre a música, entretanto é mais próxima da música independente e do que representa o Festival APR.



Figura 15. Quantidade de cartazes onde foi encontrado o signo descrito dentro dos círculos.

A identificação dos significantes icônicos possibilitou uma distribuição desses signos em 16 grupos, que poderão ser visualizados ao longo deste tópico. A figura a seguir explica como foi a identificação de cada signo:



Figura 16. Identificação e organização com signos icônicos.

Serão apresentados cada grupo de signos icônicos separadamente, com o desenvolvimento sobre a observação do mesmo. O objetivo é tentar dissertar sobre o que esse símbolo – identificado pelo grupo de signos – representa para o Festival Abril Pro Rock.

Sendo assim, continuando com a apresentação dos resultados da análise simbólica, o grupo a seguir pode ser considerado o mais denso no quesito simbologia do rock.

Pode-se dizer que a reunião desses três símbolos ‘caveira, mão chifrada e bode’, encontrados nos cartazes do APR, é a representação mais simbólica do rock, heavy metal, death metal, hard core, dentre outros, cujos estilos musicais estão associados à insubordinação e revolta. O rock ficou conhecido pelas ideias de livre-arbítrio no qual conquistou os jovens, onde, nos anos 60 gerou uma série de conflitos sobre as regras impostas aos jovens, pelos seus pais. Entre um desses conflitos estão as doutrinas de base religiosa, muito comum entre as famílias americanas da época. Desta maneira os símbolos satânicos serviram de ação subversiva à essas doutrinas.



Figura 17. Signo Rock ou símbolos satânicos: caveira, mão chifrada e bode.

Nas edições 16^a, 21^a e 24^a, esses símbolos tiveram uma discreta participação nos cartazes, diferente das edições 19^a e 25^a, que apesar de serem parte integrante de um contexto maior – na dimensão contextual de acordo com o respectivo cartaz – esses símbolos tiveram mais visibilidade. Na edição 23^a de 2015, a caveira mexicana é a ilustração principal do cartaz e o próprio contexto também.

Outro símbolo que se tornou comum no rock foi a guitarra. Esse instrumento musical surgiu praticamente na transição entre o blues elétrico e o rock. A guitarra é símbolo de ousadia, atitude, som e estilo, o som da guitarra é importante para o rock, são muitos os guitarristas que ficaram conhecidos nesse estilo musical. Nomes como Keith Richards (Banda Rolling Stone), Eric Clapton e Angus Young (Banda AC/DC) são conhecidos pelos seus talentos e performances que acabam por agregar mais ainda a guitarra como um dos símbolos do rock.



Figura 18. Signo Guitarra, denotação.

Nas edições 1^a, 2^a, 3^a e 4^a, o cartaz era a própria guitarra. Já no papel de coadjuvante, como parte integrante de um contexto, está a guitarra nas edições 5^a, 14^a, 15^a, 16^a, 21^a e 24^a. Nas demais edições 7^a, 11^a, 12^a, 13^a, 17^a e 18^a a guitarra tinha grande visibilidade pois era parte integrante de um logo criado para o Festival Abril Pro Rock, em 2003, exceto em 1999 (7^a) onde também é a proposta de um logo, mas teve distinção somente nesse cartaz.

Destaques para as características das guitarras da 7ª edição, criada com formas geométricas, e da 21ª edição, no qual a guitarra está sendo quebrada no chão do palco.



Figura 19. Signo Guitarra, conotação.

Teve ainda na 10ª edição, ilustração de Angeli, uma motosserra simbolizando uma guitarra. Essa interpretação só foi possível devido a outros signos que também estão nesse cartaz, que indicam que o personagem que segura a motosserra nas mãos está em um palco. A motosserra tem um som característico, assim como a guitarra também possui, pode-se considerar como uma forma de personalidade desses dois objetos.



Figura 20. Signo Palco. Seleção de itens que faz referência ao palco: microfones, cabos e alto falantes.

Os elementos de palco têm papel importante na interpretação do contexto de certos cartazes, como foi no caso da figura 19, onde se não fosse por esses elementos, não seria possível uma interpretação mais abrangente sobre a ilustração. Além disso, o Signo Palco representa um conjunto de objetos importante para que o APR aconteça, são equipamentos que fazem a transmissão sonora em elétrica o que permite a amplificação da música. Na 21ª edição é possível ver o desenho do palco e da guitarra sendo quebrada sobre ele.

Entretanto, o palco da 21ª edição só pode ser identificado por causa do público, formado por vários personagens, eles estão em um nível mais abaixo dessa estrutura que só aparece num pequeno detalhe no canto inferior direito do cartaz.

Em todos os cartazes que tem o público, o que ficou mais evidente foi o cartaz da 21ª. Porque pelo **ângulo do ponto de vista** do cartaz fica evidente que a multidão está diante de um palco.



Figura 21. Signo Público do APR.

A ideia de simbolizar o público do APR também tem como uma das suas razões a resistência do festival que acontece todos os anos, formando dessa maneira um público característico, como na 25ª edição que representa a troca de gerações (entre pai e filha).

Nas outras 17ª, 22ª e 24ª, atenta a relação do público com a música, demonstra uma relação íntima que o personagem tem com aquilo que ele curte ouvir.

No cartaz da 21ª edição tem um personagem de características curiosas no meio da multidão, ele é de fogo tem os braços compridos.



Figura 22. Cartaz da edição 21ª, destaque para o personagem de fogo.

Esse personagem com os longos braços formando um círculo, é uma alusão à roda de fogo, também conhecida como roda de pogo ou roda punk⁹.

O fogo também é um dos signos icônicos que foi encontrado em alguns cartazes do Abril Pro Rock.

O fogo é um elemento que tem relação com o rock, representa força, energia e entrar em estado de combustão. O fogo deixa marcas. É um sinônimo para apontar a intensidade da música. Tanto que nas edições 6^a, 10^a e 23^a o fogo tem esses significados como representação no cartaz.

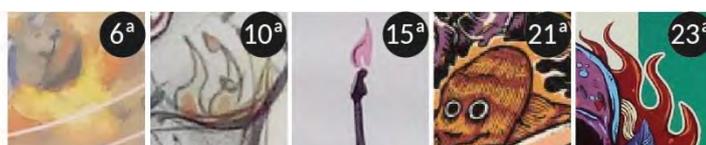


Figura 23. Signo fogo.

Na 21^a é a própria representação da intensidade em que acontece uma roda de pogo. E, na 15^a edição, o fogo perde seu aspecto de força e energia e passa a ter a característica de uma vela de bolo de aniversário, afinal, é a 15^a edição, data redonda e um bolo de debutante.



Figura 24. Signo icônico de Banda/Músico, denotação.

A banda ou músico representado nos cartazes são os símbolos mais evidentes para que um expectador perceber que o cartaz é a divulgação de um evento de música. Bem como está configurado o cartaz da 18^a edição que usou fotografias das bandas. Esse tipo de configuração, usando fotografia das bandas, não foi repetida em outros cartazes. A 5^a edição é uma banda completa feita de bonecos; a 6^a é um pequeno recorte na borda superior do cartaz; na 10^a encontrou-se outros signos para ajudar na interpretação de que o personagem m destaque seja

⁹ Assistir o vídeo “Sinta-se dentro de uma roda punk” do canal do Diário de Pernambuco do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=GQnussoD4RA>

um músico; a 14^a é a silhueta de um guitarrista e; 19^o é uma musicista que está tocando uma escaleta e um chocalho.

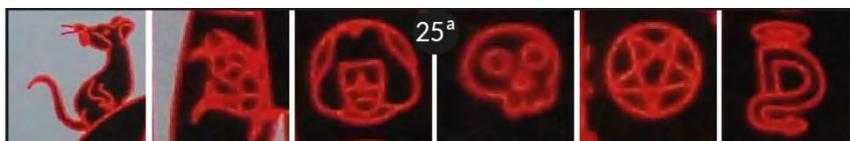


Figura 25. A conotação do signo de Banda/Músico.

A Figura 24, diferente da Figura 25 (que mostra a banda ou músico diretamente), é uma seleção de ícones usados no cartaz da 25^a edição, como um jogo de adivinhações no qual o expectador tenta achar as referências das bandas nos detalhes do cartaz. Essa foi uma proposta para a data comemorativa dos 25 anos, para lembrar as bandas que já tocaram no Abril Pro Rock. Seguindo a sequência da esquerda para a direita dos signos da Figura 25, as bandas são: Ratos do Porão, Sepultura, New York Dolls, Motörhead, Krisium e Devotos.



Figura 26. Representação conotativa do som/ruídos.

Essa seleção de indícios da passagem do som/ruídos é uma das mais conotativas dos grupos de signos encontrados. São partes das ilustrações que fazem alusão ao som/ruídos ou música, indica o movimento das vibrações sonoras. Nas edições 4^a e 9^a é a representação do som alto, seja pela quebra das vidraças (4^a) ou pela representação das ondas sonoras (9^o) que atingem o ápice das linhas coloridas. A 19^a edição tem uma interpretação íntima, quando se considera o contexto do cartaz o sentimento é de que o som que a garota está produzindo com a escaleta e o chocalho atinge uma intensidade particular que desintegra seu corpo ou sua alma. A pose da modelo é um indício dessa relação íntima da garota com a música. Apensar de na edição 24^a aparecer a própria nota musical – que é a síntese gráfica mais utilizada para reproduzir o som -, elas estão próximas às linhas verticais que impulsionam o movimento sonoro, assim como os raios que também indicam esse movimento da música para a grande orelha do centro do cartaz.

Apesar de a guitarra ser um instrumento musical, em razão da quantidade de ícones encontrados ela foi separada desse grupo da Figura 26. Outros instrumentos musicais tiveram representações em alguns cartazes do APR, precisamente em quatro edições 5^a, 15^a, 16^a e 19^a. Destaque para dos instrumentos de metais como o trompete e trombone (15^a e 16^a), os teclados soltos de piano (15^a) e os instrumentos escaleta e chocalho que são geralmente associados ao universo infantil.



Figura 27. Seleção de Instrumentos Musicais.

No caso do cartaz da 15^a edição, a representação desses instrumentos se deve ao fato do aniversário de 15 anos do Festival APR e a ilustração do cartaz é um bolo estilo de debutante. O trompete e o piano lembram a música clássica tocada para o momento da valsa.

A figura de suportes de gravação e reprodução sonora, a presença deles no cartaz, ajuda o expectador a perceber em poucos segundos de observação que o cartaz está relacionado à música. As imagens presentes na Figura 28, sozinhas, também têm um papel de ícone para representar a música de forma simples, além das letras musicais que representa o arranjo sonoro, essas imagens simulam a música em meio concreto.

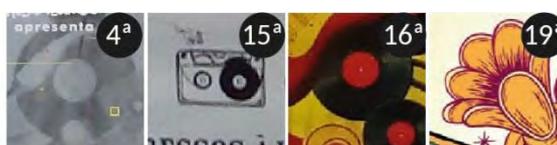


Figura 28. Signo CD/K7/Vinil/Gramofone.



Figura 29. Signo CD/K7/Vinil/Gramofone, conotação.

A Figura 29 traz o formato circular de dois cartazes do APR, as edições 11^a e 12^a, cujo formato é uma alusão a etiqueta impressa no centro dos discos de vinil.

Esses suportes de gravação contam a história do mercado da música e, conseqüentemente do Festival Abril Pro Rock, quando no início dos anos 90, a demo em Fita K7 era o material mais recebido pela produtora para conhecer os trabalhos das bandas espalhadas pelo Brasil que enviavam seu material através desse meio de suporte. Além de ser mais barato que CD. Com as evoluções tecnológicas e a acessibilidade da internet, esta passou a ser o meio mais procurado para divulgação do material das bandas, através do compartilhamento de arquivos e links para páginas que permitem ouvir a música online.

Mesmo que a tecnologia não tenha sido representada em mais cartazes do APR, nas edições 8ª e 12ª os cartazes foram completamente contextualizados na tecnologia e na ficção científica respectivamente. A 4ª edição são vestígios de códigos que fazem parte dos espaços livres de texto do cartaz, é uma mistura das tecnologias dos suportes de gravação e reprodução – o plano de fundo do cartaz é uma fotografia tirada por Gil Vicente de CDs, K7s e cabos espalhados - com os códigos geométricos nas cores primárias, estilo painel de nave espacial.



Figura 30. Signo Tecnologia.

O cartaz da 8ª edição é de 2000, a história contada no ANEXO B mostra que esse cartaz foi inspirado na imaginação popular do século anterior de como seria a vida nos anos 2000, cheio de carros voadores, robôs convivendo com as pessoas, dentre outras coisas relacionadas à evolução da tecnologia.

A 12ª edição são os 20 anos do Abril Pro Rock, o visual é todo inspirado nos filmes de ficção científica. O detalhe que está presente na Figura 28 é uma parte dos desenhos de estruturas químicas que estão espalhadas nas bordas laterais e superiores do cartaz, essas estruturas são associadas à base da formação das coisas. Essas moléculas podem ser uma reprodução intrínseca do Festival Abril Pro Rock que nessa edição completou 20 e, assim, possui uma base estrutural firme e resistente.

No entanto, foram encontrados ícones nos cartazes do APR que fazem parte da natureza, como conchas, pinhas, folhas, cristais e flores. Nos casos

apresentados a natureza faz parte do contexto geral de cada cartaz. As conchas e as pinhas (13ª edição) conectam a aplicação desses elementos ao estilo barroco; a folha e os cristais (19ª edição) representam o natural e o bruto das expressões humanas e; as flores (23ª) fazem ligação com a tradição das caveiras mexicanas e do maracatu.



Figura 31. Signo Natureza.

Os caranguejos fariam parte do grupo do signo Natureza se não fosse pelo seu significado mais abrangente. O caranguejo tem um significado mais forte para o Recife, refere-se ao contexto de parte da sua história, da cena Mangue. Por isso não teria como misturar esses dois grupos, onde no signo Natureza é a relação do signo com o próprio cartaz e no signo Caranguejo é a relação do signo com o espaço além-cartaz.

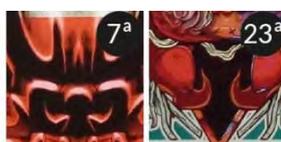


Figura 32. Signo Caranguejo.

Como conta a história do cartaz da 7ª edição, esse caranguejo é formado por chaves inglesas em relevo, registrado em fotografia da obra de arte de Juliana Notari - ANEXO B. No cartaz da 23ª edição o caranguejo é formado em parte pelo fogo, lembra duas patas de caranguejo, logo abaixo da caveira mexicana. Nesse cartaz o caranguejo também compõe a ilustração fazendo referências ao Recife.

No caranguejo estava a representação da cena Mangue, agora é a representação da cidade Recife e/ou estado Pernambuco. A 18ª edição usou uma simbologia histórica da idade do Recife, a chegada do zepelim e os prédios históricos, os tons em sépia do cartaz deixa ainda mais visível essa simbologia. A bandeira de Pernambuco na máscara de um dos vários personagens presentes no cartaz da 21ª edição, cujos personagens estão como público do festival, mostra o

orgulho de pertencimento ao estado de todos envolvidos, público e organização do festival.



Figura 33. Signo Recife/PE.

A lança do caboclo de lança que está na edição 23ª é a apropriação de um símbolo da cultura tradicional do estado para o Festival APR que sempre valorizou as raízes musicais de Pernambuco.

Outro signo encontrado, a estrela, é um símbolo que geralmente está associado à grandeza. Nos cinco cartazes a estrela, pelo menos, indica 'destaque' para alguma coisa, destacar informações de texto (16ª e 19ª), destacar a quantidades de títulos do futebol (14ª), destacar os andares do bolo (15ª) e destacar as tatuagens (24ª). Ou seja, a estela funciona como orientação visual.

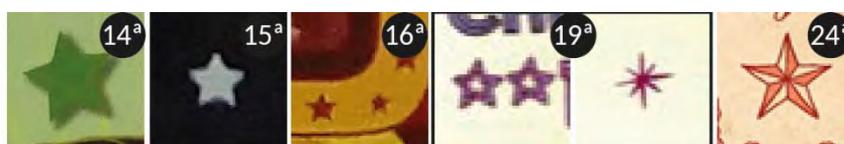


Figura 34. Signo Estrela.

No cartaz da 24ª a estrela está logo acima do texto que informa a faixa etária da censura e o site do festival, ela é uma tatuagem, tal qual os outros desenhos espalhados pelo tórax e braços do homem. Na Figura 33 mostra as tatuagens encontradas nos cartazes do APR. Tatuagem é uma característica comum por quem transita nessa área da cultura que envolve a música, as artes plásticas, design, teatro etc. Essas áreas fazem com que as pessoas expressem com mais frequência suas ideias ou sentimentos, o que gera a intenção de se fazer uma tatuagem. Essas pessoas são o tipo do público mais frequente do Abril Pro Rock.

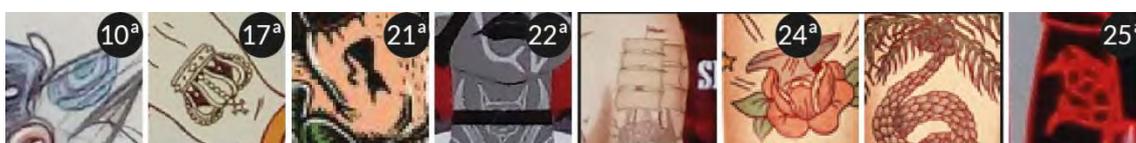


Figura 35. Signo Tatuagem.

A máscara nos cartazes do APR subentende como mistério. Na 10^a e na 22^a edição os personagens mascarados mais o cenário do cartaz, deixa aberta várias interpretações. No primeiro o personagem está com uma motosserra nas mãos em um palco esfumado e no segundo a mulher de cabelos vermelhos e corpo todo tatuado, tem no rosto uma expressão indiferente e, como cenário, formas circulares em diferentes tamanhos que lembram os círculos da hipnose.



Figura 36. Signo Máscara.

Esses signos visualmente indicam a psicodelia, como o chão e teto do palco de bonecos no cartaz da 5^a edição, que está em xadrez irregular. Na produção do cartaz para a 9^a edição, em 2001, estava acontecendo na cena musical da época um renascimento da música psicodélica o que resultou na visível influência estética desse cartaz – ANEXO B. No cartaz da 17^a edição a “explosão colorida” do travesseiro é visualmente psicodélico, mas pode ser interpretado como os sentimentos presos no travesseiro (na mente) da garota que o aperta, considerando que as músicas expressam sentimentos e também estão fixadas na mente/memória.



Figura 37. Signo Psicodelia.

A orelha da 24^a edição é surreal, a psicodelia e o surreal se misturam em muitos aspectos, ambos têm a criatividade livre da racionalidade. O rosto tomado completamente por uma grande orelha, fez sobressair o sentido da audição acima de todos os outros sentidos. Qualificando ‘escutar música’ como a principal parte da vida.

As formas geométricas que foram identificadas nos cartazes possuíam diferentes funções de um cartaz para outro. Nos cartazes das edições 8^a, 13^a e 22^a as formas geométricas assumem uma função estética, ainda que no cartaz da

edição 22^a as formas tenham mais interpretações que vão além da estética, a forma sozinha está em harmonia estética. Na 7^a edição é a proposta de uma síntese visual para a guitarra, sendo também parte de um logo. Já no cartaz da 12^a edição o círculo laranja foi usado como ‘espaço reservado’ para a logo do Abril Pro Rock, teve mais um papel informativo que estético.



Figura 38. Signo Formas Geométricas.

A seguir, são os signos encontrados que não entraram em outro grupo, sendo eles os únicos representantes da ‘seta, bandeira e travesseiro’. A seta é símbolo de direção, a bandeira em haste é símbolo de sinalização e o travesseiro tem uma representação conotativa para a mente/memória da garota. Como se o travesseiro fosse dono dos sonhos.



Figura 39. Setas, bandeira e travesseiro.

No total foram identificados 17 grupos de signos Guitarra, Instrumentos Musicais, Banda/Músico, Palco, CD/K7/Vinil/Gramofone, Tatuagem, Rock, Fogo, Elementos Geométricos, Público APR, Estrela, Natureza, Recife/PE, Tecnologia, Máscara, Caranguejo/Mangue. Mais 3 signos que não estão sem grupos que são ‘Setas’, ‘Bandeira’ e ‘Travesseiro’.

5.4 Resultados da Análise Linguística

Foram analisadas a **imagem das palavras** e o **conteúdo linguístico** de cada cartaz. O foco da análise dos signos linguísticos ficou no nome do festival ‘Abril Pro Rock’ e na lista de bandas que tocaram em cada ano, também conhecida como ‘*Line Up*’. Textos extras, de caráter publicitário como por exemplo “Um espetáculo de

Festival” (16ª edição) não foi objeto de análise, mesmo que o texto esteja mais evidente que o nome ‘Abril Pro Rock’.

Na **análise da imagem** é composta por três aspectos: a disposição na página, a cor e a classificação tipográfica. Sobre a análise do **conteúdo linguístico**, o texto será descrito como *âncora* ou *substituição*.

5.4.1 Texto ‘Abril Pro Rock’

As figuras a seguir mostram o resultado da *disposição na página* (Figura 40) e *cor* (Figura 41). Para os resultados da disposição do nome ‘Abril Pro Rock’ no cartaz, considere o APR que está em cinza claro como a posição menos frequente encontradas nos cartazes e o cinza escuro a mais frequente.

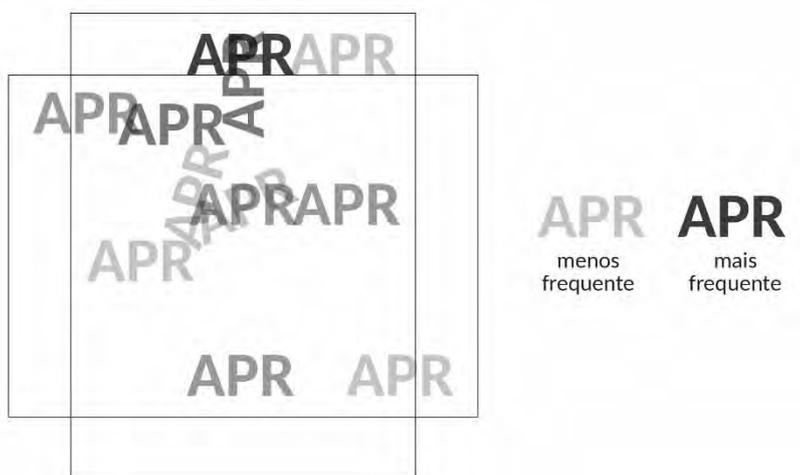


Figura 40. Representação visual da disposição do nome 'Abril Pro Rock' nos cartazes.



Figura 41. As cores utilizadas no nome 'Abril Pro Rock'.

Os resultados mostram que as posições que mais repetem estão concentradas no centro-superior do cartaz. Isso se explica pela necessidade de captar o olhar do expectador em poucos segundos quando o mesmo está passando em frente ao cartaz afixado no muro. Como o cartaz é uma publicação efêmera, no caso do cartaz de divulgação do APR, a mensagem precisa ser clara para o rápido entendimento do expectador.

Na Figura 39, é possível conferir a paleta das cores escolhidas para o nome do festival. As cores mais utilizadas foram a cor branca (9 vezes), preta (7 vezes) e a cor amarela (4 vezes).

Os quadros a seguir mostram o resultado da classificação tipográfica do nome 'Abril Pro Rock', de acordo com Catherine Dixon (2015).



Serifa: Triangular

hop

Vlaanderen Chisel

Serifa
triangular



Sem-serifa: Grotescas

Hagel

Gothic 13

Sem serifa:
grotescas





Sem-serifa: Problemas

HOPE

LITHOS

Sem serifa:
problemas



Caligráficas

Hopel

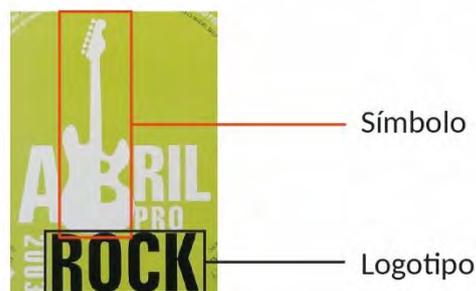
Anni Font

Caligráficas






Na amostra dos resultados alguns casos diferentes foram identificados. Um deles é a logo proposta para o festival que foi classificada como *Grotescas*, porém nota-se que a letra B da palavra 'Abril' tem a forma de uma silhueta de guitarra.



Desta forma, o nome 'Abril Pro Rock' poderia também ser classificado como *Processadas / Manipuladas*. Entretanto, foi levado em consideração os componentes que formam o logo, sendo nesse caso *Grotesca* como a classificação mais adequada para o texto e *Dingbats / Símbolos / Ornamentos* para a guitarra.

Outro caso diferente é a serifa na letra "i" do nome 'Abril Pro Rock' da 20ª edição, mas que independente da serifa, a opção de classificar como *Grotesca* foi devido ao formato da maioria das letras.



Em relação ao conteúdo linguístico do nome 'Abril Pro Rock', em todos os cartazes o nome do festival tem a função de **âncora** da imagem. O que simboliza, de acordo com Martine Joly (1994), que o nome 'Abril Pro Rock' tem a função de orientar o espectador sobre o conteúdo da mensagem da cartaz.

5.4.2 Texto Line Up

As figuras a seguir mostram o resultado da *disposição na página* (Figura 42) e *cor* (Figura 43). Para os resultados da disposição do Line Up no cartaz, considere o retângulo que está em cinza claro como a posição menos frequente encontradas nos cartazes e o cinza escuro a mais frequente.

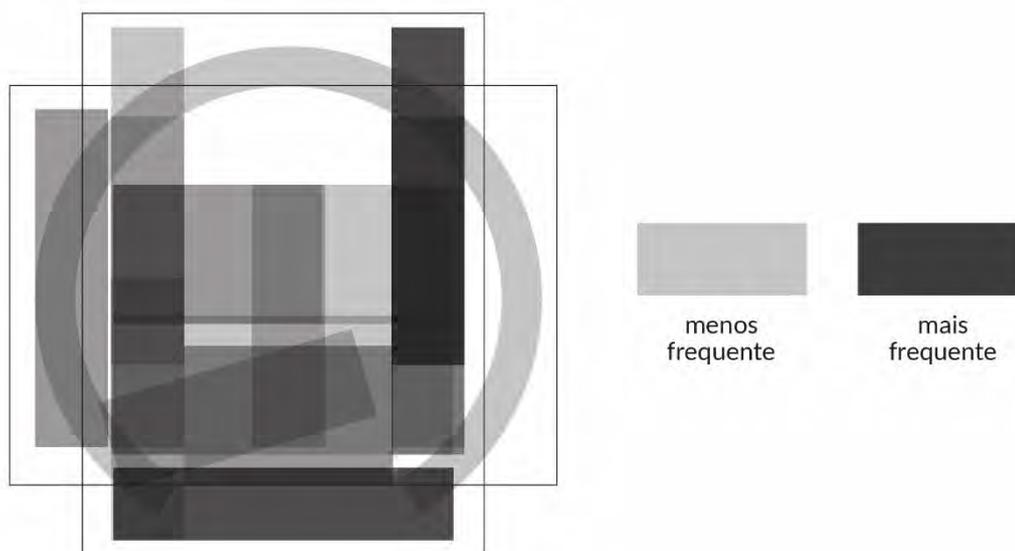


Figura 42. Representação visual da disposição do Line Up nos cartazes.

Nota-se que o centro-superior do cartaz está livre do “bloco” de texto, isso porque esse espaço em branco da Figura 41 está na maioria das vezes ocupado pelo nome do festival. É também uma posição privilegiada do foco do olhar do expectador.



Figura 43. As cores utilizadas no nome Line Up.

Se for comparado com o resultado de *cor* da análise dos cartazes e do nome ‘Abril Pro Rock’, esse resultado do Line Up teve o menor número de cores na paleta. Neste caso o fator que mais deve ter influenciado na pouca variedade de cores está

associado à importância da legibilidade do Line Up. Mesmo que a cor não seja a única ferramenta considerada para transformar um texto legível, o contraste entre a cor do texto e do plano de fundo é de grande importância nesse processo.

Um indício dessa preocupação com o contraste das cores do Line Up é o uso do contraste branco/preto e preto/branco em 9 cartazes, essa quantidade é um pouco mais de 1/3 das 25 edições.

<i>Serifa: Triangular</i>	
<p>hop Vlaanderen Chisel Serifa triangular</p>	
<i>Sem-serifa: Grotescas</i>	
<p>Hagel Gothic 13 Sem serifa: grotescas</p>	
<i>Sem-serifa: Neo-grotescas</i>	
<p>Hage Folio Sem serifa: neo-grotescas</p>	
<i>Sem-serifa: Geométricas</i>	
<p>Hag Century Gothic Sem serifa: geométricas</p>	

Sem-serifa: Problemas	
<p>HOPE</p> <p>LITHOS</p> <p>Sem serifa: problemas</p>	
Caligráficas	
<p><i>Hopel</i></p> <p>Anni Font</p> <p>Caligráficas</p>	
Processadas	
<p><i>HOPE</i></p> <p>Enhorre Circuit</p> <p>Processadas/ Manipuladas</p>	
Emulativa	
<p>HOPE</p> <p>PLASTIQUE</p> <p>Emulativas</p>	

A quantidade de Line Up com a fonte Grotasca e Neo-grotasca é também mais um indício dessa preocupação com a legibilidade. Fontes *sans-serif* são as mais utilizadas para publicações que ficam a certa distância do expectador e que necessita de rápida assimilação do conteúdo, porque elas têm formas simples e quase não tem contraste entre as hastes das letras.

Em relação ao conteúdo linguístico do Line Up, em todos os cartazes a lista de bandas teve como função a **substituição**. Porque o nome das bandas é a ferramenta verbal utilizada para substituir a imagem das bandas, o que deixaria o cartaz poluído se considerar o Design da Informação de um cartaz.

6 CONCLUSÕES DAS ANÁLISES

A significação global do cartaz do Abril Pro Rock está formada por características que estão empenhadas em transmitir a essência do Festival APR, assim como Joly (1994) afirma “a imagem é composta de diferentes tipos de signos (linguísticos, icônicos e plásticos) que concorrem em conjunto para a construção de uma significação global”. Essa construção dos signos encontrados nos resultados dos tópicos ‘5.1 Resultados da Análises Plástica’, ‘5.2 Resultados da Análise Simbólica’ e ‘5.3 Resultado da Análise Linguística’ se integram para construir a natureza da mensagem do cartaz de rock e, quem sabe, o cartaz de festival de música independente. Mas para esse último, seria imperativo explorar a produção de cartazes para outros festivais do gênero.

A essência do ‘novo’ do festival se mostrou melhor quando o cartaz tinha como referências principais, os signos que representavam uma Banda/Músico ou o Público do APR. Apesar de ter a palavra ‘Rock’ no nome do Festival, não é atração exclusiva do evento¹⁰, a base do APR é fomentar a música independente. Nesse caso, a produção independente é como uma relação íntima com a música, cujo artista é persistente e continua ativo nas produções porque ama aquilo que faz. E a música para o expectador é também uma relação particular, pois as músicas dão brechas para serem memorizadas de diferentes formas para cada pessoa. Talvez seja por isso que o Festival tenha nesses signos a representação da sua essência.

Nesta pesquisa, foram identificadas uma função principal e duas funções secundárias. A principal é a de propaganda, pois antes de tudo o cartaz do Abril Pro Rock tem a função de divulgar o festival. Como funções secundárias: de informação, porque os cartazes informam as bandas (*line up*) que irão tocar e a estética, pois na maioria das edições se tem a participação de artistas convidados.

Por meio das descrições foi possível perceber uma característica comum dos cartazes, o nome ‘Abril Pro Rock’ está geralmente centralizado no canto superior ou aproximado da borda esquerda do cartaz. Isso evidencia o cuidado em deixar claro que o referente cartaz é do Festival Abril Pro Rock.

Quando a ‘dupla de criação’ era um artista e um designer, os cartazes eram mais simbólicos e tinham um visual underground na maioria das vezes. Os resultados eram mais diferenciados que os demais, com muita conotação. Nota-se

¹⁰ Uma afirmação do próprio produtor.

uma preocupação maior com a estética, estando em alguns casos a legibilidade comprometida (5ª e 8ª edições). Ao contrário dos cartazes produzidos em agência de publicidade que tiveram uma configuração mais comercial e superficial, como no cartaz da 14ª edição (2006) com tema de Copa do Mundo. Por outro lado, na edição seguinte (15ª edição) o cartaz de bolo de debutante foi inusitado, com signos empregados de forma completamente diferente de suas funções. Por exemplo, as guitarras foram transformadas em vejas do bolo, os tons de bateria nas camadas do bolo etc.

Tendo em vista a premissa da análise da imagem de Martine Joly (1994) e fazendo paralelo com o design contemporâneo, onde uma de suas vertentes é a preocupação com o usuário, para o Abril Pro Rock, o usuário não é somente o público fãs das bandas dos shows, é também outros músicos, jornalistas e artistas visuais que produzem material para o país. Portanto, recorrendo às palavras de Rafael Cardoso (2008) “o designer precisa ter a consciência clara sobre o tipo de sociedade que se deseja planejar”, esse é um dos exemplos do design sendo projetado para um mundo complexo. Alguns dos cartazes que tiveram a participação de artistas, esses mesmos artistas eram consumidores da cena local. Aconteceu muito nas edições dos anos 90.

No geral, os cartazes do APR possuem uma função linguística que transita entre a mensagem *expressiva* e a mensagem *conotativa* (JOLY, 1994), pois hora a imagem do cartaz está representando o festival, hora está criando uma identificação com o expectador. Isso aconteceu entre as edições, e não em um único cartaz.

Essa pesquisa evidenciou que a presença do designer dentro da produtora, desenvolvendo os projetos gráficos do cartaz, foi de fundamental importância na produção de cartazes mais consistentes, quanto à significação global. O designer quando vivencia o ambiente de produção de uma empresa, consegue codificar melhor os signos do repertório visual do expectador da mensagem, aumentando a conexão entre o expectador e o Festival (edições 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 23ª e 24ª). O repertório visual encontrado está ligado à música de alguma forma, na maioria das vezes diretamente ligado, como a guitarra, em outros poucos momentos indiretamente, como a máscara.

Evidenciou também que a guitarra e a cor preta são aspectos comuns encontrados no corpus analítico. O contraste entre as cores preto e branco para informações mais extensas como a lista de shows (*Line Up*), também é comum para

deixar o texto mais legível. Por ser um dos instrumentos mais característicos do estilo rock, talvez a guitarra, em meio aos cartazes de shows de rock tenha uma efetiva associação da relação entre a presença da guitarra no cartaz e o rock como tema do evento.

Sobre a evolução das tecnologias identificadas nos cartazes ao longo das edições, foi possível perceber as variações das técnicas empregadas, considerando o contexto histórico dos três momentos (anos 1990, 2000 e 2010). Em ordem cronológica, as técnicas identificadas foram: montar um cenário manualmente e fazer foto para compor o plano de fundo do cartaz (1996), manipulação direta de elementos no computador como “arte no computador” (2001), corte personalizado do papel personalização mecânica do formato da cartaz (2003) e desenho à mão livre seguido pela finalização em computador (2009).

É interessante destacar a diferença no processo de produção entre os cartazes de 2002 e 2009. Ambos têm como base o desenho à mão livre. Enquanto que o primeiro desenho é pronto e finalizado (com cores, marcas e assinatura) e enviado para que a designer desenvolva o cartaz, o segundo foi iniciado à mão livre, mas finalizado em computador (cores e edições). Se analisadas juntas, as ferramentas *litografia* e *computador*, elas representaram uma das mais importantes mudanças para o designer gráfico, o controle sobre a produção visual. Cada uma em seu tempo.

Os achados da pesquisa durante a análise dos vinte e cinco cartazes foram a *utilização de uma estética barroca* na 13ª edição do cartaz APR – conchas, pinhas, ornamentos rebuscados, que lembram as molduras de William Morris – e uma *variação ortográfica* no cartaz da 5ª edição (1997), a letra N de PerNambuco está invertida. Sobre a variação ortográfica encontrada, o emprego dela aparenta ser intencional e foi elevada ao nível estético, levando em consideração a estética do cartaz e a tipografia gráfica. Outro dado interessante foram os cartazes de corte não convencional, são eles da 11ª, 12ª e 13ª edição, desenvolvidos pela agência da publicidade, esses cartazes não eram retangulares como os demais. A idéia de convidar os artistas visuais para criarem uma obra para ser utilizada pelo designer no desenvolvimento do cartaz do festival (edições 5ª, 6ª, 7ª, 10ª, 20ª, 22ª, 23ª e 24ª) é um ponto inovador, porque é uma forma do festival mostrar que faz parte da sua essência transitar entre as áreas da cultura, bem como dar visibilidade ao artista. A seqüência de cartazes das **edições 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª e 9ª**, são os melhores

representantes do design gráfico pernambucano dos anos 90. A maior parte deles foi criado pela designer Sonaly Macedo.



De maneira geral, os cartazes do Abril Pro Rock apresentaram a multipluralidade característica do design brasileiro, devido ao uso de muitas cores, signos diversos e o estilo próprio dos artistas e designers que participaram da produção, assim como os cartazes desenvolvidos pelas agências de publicidade (copa, bolo, circo etc). O contexto histórico, principalmente no início do festival (anos 90), teve muita influência no visual dos cartazes, justificado pelos experimentos das ferramentas de software dos computadores e pela cena musical do Manguebeat.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação teórica escolhida para essa pesquisa foi eficiente para um entendimento geral da comunicação do cartaz e para o desenvolvimento da análise e atendeu aos requisitos para a construção das Conclusões das Análises. Entretanto, esta pesquisa seria mais bem desenvolvida com um tópico dedicado ao design pernambucano, cujas informações estão dispersas em outros tópicos, referentes ao contexto histórico, influência das técnicas de impressão e memória gráfica.

A Metodologia empregada na pesquisa se mostrou suficiente para a obtenção dos resultados simbólicos. A elaboração de uma entrevista semi-estruturada com o produtor do Festival Abril Pro Rock e o modelo de análise da imagem de Martine Joly (1994), foi possível coletar várias informações que ajudaram em muitos aspectos o desenvolvimento da análise. Contudo, o ideal para a pesquisa seria ter feito também outras entrevistas com cada designer, artista ou agência de publicidade, na tentativa de se coletar mais dados de maneira que possam ser feitas interconexões com as interpretações semióticas dos resultados das análises da pesquisa com as informações que eles iriam passar nas entrevistas.

Descrever cada cartaz foi importante para tentar entender o processo criativo envolvido em cada edição do cartaz. Tentar acompanhar o processo criativo por meio da descrição se transformou em um exercício intrigante.

A hipótese se confirmou como sendo o visual underground uma das principais características dos cartazes do Abril Pro Rock, isso se deve à proposta do festival, mas principalmente pelas características dos cartazes na fase inicial. No começo os cartazes tiveram muito a influência do ambiente, a cena mangue. Na fase seguinte (anos 2003-2008) perde-se um pouco das características que norteavam os cartazes do APR, porém, logo em seguida, é retomado o processo de produção do cartaz utilizado nas edições que formaram a essência do festival. Essa retomada é a prova do que caracteriza esse conjunto de cartazes como sendo do APR.

Os cartazes do Abril Pro Rock são um importante registro da Memória Gráfica Pernambucana porque, em concordância com José Teles, estudioso da música pernambucana, considera o APR de suma importância porque mostrou que a música local tinha público. De um estilo musical que surgiu da periferia, que não tinha espaço para tocar nas rádios, o APR é criado para dar espaço ao mangue e

colocá-lo na vitrine nacional. Os cartazes do festival carregam símbolos que representam o contexto, a identidade e a memória de quem vive a cultura do estado.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado por meio da aplicação da ficha de análise, a maneira como foi analisada cada parte do cartaz propiciou um estudo sistemático dos aspectos morfológicos e semânticos do design gráfico dos cartazes do Abril Pro Rock. É ressaltado que sem a fundamentação teórica desta pesquisa não seria possível se quer a execução da aplicação da ficha de análise.

Sobre os objetivos específicos, o registro dos cartazes ocorreu de forma provisória, a proposta inicial era de digitalização dos cartazes em alta resolução com a finalidade de se ter cópia em alta qualidade. Porém o registro ficou somente para servir de ilustração dos dados da pesquisa. O próximo ponto seguiu com a identificação dos elementos visuais de cada cartaz, como resultado obteve-se painéis bastante detalhados. Conseqüentemente, o objetivo específico seguinte, *'fazer interpretação semiótica desses elementos'*, decorreu de forma satisfatória, neste ponto, evidencio o agrupamento dos signos como um bom caminho para fazer essa interpretação. O objetivo de *identificar as evoluções tecnológicas no desenvolvimento dos cartazes* transcorreu para uma nova forma de visão, baseada na influência da técnica de impressão e tecnologia no desenvolvimento do cartaz. Porque o que foi encontrado não foram as “marcas” das evoluções tecnológicas, foram identificadas influências dessas evoluções tecnológicas. Por último, o objetivo de contribuir para a memória gráfica de Pernambuco, aconteceu desde a escolha do corpus desta pesquisa. Os cartazes do Abril Pro Rock, em 25 edições, nunca antes teve sua coleção catalogada e analisada.

Como desdobramento desta pesquisa, propõe-se analisar os aspectos simbólicos de outros cartazes de festivais do gênero, com o objetivo de se obter tendências visuais e de comportamento do design contemporâneo desses cartazes e, conseqüentemente, faria um mapeamento dos designers e artistas visuais de todas as regiões do Brasil. O outro desdobramento, se configura na perspectiva da análise retórica, com o intuito de se obter informações relativas à persuasão desses vinte e cinco cartazes. São aspectos mais publicitários. Seriam dados interessantes para a produtora que organiza o festival.

Propor uma exposição dos 'artistas da música', cuja música é fonte principal da inspiração de seus projetos.

É de fundamental importância para a cultura de um estado incentivar as pesquisas no campo da memória gráfica visual, visto que durante o desenvolvimento desse trabalho foi constatado a importância de se preservar materiais visuais que mostram parte da história de Pernambuco. Os vinte e cinco cartazes do Festival Abril Pro Rock representam um tempo e espaço de duas décadas e meia do design, das artes visuais e da música.

Para o design, fica o registro da produção visual desses designers que dispuseram de uma participação ativa em meio à cena Mangue. O trabalho em decodificar as características psicossociais, observar o comportamento, buscar repertórios visuais e desenvolver os projetos dos cartazes tendo em vista uma preocupação social, faz parte da produção de um design contemporâneo. Essas são algumas das características levantadas sobre como se configurou o design pernambucano no período analisado, de 1993 a 2017, representado pelas 25 edições do Festival Abril Pro Rock.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Luiz. Pernambuco 5 décadas de arte / Coord. André Rosemberg – Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda, 2003.
- BARTHES, R. (1970): Elementos de semiologia. Madrid: Comunicación/Alberto Corazón.
- CARDOSO, R. 2004. Uma introdução à história do design. São Paulo, Edgard Blücher, 238 p.
- DE CAMPOS, Gisela Belluzzo. Linguagem visual em design gráfico impresso e digital. *Conexão-Comunicação e Cultura*, v. 5, n. 10, 2006.
- DEEEDAELE, G., *Théorie et pratique dusigne (Introduction a Ch. S. Peirce)*, Paris, Payot, 1979; *LirePeirceaujourd'hui*, Bruxelas, De Boeck, 1990.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUTRA, T. M. & FONSECA, L. P. 2014c. O valor da memória combinada ao design. In *Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th InfoDesign, 6th CONGIC*. Blucher Design Proceedings, n. 2, v.1. São Paulo: Blucher.
- FARIAS, P. L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: BARBOSA, Helena & Calvera, Anna (Eds.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences? [= Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]*, pp. 201-206. Aveiro: UA Editora.
- FBA, Festivais Brasileiros Associados. *Portifólio*. 2016. Acesso em: https://issuu.com/festivaisbrasileiros/docs/fba_-_portfolio
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- _____ A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, 1997, p. 15-46.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2011, p. 31-50.
- HOLLIS, Richard. *Design Gráfico: uma história concisa/ Richard Hollis : Tradução Carlos Daudt*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- HURLBURT, Allen. Layout: o design da página impressa. Tradução Edmilson O. Conceição, Flávio Martins. São Paulo: Bobel, 1986.
- JAKOBSON, Roman, Essai de linguistique générale, Paris, Minuit, 1970.
- JOLY, Martine. Joly, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Lisboa : Ed. 70. 1994.
- KORNALEWSKI, Alex Medeiros; PEDROSA, Adhara. Monumentalização do Manguebeat: construção de memória e identidade em Recife (década de 1990). Revista Confluências Culturais, v. 3, n. 2, p. 59-71, 2014.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2012.
- LEITE EFREM DE LIMA, Rafael. Estética moderna do design pernambucano: Lula Cardoso Ayres. 2011.
- LIMA, M. [1 de dezembro de 2010]. Recife: Estética moderna do design pernambucano: Lula Cardoso Ayres. Entrevista concedida a Rafael Leite Efrem Lima.
- LINS, Rico (et. al.). Rico Lins: projetos gráficos comentados. São Paulo: Solisluna Editora, 2010.
- LIU, Eunice. Design Gráfico : Processo como forma / Eunice Liu. São Paulo – 2013.
- MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOLES, Abraham. O cartaz. São Paulo : Perspectiva, 1974.
- NETO, Moisés. Chico Science: rapsódia afrociberdética. Recife. Edições Ilusionistas, 2007.
- PINTO, Izabella Cavalcanti. Análise das Capas da Revista *Careta* e a Representação de Getúlio Vargas nos Extremos Iniciais e Finais do Estado Novo. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.
- PIRES, Paulo André. Entrevista I. [jan.2018]. Entrevistadora: Mariana de Oliveira Lins. Recife, 2018. 1 arquivo .3gp (32 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A desta monografia.
- SAMPAIO, Mariana Hennes. Letreiros Populares do Recife: uma análise dos seus aspectos semânticos e morfológicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.
- SILVA, F. L.; FARIAS, P. Um panorama das classificações tipográficas. Revista Estudos em Design, v. 11, n. 2, p. 67-81, 2005.

- TEJO, Cristiana. Pernambuco 5 décadas de arte / Coord. André Rosemberg – Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda, 2003.
- TELES, J. O malungo Chico Science. Recife: Bagaço, 2003.
- _____. Pernambuco 5 décadas de arte / Coord. André Rosemberg – Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda, 2003.
- _____. Do Frevo ao Mangubeat. São Paulo: Editora 34, 2000.
- ZEROQUATRO, Fred. Primeiro Manifesto Manguê – Caranguejos com Cérebro (1992). In: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. Do caos à lama. Rio de Janeiro: Sony Music; Chaos, 1994. CD.

APÊNDICE A – FICHAS DE ANÁLISE DOS CARTAZES

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
Mariana de Oliveira Lins
Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 01
Ano: 1993

63,2 x 45,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: OLINDO PEIXOTO

Designer: OLINDO PEIXOTO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO PASTRETO, FUNDO PRETO COM UM DESENHO DE GUITARRA NA POSIÇÃO VERTICAL COM O "BRAÇO" PARA CIMA, POSICIONADA NO CENTRO DO CARTAZ, NAS CORES VERMELHA E AMARELA, COM PERENOS DETALHES VERDE E ROSA. A FORMA DA GUITARRA É FEITA COM LINHAS E O TEXTO "ABRIL PRO ROCK" FOLHA O BRAÇO DA GUITARRA. AS INFORMAÇÕES SOBRE O FESTIVAL ESTÃO ALINHADAS BELO CENTRO E NO CANTO INFERIOR DO CARTAZ, LOGO ABAIXO DA GUITARRA, UMA COLUNA DE TEXTO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COQUE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	SIMPLIFICADA, AMPLA, BRANCA	AMBIENTE ESCURO, SHOW DE ROCK
Enquadramento	VUPO CENTRALIZADO, DISTANTE	DESTAQUE P/ A GUITARRA
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL, MAIS FÁCIL DE IDENTIFICAR	A GUITARRA PARECE APOIADA EM PÉ.
Composição	RECONSTRUÇÃO AXIAL	CONTEXTUALIZA SEU FORÇA P/ O PÚBLICO, SOM ALTO.
Formas	LINHAS E GEOMÉTRICAS	DESENHO DA GUITARRA
Cores e iluminação	PRETO, AMARELO, VERMELHO, ROSA, VERDE	LEMBRAM NEON
Textura	CHAPADA, LISA	ESCURO COMPLETO, ESSENCIAIS AS POSSÍVEIS TEXTURAS.

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
"ABRIL PRO ROCK"	BRAÇO/CORDAS DA GUITARRA	DE ONDE SE FORMA O SOM
POSE DA GUITARRA	EM PÉ, APOIADA EM SUPORTE	EXPOSIÇÃO, ADMIRAÇÃO (VITRINE)
ELEM. GEOMÉTRICOS	BOTES DA GUITARRA	EFEITOS DO SOM

SIGNOS LINGUÍSTICOS

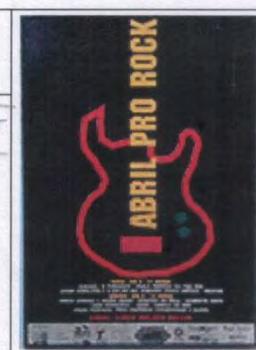
A imagem das palavras	A imagem das palavras	
	Disposição na página	Classificação tipográfica
	GIROADO VERTICALMENTE DE CIMA P/ CIMA NO CENTRO DA PÁGINA Cor: AMARELO	NEO-GROTESCA *QUADRADA (?)
	Conteúdo Linguístico: ÂNCORA	
A imagem das palavras	A imagem das palavras	
	Disposição na página	Classificação tipográfica
	CENTRALIZADO HORIZONTAIS BORDA INFERIOR Cor: BRANCO, AMARELO	NEO-GROTESCA
	Conteúdo Linguístico: SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 2ª
 Ano: 1994

64,5 x 44,7

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana



FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: OLINDO PEIKOTO

Designer: OLINDO PEIKOTO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO PRETO COM UM DESENHO DE GUITARRA NA POSIÇÃO VERTICAL COM "BRAÇO" PARA CIMA, POSICIONADA NO CENTRO DO CARTAZ, NAS CORES VERMELHA E AMARELA, COM PEQUENOS DETALHES VERDE E ROSA. A FORMA DA GUITARRA É FEITA COM LINHAS E O TEXTO "ABRIL PRO ROCK" FORMA O BRAÇO DA GUITARRA. AS INFORMAÇÕES SOBRE O FESTIVAL ESTÁ ALINHADA PELO CENTRO E NO CANTO INFERIOR DO CARTAZ, LOGO ABAIXO DA GUITARRA, UMA LAYOUT DE TEXTO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COQUE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO.
Moldura	SEM MOLDURA AMPLA - LÍQUIDA	AMBIENTE ESCURO, SHOW DE ROCK
Enquadramento	CENTRALIZADO, DISTANTE	A DESTAQUE P/ A GUITARRA
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL, ALTURA DOS OLHOS	A GUITARRA PARECE APOIADA EM PÉ, VITRINE
Composição	CONSTRUÇÃO AXIAL	O TEXTO 'APR' SUGERE FORÇA QUE P/ CIMA, SOM ALTO
Formas	LINHAS E GEOMÉTRICAS	DESENHO DA GUITARRA
Cores e iluminação	PRETO, AMARELO, VERMELHO, ROSA, VERDE	LEMBRAM NEON, NOITE
Textura	CHAPADA	ESCURA COMPLETO, ESQUINDE AS TEXTURAS (POSSÍVEIS)

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
· GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
· "ABRIL PRO ROCK"	BRAÇO / CORDEAS DA GUITARRA	DE ONDE SE FORMA O SOM
· POSE DA GUITARRA	EM PÉ, APOIADA EM SUPORTE	EXPOSIÇÃO, ADMIRAÇÃO (VITRINE)
· ELEM. GEOMÉTRICOS	BOTÕES DA GUITARRA	EFEITOS DO SOM

SIGNOS LINGUÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	GIRADO VERTICALMENTE, CENTRO DA PÁGINA
	Cor	AMARELO
	Classificação tipográfica	NEO-GROTESCA *QUADRADA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	CENTRALIZADO HORIZONTAL, BORDA INFERIOR
	Cor	BRANCO, AMARELO
	Classificação tipográfica	NEO-GROTESCA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
Mariana de Oliveira Lins
Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 3ª
Ano: 1995

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
Design e memória gráfica pernambucana

62,3 x 44,7



FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: OLINDO PEIXOTO
Designer: OLINDO PEIXOTO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO PRETO CHAPADO COM UM DESENHO BASTANTE DE GUITARRA NA POSIÇÃO VERTICAL, COM BRAÇO PARA CIMA, POSICIONADA NO CENTRO DO CARTAZ, NAS CORES VERMELHA E AMARELA, COM PEQUENOS DETALHES VERDES E ROSA. O TEXTO "ABRIL PRO ROCK" FORMA O BRAÇO DA GUITARRA. AS INFORMAÇÕES SOBRE O FESTIVAL ESTÁ ORGANIZADA EM QUATRO COLUNAS, CUJOS TEXTOS ESTÃO ALINHADOS NO CENTRO. AS PALAVRAS "PERNAMBUCO" E "GRUPO MALUO BELEZA", EM BRANCO E AMARELO, RESPECTIVAMENTE ESTÃO ALINHADOS AO CENTRO JUNTO COM A GUITARRA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUROS, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	ESTILO AMPLA	AMBIENTE ESCURO, SHOW DE ROCK
Enquadramento	CENTRALIZADO, DISTANTE	DESTAQUE PARA A GUITARRA
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	A GUITARRA PARECE APOIADA EM PÉ.
Composição	CONSTITUIÇÃO AXIAL	O TEXTO "APRIL" SUGERE FORÇA P/ CIMA, COM ALTO
Formas	LINHAS LIMPAS E GEOMÉTRICA	DESENHO DA GUITARRA
Cores e iluminação	PRETO, AMARELO, VERMELHO, BRANCO, VERDE, ROSA	LEMBRAM NEDN, NOITE
Textura	CHAPADA, LISA	ESQUDO COMPLETO, ESCONDE A TEXTURA POSSÍVEL PEI/POSTAL NUM SHOW.

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
"ABRIL PRO ROCK"	BRAÇO / CORDAS DA GUITARRA	DE ONDE SE FORMA O SOM.
POSE DA GUITARRA	EM PÉ, APOIADA EM SUPORTE	EXPOSIÇÃO, ADMIRAÇÃO (VITRINE)
ELEM. GEOMÉTRICOS	BOTÕES DA GUITARRA	EFEITOS DO SOM

SIGNOS LINGUÍSTICOS

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	GIRADO VERTICALMENTE, 90° DE BAIXO P/ CIMA; CENTRO DA PÁGINA	Classificação tipográfica
	Cor	AMARELO	NEO-GROTESCA * QUADRADA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA		

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRALIZADO HORIZONTAL BORDA INFERIOR.	Classificação tipográfica
	Cor	BRANCO, VERMELHO, AMARELO	NEO-GROTESCA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO		

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 4º
 Ano: 1996

64,1 x 42,0



**As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana**

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: ZONA D DESIGN
 Designer: ZONA D DESIGN

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO EM TONS DE CINZA COM IMAGEM DE UM NEGATIVO DE FOTOGRAFIA DE CD'S E FITAS K7 ESPALHADAS ALEATORIAMENTE COM O DESENHO DE UMA GUITARRA NA POSIÇÃO VERTICAL COM O "BRAÇO" P/ CIMA, LEVEMENTE INCLINADA P/A DIREITA, POSICIONADA DO LADO ESQUERDO DO CARTAZ E O TEXTO NA LADO DIREITO NA COR BRANCA. O TEXTO "ABRIL PRO ROCK 96" É FORMADO P/ O "BRAÇO DA GUITARRA". LINHAS E PONTOS ROSCOS BORRADAS COM EFEITO DE SUAVIZAÇÃO FORMAM O CORPO DA GUITARRA. O "96" É FORMADO POR LINHAS IRREGULARES EM NEON NA COR AMARELA GIRADO A -30°, NA PONTA DO TEXTO "ABRIL" EM UMA SO LINHA, POSICIONADO P/ LATERAL DE BAIXO P/ CIMA.

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUQUE, OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	DESTACA DETALHE DE UMA BARRIGA
Enquadramento	RESERVADA, DISTANTE	DESTAQUE P/ A GUITARRA
Ângulo do ponto de vista	DE CIMA	MATERIAIS JOGADOS UNS P/ CIMA DOS OUTROS
Composição	CONSTRUÇÃO FOCALIZADA	A GUITARRA COM ASLETIAS DO "PRO ROCK" DESAINHADAS P/ CIMA SUGERE SOM ALTO
Formas	IRREGULARES	UNDERGROUND
Cores e iluminação	TONS DE CINZA, ROXO, VERMELHO, AMARELO, PRETO E BRANCO	"INFERMINHO", NOITE
Textura	VISUAL	MUITOS CD'S, FITAS K7'S, GUITARRA

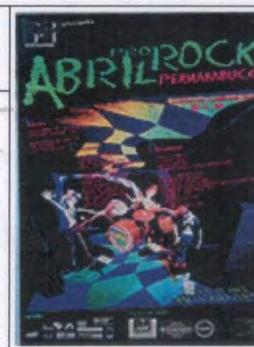
Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
"ABRIL PRO ROCK"	BRAÇO DA GUITARRA, CORDAS DA GUITARRA EM MOVIMENTO	DE ONDE SE FORMA O SOM
CD'S E K7'S	SUPORE DE GRAVAÇÃO E REPRODUÇÃO DE MÚSICA	A PRODUÇÃO DO FESTIVAL, MÚSICAS
96	ANO DO EVENTO, EFEITO NEON, TRILHA, BRADA IRREGULARES	SOM ALTO, VIDRO QUEBRADO
WIGOS CABO	TECNOLOGIA	CONEXÕES, ENJOQUE
	CONEXÃO O INST. MUSICAL	SHOW

Signos linguísticos	A imagem das palavras												
	<table border="1"> <tr> <td>Disposição na página</td> <td>GIRO VERTICALMENTE, 70° DO BAIXO P/ CIMA. CENTRO-ESQUERDA DA PÁGINA.</td> <td>Classificação tipográfica</td> <td>NEO - GROTESCA</td> </tr> <tr> <td>Cor</td> <td>VERMELHO, PRETO, AMARELO</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Conteúdo Linguístico</td> <td>ÂNCORA</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Disposição na página	GIRO VERTICALMENTE, 70° DO BAIXO P/ CIMA. CENTRO-ESQUERDA DA PÁGINA.	Classificação tipográfica	NEO - GROTESCA	Cor	VERMELHO, PRETO, AMARELO			Conteúdo Linguístico	ÂNCORA		
	Disposição na página	GIRO VERTICALMENTE, 70° DO BAIXO P/ CIMA. CENTRO-ESQUERDA DA PÁGINA.	Classificação tipográfica	NEO - GROTESCA									
Cor	VERMELHO, PRETO, AMARELO												
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA												
	<table border="1"> <tr> <td>Disposição na página</td> <td>BORDA DIREITA, DESAINHADO</td> <td>Classificação tipográfica</td> <td>NEO - GROTESCA</td> </tr> <tr> <td>Cor</td> <td>BRANCA</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Conteúdo Linguístico</td> <td>SUBSTITUIÇÃO</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Disposição na página	BORDA DIREITA, DESAINHADO	Classificação tipográfica	NEO - GROTESCA	Cor	BRANCA			Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO		
	Disposição na página	BORDA DIREITA, DESAINHADO	Classificação tipográfica	NEO - GROTESCA									
Cor	BRANCA												
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO												

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 5ª
 Ano: 1997

63,5 x 46,0



**As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana**

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: EVÊNIO NAS CONCEILOS
 Designer: SONALY MACEDO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO PRETO COM A IMAGEM DE UMA BANDA DE BONELOS NO CENTRO (GUITARISTA/VOCALISTA E BATERISTA) E DIAS "DIBO" E O "TETO DA BANDA É UMA FORMA ORGÂNICA DE ESTAMPA - XADREZ (DO JOGO DE DAMA) NAS CÉLULAS AZUL, VERDE E TONS AMARELOS NO TETO, TODO O TEXTO DO CARTAZ É MANUSCRITO. "ABRIL PRO ROCK" EM VERDE, NO TOPO DO CARTAZ, NO FUNDO PRETO, logo ABAIXO DO LOGO DA MTV, O "PRO" É A ÚNICA DAS LETRAS "I" E "L" DO "ABRIL". "PERNAMBUCO" EM ROSA ABAIXO DO "ROCK". TRÊS COLUNAS DE TEXTOS P/ OS DIAS DO FESTIVAL, NA LOR. ROSA E ALINHADOS A ESQUERDA. 1ª COLUNA NO CANTO ESQUERDO DO CARTAZ ABAIXO DO SIGNOS PLÁSTICOS "ABRIL". 2ª E 3ª COLUNAS POSICIONADAS NO CENTRO DO CARTAZ POR cima DA IMAGEM DA BANDA.

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	RETANGULAR, AMPLIA	PALCO - PALCO DO ESTÚDIO
Enquadramento	CENTRALIZADO, DISTANTE	TO DA ATENÇÃO P/ A BANDA
Ângulo do ponto de vista	DE FRENTE	A VISTA DE FRENTE LEMBRA A DE UM ESTÚDIO ONDE O ESPETADOR ESTÁ NA MÚVIA DA BANDA
Composição	CONSTITUIÇÃO EM PROFUNDIDADE	ESTILO FANZINE.
Formas	ORÇ. ORGÂNICAS, LACES	TUDO FEITO À MÃO, ARTESANAL
Cores e iluminação	PRETO, VERDE, AZUL, ROSA, AMARELO, ILUMINAÇÃO DIRECIONADA A BANDA	SHOW, PROJEÇÕES GRÁFICAS NO PISO E TETO.
Textura	TÁTIL E VISUAL, PRETO CHAPADO, MASSA DE NOVELAR, XADREZ. TÁTIL	ESQUELO DOS SHOWS / SOM FEITO COM AS MÃOS / MOVIMENTO PSICODELIA

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
BONELOS E INSTRUMENTOS MUSICAIS	BANDA DE ROCK	NO CIMA DO FESTIVAL, EMPOLGAÇÃO
"N" DO PERNAMBUCO	ERRO ORTOGRÁFICO	ESTILO VERNACULAR / NAS RUAS / UNDERGROUND
PISO E TETO: XADREZ	PROJEÇÃO VISUAL NO PALCO	PSICODELIA / ORGÂNICO / MOVIMENTO
MICROFONE	EQUIPAMENTO QUE CAPTA O SOM	CONEXÃO ENTRE BANDA E PÚBLICO
MTV		

SIGNOS LINGUÍSTICOS

Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	HORIZONTAL, CANTO SUPERIOR ABAIXO DO MTV.
Cor	VERDE	GRÁFICAS
Conteúdo Linguístico		ÂNCORA
Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	HORIZONTAL, ESPALHADOS PELO CENTRO, ALINHADOS A ESQUERDA
Cor	ROSA	GRÁFICAS
Conteúdo Linguístico		SUBSTITUIÇÃO

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 6ª
 Ano: 1998

42,0 x 31,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: FÉLIX FARFAN E JOÃO CÂMARA
 Designer: SONALY MACEDO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO AZUL COM O "ABRIL PRO ROCK" EM 3 LINHAS AZUL COM BORDAS DIVIDIDAS DIAGONALMENTE COMO EFEITO DE OLHO DE PEIXE. NA BORDA SUPERIOR ESQUERDA METADE DE UMA ELIPSE COM O DESENHO DE UM CANTOR DENTRO DA FORMA, NUMA TEXTURA DE AQUA-RELA OU TINTA. LINHAS BRANCAS EÚPTICAS CRUZANDO SOBRE ESSA IMAGEM, MESMAS LINHAS NA BORDA INFERIOR DUAS BRANCAS CHAPADAS CINZA, UMA NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO ABAIXO DO DESENHO DO CANTOR E OUTRA NO CANTO INFERIOR ABAIXO DO NOME "ROCK", LINE UP ALINHADO À DIREITA, UMA COLUNA DE TEXTO, NO CANTO DIREITO SUPERIOR DO CARTAZ COM POUCA MARGEM DA BORDA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	DESIGNADA AMPLA	IMAGEM CENTRÍFUGA / ESTABELECE UMA CONSTÂNCIA IMAGINÁRIA
Enquadramento	CENTRALIZADO; PROTRUÍDO	ASSISTIR AOS SHOWS DE PÉLO
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	VER O ESPAÇO DO ABERTO / ENTRAR NA ÁREA DO ABERTO
Composição	CONSTRUÇÃO EM PROFUNDIDADE	IMERSÃO NO EVENTO
Formas	ORGÂNICAS	ONDAS SONORAS / FREQUÊNCIA / SOM ALTO
Cores e iluminação	AZUL PREDOMINANTE / DETALHES AMARELOS E LARANJA	ILUMINAÇÃO AZUL DE PALCO, SHOW A
Textura	VISUAL DESENHO, AMPHÍGRAFIA DO TEXTO LINHAS, TÍPICAS	FUMAÇA E SOM

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
LINHAS EÚPTICAS	ÓRBITAS	IDEIAS, FOGO, GRUPOS
DESENHO DO CANTOR	BANDA, APRESENTAÇÃO	DETALHES DO FESTIVAL
FOGO NA CABEÇA DO CANTOR	FOGO	ENTRAR EM ESTADO DE COMBUSTÃO / UM DOS SÍMBOLOS DO ROCK
MICRO FONE	EQUIPAMENTO QUE CAPTA O SOM	CONEXÃO ENTRE BANDA E PÚBLICO

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	CENTRALIZADO HORIZONTALMENTE, CENTRO-INFERIOR
Cor	AZUL, TONS DE AZUL	
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	HORIZONTAL, ALINHADO À DIREITA, CANTO DIREITO SUPERIOR
Cor	BRANCO E AMARELO	
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

**As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana**



FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: JULIANA NOTARI E SONALY MACEDO
 Designer: SONALY MACEDO

44,3 x 63,0 Edição: 7ª
 Ano: 1999

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO PAISAGEM, FUNDO CHAPADO, LINE UP NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO, ALINHAMENTO JUSTIFICADO, EM BRANCO E VERMELHO. IMAGEM À DIREITA, UM RETÂNGULO QUE VAI DA BORDA DIREITA DO LINE UP ATÉ A BORDA DIREITA DO CARTAZ. A IMAGEM É FORMADA POR UMA TEXTURA VERMELHO BRANCO FEITO DE CHAVES INGLESAS, COM EFEITOS LENTE DE OLHO DE PEIXE. A IMAGEM É BORDADA POR UM MOLDEIRA PRETA. O NOME "ABRIL PRO ROCK" EM BRANCO ESTÁ NO CANTO INTERIOR DIREITO, HORIZONTAL EM DUAS LINHAS POR CIMA DE UM FIGURANDO GEOMÉTRICO QUE VEMBIJA UMA GUITARRA DEITADA EM DRETO, VERMELHA COM UM RETÂNGULO AZUL E OUTRO BRANCO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	<u>CARTAZ, PAPEL LOUCO, IMPRESSÃO OFFSET</u>	<u>DIVULGAÇÃO, SER NOTADO</u>
Moldura	<u>PRETA AO REDOR DA IMAGEM</u>	<u>FECHAR A REPRESENTAÇÃO VISUAL</u>
Enquadramento	<u>V. CENTRADO - DIREITA, DISTANTE</u>	<u>MUITO, EM GRANDE QUANTIDADE</u>
Ângulo do ponto de vista	<u>FRONTAL COM PERSPECTIVA</u>	<u>PROFUNDIDADE DOS ELEMENTOS / MOVIMENTO</u>
Composição	<u>CONSTRUÇÃO AXIAL</u>	<u>UMA REFERÊNCIA AO MOVIMENTO MANGUE</u>
Formas	<u>CHAVE INGLESA, GEOMÉTRICAS</u>	<u>PATAS DE CARANGUEJOS / MOVIMENTO MANGUE</u>
Cores e iluminação	<u>PRETA, VERMELHO, BRANCO / LÍZES BRANCA</u>	<u>ROCK, NOITE, CALOR / LÍZ DA LUZ OU DA CIDADE NAS PATAS</u>
Textura	<u>TÁTIL / CHAVES INGLESAS</u>	<u>PATAS DE CARANGUEJOS E CARANGUEJOS</u>

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
<u>CHAVE INGLESA</u>	<u>PATA DE CARANGUEJO</u>	<u>CENA MANGUEBEAT</u>
<u>GUITARRA</u>	<u>INSTRUMENTO MUSICAL</u>	<u>ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO</u>
<u>CARANGUEJO</u>	<u>MANGUE</u>	<u>CENA MANGUEBEAT</u>
<u>FORMAS GEOMÉT.</u>	<u>GUITARRA</u>	<u>ROCK, ATITUDE, SOM.</u>

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	<u>CANTO INTERIOR DIREITO, HORIZONTAL ALINHAMENTO JUSTIFICADO</u>
	Cor	<u>BRANCO</u>
	Classificação tipográfica	<u>GROTESCA CA</u>
Conteúdo Linguístico	<u>ÂNCORA</u>	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	<u>CANTO SUPERIOR DIREITO, HORIZONTAL JUSTIFICADO, 1 COLUNA</u>
	Cor	<u>VERMELHO E BRANCO</u>
	Classificação tipográfica	<u>GROTESCA CA</u>
Conteúdo Linguístico	<u>SUBSTITUIÇÃO</u>	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes: Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: SONALY MACEDO
 Designer: SONALY MACEDO



39,0 x 58,7

Edição: 8ª
 Ano: 2000

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO PAISAGEM, FUNDO LARANJA, RETÂNGULO PRETO NA BORDA SUPERIOR, 1/4 DA MEDIDA DA ALTURA DO CARTAZ, COM COMPRIMENTO DE BORDA-A-BORDA LATERAIS, COM O NOME "ABRIL PRO ROCK" EM BRANCO, 1 LINHA, DENTRO DO RETÂNGULO PRETO. AO LADO DO "APR" QUATRO SETAS VERTICAIS, 1 DAS DIREÇÕES: 3 PARA BAIXO. ABAIXO DO RETÂNGULO PRETO UMA MOLDBRA BRANCA, RETANGULAR, AO REDOR DE UMA IMAGEM COM VÁRIAS NAVES ESPACIAIS EM ESCALA CINZA, COM NÚMEROS, CÓDIGOS DE BARRA E LINE UP EM LARANJA, Nº 2000 NO CANTO SUPERIOR DIREITO DA IMAGEM. NA BORDA INFERIOR DA IMAGEM, BARRAS VERTICAIS PRETAS DE CONTOURNO LARANJA, INTERCARIAM ALTURAS DAS BARRAS REGULAMENTE DISTANTES ENTRE SI, DE BORDA-A-BORDA DA MOLDBRA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COULE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	LARANJA E BRANCA	TELA, FECHAR A REPRESENTAÇÃO
Enquadramento	CENTRO-ESQUERDA, DISTANTE	IMAGINAR O ESPAÇO NIEM DA FOTO
Ângulo do ponto de vista	DE CIMA P/Baixo DA ESQUERDA	VISTA DE UMA TORRE
Composição	CONSTRUÇÃO EM PROFUNDIDADE	TELA DE UM COMPUTADOR
Formas	GEOMÉTRICAS, AERODINÂMICAS	TECNOLOGIA, FUTURO
Cores e iluminação	LARANJA, CINZA, PRETO, BRANCO	IMAGINAÇÃO, ROCK
Textura	VISUAL, VISUAL, SÍMBOLOS	COMPUTADOR

GNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
SETAS	INDICAÇÃO DE DIREÇÃO	INTERAÇÃO COM O EXPECTADOR
NAVES	ESPAÇO / TECNOLOGIA AVANÇADA	AVANÇO / PESSOAS MORANDO EM OUTRO PLANETA
CÓDIGOS/DÍGITOS	TECNOLOGIA, COMPUTADOR	TRANSMISSÃO RÁPIDA DE INFORMAÇÕES
BARRAS	CÓDIGO / BARRA DE FORÇA / ENERGIA	PREPARAÇÃO P/O FESTIVAL

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA SUPERIOR, HORIZONTAL 1 LINHA
Cor	BRANCO	GRÁFICA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
A imagem das palavras	A imagem das palavras	
	Disposição na página	CENTRALIZADO MAIS P/ A DIREITA HORIZONTAL, ANH. SUSTITUIDO
Cor	LARANJA	GRÁFICAS
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 9ª
 Ano: 2001

57,7 x 24,3



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: SONALY MALEDO
 Designer: SONALY MALEDO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO MÉRITO, BORDA VERMELHA. LOGO MTV E "ABRIL PRO ROCK" EM BRANCO, NA BORDA SUPERIOR, OCUPANDO O ESPAÇO DE BORDA-A-BORDA LATERAIS, EM 2 LINHAS, JUSTIFICADO O "ROCK" GRANDE. LOGO ABAIXO UMA IMAGEM DE ONDAS COLORIDAS QUE VEM DAS BORDAS LATERAIS E SE ENCONTRAM NO MEIO, FAZENDO UM MOVIMENTO DE SUBIDA, O FUNDO DESSA IMAGEM É VERDE AS LINHAS DE ONDAS COLORIDAS VÃO SE MISTURANDO COM A COR PRETA DO CENTRO À BORDA INFERIOR. O LINE UP ESTÁ NO CENTRO INFERIOR POR CIMA DESSA IMAGEM DE ONDAS, ESTÁ EM 3 COLUNAS: 1 ALINHADO À ESQUERDA NA COR AMARELA, 2 CENTRALIZADO MAIS ABAIXO NA COR BRANCA E 3 ALINHADO À DIREITA NA COR ROSA.

SIGNOS PLÁSTICOS	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUQUE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	VERMELHA	FECHAR A REPRESENTAÇÃO
Enquadramento	CENTRALIZADO, DISTANTE	VER AS ONDAS SONORAS
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	ENCONTRO DE SONS
Composição	CONSTRUÇÃO EM PROFUNDIDADE	JANELA PARA OBSERVAÇÃO
Formas	ORGÂNICA, CURVILÍNEA	PSICODÉLIA
Cores e iluminação	VERMELHO, VERDE, BRANCO, PRETO, ROSA AMARELO, AZUL WZ NEON	TIPOS E INTENSIDADES DE SOM
Textura	VISUAL ONDAS	FREQUÊNCIA DO SOM

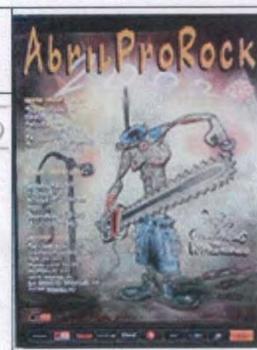
SIGNOS ICÔNICOS	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
ONDAS	ONDA SONORA	FORÇA DA MÚSICA, GRANDEZA
MOLDURA	JANELA, CENA	CENA PSICODÉLICA
COLORIDO	TIPOS DE SOM, PSICODÉLIA	VÁRIOS ESTILOS DE SOM NO FESTIVAL

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA SUPERIOR, HORIZONTAL 2 LINHAS, JUSTIFICADO
Cor	BRANCA	GRÁFICA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	1 COLUNA BORDA ESQUERDA, AUM ESC 2 COLUNA CENTRALIZADA, 3 COLUNA
Cor	BORDA ESQUERDA, ALIN. À DIREITA AMARELA, BRANCA, ROSA	GRÁFICA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 10³
 Ano: 2002



59,0 x 44,0

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: ANGELI
 Designer: SONALY MALEDO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO. "ABRIL PRO ROCK" EM AMARELO NA BORDA SUPERIOR, UMA LINHA, OCUPIANDO O ESPAÇO DE BORDA-A-BORDA. DESENHO DE UM HOMEM COM MÁSCARA DE GÁS E MOTOSSEIRA NA MÃO, NO CENTRO DO CARTAZ. UM MICROFONE NO PEDESTAL AO LADO ESQUERDO DO CARTAZ, PRÓXIMO AO HOMEM. LINE UP EM A LOWNA MINHADO À ESQUERDA, NA BORDA ESQUERDA DO CARTAZ. POR cima DO PEDESTAL EM BRANCO E AMARELO: O HOMEM COM UMA MÃO SEGUINDO NO CABO DA MOTOSSEIRA E A OUTRA MÃO COM O DEDO INDICADOR TOCANDO NA PONTA DA LÂMINA... O FUNDO DA IMAGEM É FORMADO POR TONS DE CINZA CLARO, MARROM E CINZA ESCURO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	PALCO DE UM SHOW / MUITA FUMAÇA QUE IMPEDIRIA VER O FONDO
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO (EM RELAÇÃO AO SHOW)	INTIMIDADE DO PÚBLICO COM AS BANDAS
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	VISTA DO PALCO, JUNTO À BANDA.
Composição	CONSTRUÇÃO AXIAL	ROCK PESADO, UNDERGROUND
Formas	ORGÂNICAS, MAMUAS, CHARGÊ	INVENTIVA, CRIAR UM PERSONAGEM QUE TOCA NO FESTIVAL.
Cores e iluminação	AMARELO, AZUL, CINZA, MARROM, BRANCO	FUSÃO DE CORES, FUMAÇA, TÍPICO DE SHOW
Textura	VISUAL, FUMAÇA, RABISCO	UNDERGROUND

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
MOTOSSEIRA	INSTRUMENTO MUSICAL	GITARRA
HOMEM	INTEGRANTE DA BANDA	BANDA DE PUNK E HARDCORE
MÁSCARA	MÁSCARA DE GÁS	ALLEGORIA P/ MISTÉRIO / RESISTÊNCIA
MICROFONE	EQUIPAMENTO DE CAPTURA SOM	CONEXÃO ENTRE BANDA E PÚBLICO
LÂMINA DA MOTOSSEIRA	CORDES DA GITARRA	DE ONDE EMITE O SOM TÍPICO PESADO QUANDO O BASTINHO DE UMA MOTOSSEIRA

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	
	Disposição na página: <u>1 LINHA, BORDA SUPERIOR</u> Classificação tipográfica: <u>GRÁFICA</u> Cor: <u>AMARELO</u>
Conteúdo Linguístico: <u>ÂNCORA</u>	
A imagem das palavras	
	Disposição na página: <u>1 LOWNA, BORDA ESQUERDA, ALINHAMENTO À ESQUERDA.</u> Classificação tipográfica: <u>GRÁFICA</u> Cor: <u>AMARELO E BRANCO</u>
Conteúdo Linguístico: <u>SUBSTITUIÇÃO</u>	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes: Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE



45,0 x 45,0

Edição: 11ª

Ano: 2003

Descrição do cartaz: CARTAZ CIRCULAR, "ABRIL PRO ROCK" EM FORMATO DE LOGO. "ABRIL" EM
 BILANCO, A LETRA B É O FORMATO DE UMA GUITARRA. "PRO" EM BRANCO, PEQUENO, LOUÇO ABAIXO
 DAS LETRAS "RI" DO "ABRIL". O "ROCK" EM PRETO ABAIXO DO "ABRIL PRO", "2003" NA
 VERTICAL, ANTES DO "ROCK", GIRO DE "-90". FUNDO DO CARTAZ NA COR VERDE, LISO
 E CHAPADO. O LOGO DO APR ESTÁ MAIS ABAIXO DO CENTRO. AS INFORMAÇÕES E LINE
 UP ESTÃO DISPOSTOS CIRCULARMENTE, SEGUINDO A LINHA DA BORDA DO CARTAZ, NAS CORES
 BRANCA E VERDE ESCURO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	ÁREA DAS MÚSICAS DO VINIL / GERAL PRETA	DAR DESTAQUE A LOGO
Enquadramento	CENTRALIZADO, PLÔNICO	LEMBRA ETIQUETA DO VINIL
Ângulo do ponto de vista	A DE CIMA	COMO VEMOS O VINIL NA VÍTIOLA
Composição	CONSTRUÇÃO FOCALIZADA	SEMELHANTE À ETIQUETA DO VINIL
Formas	CURVAS E RETAS	SIMPLICIDADE DAS INFOS QUE ESTÃO NA ETIQUETA
Cores e iluminação	VERDE CLARO, MÉDIO E ESCURO, BRANCO	DUSAL SOBRE AS CORES ASSOCIADAS AO ROCK, COMO PRETO, CINZA.
Textura	LISA	SIMPLICIDADE ≠ POSIÇÃO VISUAL DO UNDERGROUND

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK
CÍRCULO	CÍRCULO	ETIQUETA DO VINIL
VINIL	ETIQUETA DO VINIL	MÚSICA

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	
Disposição na página	3 LINHAS, CENTRALIZADO INFERIOR
Cor	BRANCO E PRETO
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA
Classificação tipográfica	
NEOGROTESCA	

A imagem das palavras	
Disposição na página	3 LINHAS, CIRCUNSCRIVENDO O CARTAZ
Cor	VERDE MÉDIO E ESCURO, BRANCO
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO
Classificação tipográfica	
NEOGROTESCA	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM



Artista: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

45,0x45,0 Edição: 12ª
 Ano: 2004

Descrição do cartaz: CARTAZ CIRCULAR, FUNDO CHAPADO LARANJA ESCURO NA PARTE SUPERIOR E LARANJA CLARO NA PARTE INFERIOR. "ABRIL PRO ROCK" CENTRALIZADO NA PARTE SUPERIOR INTERNA DO CÍRCULO, EM BRANCO. OUTRO CÍRCULO MENOR LARANJA MÉDIO, COM A LOGO DO FESTIVAL DENTRO, ESSE CÍRCULO MENOR ESTÁ NA "BORDA" DIREITA DO CARTAZ. UM TEXTO COM LINHA ÚP... EM PRETO, ALINHAMENTO JUSTIFICADO, LOCALIZADO À ESQUERDA DO CÍRCULO MENOR: MÚSICA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	ÁREA DAS MÚSICAS DO VINIL / LOCAL: PRETA	ETIQUETA DO VINIL
Enquadramento	CENTRO-DIREITA, PRÓXIMO	ETIQUETA DO VINIL
Ângulo do ponto de vista	Frente superior	COMO VEMOS O VINIL NA VITRINA
Composição	CONSTRUÇÃO SEQUENCIAL	VALORIZAR AS INFORMAÇÕES
Formas	GEOMÉTRICAS	SIMPLICIDADE P/ DESTACAR AS INFORMAÇÕES
Cores e iluminação	LARANJA (CLARO, MÉDIO, ESCURO), BRANCO, PRETO	OLHAR SOBRE AS CORES ASSOCIADAS AO ROCK, COMO PRETO... CINZA
Textura	lisa	SIMPLICIDADE ≠ TÔNICA VISUAL DO UNDERGROUND

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
· GUITARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK
· CÍRCULO	CÍRCULO	ETIQUETA DO VINIL
· VINIL	ETIQUETA DO VINIL	MÚSICA
·		
·		

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

		A imagem das palavras		
ABRIL PRO ROCK.	Disposição na página	1 LINHA, SUPERIOR	Classificação tipográfica GRÁFICA	
	Cor	BRANCA		
	Conteúdo Linguístico	ÂNCORA		
04 10 - 21h - Barão D2 (RJ) Vive La Fête (Belgca) 05 Duleros - Aachenzen (PE) Kaye Alexandro (CE) 022 - Cynthia Zamorano (PE) MM OUB (PE) 04 11 - 17h - Ratos de Porão (SP) Krisjun (RS) Destruction (Alemanha) Emirence (BH) Forefront Boys (SP) Switch Stance (CE) Malicia (RJ) Lava (SP) Insurrection Down (PE) Vamoz! (PE) Dia 12 - 17h - O Rapaz (RJ) Pitty (BA) Los Sebaos Portão (PE) Gáboriz (PB) Mumbão (PE) Suvaça gôzua (PE) & Ride (PE) Não Masca e a Triste Figura (PE)	A imagem das palavras		Classificação tipográfica NEO GROTESCA	
	Disposição na página	JUSTIFICADO, CENTRO-ESQUERDA		
	Cor	PRETO		
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO			

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 13ª
 Ano: 2005

65,0 x 43,5



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: AMPLA, AGENCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: 11

Descrição do cartaz: CARTAZ DE FORMATO ESTILO BARROCO, CORTE COM MUITOS DETALHES, POSIÇÃO VERTICAL, OS DETALHES SE REPLETEM AO LONGO DO EIXO VERTICAL DO CARTAZ. AS BORDAS DO CARTAZ É FORMADA POR DETALHES EM DESENHOS NAS CORES AMARELO, LARANJA E VERMELHO, ALGUMAS PARTES EM CINZA. NO CENTRO SUPERIOR DO CARTAZ TEM UM CÍRCULO LISO AZUL COM A LOGO DO ABRIL PRO ROCK EM BRANCO E PRETO. ABAIXO DESSE CÍRCULO, DESTACADO POR UMA MOLDBRA EM VERMELHO, TEM UMA ÁREA EM AMARELO COM O LINEUP DO FESTIVAL, 1 COM AINTEUMENTO JUSTIFICADO E TEXTO NA COR PRETA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	CHEIA DE DETALHES, ESTILO BARROCO	IGREJA, ARTE SACRA
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO	COMO EXTRAÍDO DO DETALHE DE UM AFRESCO
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	COMO NOS ALTARES DE IGREJA.
Composição	CONSTRUÇÃO EM PROFUNDIDADE	DESTAQUE MAIOR P/ OS DETALHES.
Formas	BARROCAS	RELIGIÃO
Cores e iluminação	AMARELO, VERMELHO, CINZA, LARANJA	DOURADO, COBRE E PRATA / RIQUÉZEA METÁIS.
Textura	TÁTIL, CONCHAS, MOLDBRAS, CURVAS, SOMBRAS	PELVOS EM MADEIRAS OU GESSO.

SIGNOS ICÔNICOS

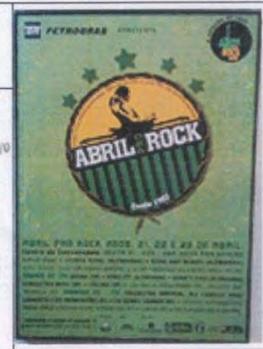
Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
CONCHAS	MAR, NATUREZA	BARROCO, ROCOCÓ, RELIGIÃO, IGREJA
PINHA PORTUGUESA	ARTEFATO DE DECORAÇÃO	ANTIGO, TRADICIONAL
FLORES BARROCAS	FLORA, NATUREZA	FLORES DE ALTAR, RELIGIÃO
CÍRCULO	CÍRCULO	DESTAQUE, CENTRO, AURA
GUIZARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRO SUPERIOR, 3 LINHAS	Classificação tipográfica
Cor	BRANCA E PRETA	GT. GROTESCA 11	
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA		
A imagem das palavras	A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRO INFERIOR, JUSTIFICADO	Classificação tipográfica
	Cor	PRETA	11 GRÁFICA 11
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO		

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 14ª
 Ano: 2006



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

→ NO CANTO SUPERIOR DIREITO TEM UM PEQUENO CÍRCULO PRETO COM A LOGO DO ABRIL PRO ROCK EM AMARELO E VERDE DENTRO.

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE 56,0 x 40,0
 Designer: 11

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO VERDE CLARO. UM GRANDE CÍRCULO NO CENTRO SUPERIOR DO CARTAZ, COM 5 ESTRELAS CIRCUNSCREVENDO A BORDA SUPERIOR DO CÍRCULO. A METADE INFERIOR DESSE CÍRCULO É DE LISTRAS VERTICAIS VERDE E PRETA. NO CENTRO DO CÍRCULO, EM 1 LINHA, TEM O TEXTO "ABRIL PRO ROCK" E "ABRIL" E "ROCK" EM BRANCO E "PRO" EM VERDE, GIRADO 90° EM RELAÇÃO AO TEXTO E POSICIONADO BEM NO CENTRO DO CÍRCULO. A METADE SUPERIOR DO CÍRCULO É AMARELO COM 4 SILHETA EM PRETO DE UM GUITARISTA. O CÍRCULO É CONFINADO POR UMA BORDA PRETA ENTRELACADA POR UM CADAPEÇO DE SAPATO/TÊNIS. O LINE UP É ESTÁ NA BORDA INFERIOR, ALINHAMENTO JUSTIFICADO DE BORDA-A-BORDA INTERNAS, EM PRETO E VERDE.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COULE, FINALET OFFSET	DIVULGAÇÃO, SEM NOTADO
Moldura	AMPLA	PODE SER UMA CAMISA E O CÍRCULO UM BRASÃO
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO	ZOOM DO BRASÃO DA CAMISA
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	COMO VEMOS A CAMISA PENDURADA NO CASHE.
Composição	CONSTRUÇÃO AERIAL	BRASÃO, SÍMBOLO
Formas	GEOMÉTRICAS, ORGÂNICAS	ESQUDO DE TIME DE FUTEBOL
Cores e iluminação	VERDE, AMARELO, BRANCO, PRETO, DESTAQUE NO CENTRO	CORES DO BRASIL, COPA DO MUNDO
Textura	TÊXTOUR / RAMOS DE W2	CAMISA DE FUTEBOL / DESTAQUE

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
5 ESTRELAS	5 ESTRELAS, TÍTULOS, PENTA	REFERÊNCIA À SELEÇÃO BRASILEIRA
CABO CADAPLOS	SAPATO, TÊNIS / PWG	CHUTEIRAS / CABO DE SOM ROCK
SILHETA DO GUITARISTA	GUITARISTA	ROCK, ÍDOLO
GUITARRAS	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRALIZADO, GIRO 30°	Classificação tipográfica
	Cor	BRANCA E VERDE	MECÂNICA
Conteúdo Linguístico		ÂNCORA	

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	JUSTIFICADO BORDA INFERIOR	Classificação tipográfica
	Cor	VERDE E PRETO	GROTESCA
Conteúdo Linguístico		SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 15º
 Ano: 2007

64,0 x 46,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: AMPLIA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: 11

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO BRANCO. UM GRANDE 'BOLO DE 3 CAMADAS FEITO DE TONS DE BATERIAS DE TAMANHOS DIFERENTES, NAS CORES BRANCO E PRETO NA PONTA DO BOLO, DUAS VELAS FEITAS DE TROMPETES E GUITARRAS COM PEQUENAS CHAMAS ROSAS. LOGO DO ABRIL EM BRANCO E ROSA LENTILHO DE UM ÚLULIO PRETO, NA BORDA ESQUERDA, CENTRALIZADO NO EIXO Y, POR TRÁS DE UMA DAS BORDAS DO BOLO. LINE UP ALINHADO À DIREITA, A COLUNA, NAS CORES PRETO ROSA.

SIGNOS PLÁSTICOS

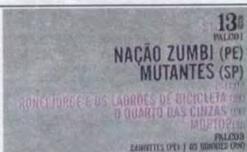
Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHO, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLIA	FLOTANTE
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO	DESTAQUE PARA O BOLO
Ângulo do ponto de vista	45° CIMA ± 45°	PERSPECTIVA DO ANIVERSARIANTE
Composição	CONSTRUÇÃO AXIAL	DATA DATA COMEMORATIVA
Formas	GEOMÉTRICAS	INSTRUMENTOS MUSICAIS
Cores e iluminação	BRANCO, PRETO E ROSA	MISTURA DE ROCK E DEBUTANTE
Textura	VISUAL LISA, CHAPADA	SIMPLICIDADE

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
TONS BATERIA	PARTE DE INSTRUMENTO MUSICAL	MUITA BATERIA = SOM PESADO
GUITARRAS	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
FITA K7	SUporte DE GRavação E REPRODUÇÃO DE MÚSICA	REPRESENTA A PRÓPRIA MÚSICA, O COMEÇO DO FESTIVAL, SAUDOSO
ESCALA	SÍMBOLO DE IMPORTÂNCIA	DATA IMPORTANTE, MARCANTE
TROMPETE PIANO/TROMBA	INSTRUMENTO MUSICAL	MÚSICA ORQUESTRA, VALSA, JAZZ
BOLO/VELA	ANIVERSÁRIO	CELEBRAÇÃO, DEBUTANTE (15 ANOS)

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	BORDA ESQUERDA, CENTRALIZADO 3 LINHAS	Classificação tipográfica
	Cor	BRANCA E ROSA	GROTESCA
Conteúdo Linguístico		ÂNCORA	

	A imagem das palavras		
	Disposição na página	BORDA DIREITA, ALINHADO À DIREITA, A COLUNA	Classificação tipográfica
	Cor	PRETO E ROSA	GROTESCA
Conteúdo Linguístico		SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 16º
 Ano: 2008



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

→ DIREITO DO
 CÍRCULO AMARELO
 64,0 x 45,2

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: AMPLA, AGENCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: 11

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO LISTRADO EM 2 TONS DE AMARELO. DUAS PLACAS ESTILO MADEIRA, MARROM AVERMELHADO, CENTRALIZADO COM TEXTOS NA COR BRANCA. AS PLACAS SÃO CONTOURNADAS POR UMA MOLDEIRA AMARELA COM ESTRELAS VERMELHAS QUE CONTOURNAM O FOLHETO IRREGULAR DAS PLACAS. FIGURAS DE GUITARRAS VINIL, CABOS DE SOM, AUTO FAVANTE DE SOM, TROMBONE E SPOT DE WZ, REFLETIDO EM COPIA NO EIXO Y, NAS LATERAIS DAS PLACAS, SUPERIOR, CENTRO E INFERIOR. CÍRCULO AMARELO NO CENTRO DO CARTAZ COM A LOGO DO FESTIVAL EM PRETO E VERMELHO. LINE UP NA PLACA INFERIOR
 SIGNOS PLÁSTICOS AMINHADO A ESQUERDA NA COR BRANCA - GRAFISMO DE LINHAS DO LADO ESQUERDO E

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, ^{EMPLESSAO} OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMARELA-DESENHOS GRÁFICOS	MOLDEIRA TEMÁTICA DE FOTOGRAFIA
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO	DESTAQUE P/ OS ELEMENTOS LATERAIS
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	P/ A EMPLESSAO QUE AS PLACAS ESTÃO A MOSTRA DENTRO DA TENDA
Composição	CONSTRUÇÃO EM PROFUNDIDADE	TEMA DE CÍRCO, TENDA DO CÍRCO
Formas	CURVAS E RETAS	IMITAÇÃO DA MADEIRA
Cores e iluminação	AMARELO, PRETO, VERMELHO, BRANCO	CORES QUENTES / AÇÃO DO CÍRCO / ROCK
Textura	VISUAL/TÁIL MADEIRA, LONA	MATERIAIS DE CÍRCO

IGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
GUITARRAS	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
VINIS	SUPORTE DE GRAVAÇÃO E REPRODUÇÃO DE MÚSICA	ROCK - MÚSICA, SOM
AMPLIFICANTES	EQUIPAMENTO P/ AMPLIFICAR E PROFUNDIC O SOM	CHAMAR AS PESSOAS, CHAMAR ATENÇÃO
CABOS DE SOM	ACESSÓRIO DE CONEXÃO ENTRE SOM E AUTO-TAL.	DIVULGAR, ESPALHAR O SOM.
SPOT DE WZ	ILUMINAR O ESPAÇO	É USADO P/ AVISAR QUE O CÍRCO ESTÁ FUNCIONANDO
TROMBONE	INSTRUMENTO MUSICAL	INÍCIO DO ESPETÁCULO, ABERTURA
ESTRELAS	SÍMBOLO DE IMPORTÂNCIA	DESTAQUE P/ O TEND.

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRO, 3 LINHAS
	Cor	PRETO E VERMELHO
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	Classificação tipográfica	
	GROTESCA	

A imagem das palavras		
	Disposição na página	CENTRO, AMINHADO A ESQUERDA
	Cor	BRANCO E AMARELO
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	
	Classificação tipográfica	
	GROTESCA	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 17ª
 Ano: 2009



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

63,5 x 45,0

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: COLETIVO BICICLETA SEM FREIO
 Designer: AMPLA, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO DEGRADÊ RADIAL BEGE. "ABRIL PRO ROCK" GRANDE 2 LINHAS, BORDA SUPERIOR E BORDA LATERAL ESQUERDA, GIRADO EM 5°, NA COR PRETA. LINE UP ALINHADO À ESQUERDA, NA BORDA ESQUERDA. UMA ILUSTRAÇÃO DE UMA MULHER ABRACADA COM UM TRAVESEIRO, NA BORDA DIREITA DO CARTAZ, A POSE DA MULHER É LATERAL, SENTADA, DE COSTA P/ A BORDA DIREITA E VIRADA P/ A BORDA ESQUERDA. DE DENTRO DO TRAVESEIRO P/ CIMA COM FORMAS ORGÂNICAS E COLORIDAS.

CÍRCULO PRETO NA BORDA DIREITA ACIMA DA ILUSTRAÇÃO, COM A LOGO DO FESTIVAL EM BRANCO, DENTRO DO CÍRCULO

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	P/ DAR DESTAQUE AO SIMPLISMO COLORIDO
Enquadramento	DIREITO INFERIOR, AFASTADO	VALORIZA A POSE DA MULHER E O SENTIMENTO ENVOLVIDO
Ângulo do ponto de vista	LATERAL ESQUERDO	MOSTRAR O ROSTO E EXPRESSÃO DA MULHER
Composição	CONSTRUÇÃO SEQUENCIAL	FOCO NA RELAÇÃO ENTRE O NOME DO FESTIVAL E NO SENTIMENTO DA MULHER.
Formas	ORGÂNICAS	UNDERGROUND, PSICODÉLIA
Cores e iluminação	BEGE, PRETO, ROSA, AZUL, VERDE AMARELO	PELE, SENSUAÇÃO, PSICODÉLIA
Textura	VISUAL SUAVE, LISA/GRÁFICA VISUAL	PELE E MENTE, IMAGINAÇÃO

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
TRAVESEIRO	CONFORTO PARA A CABEÇA	SONHOS, SEGREDO, SENTIMENTO, INTERIOR
POSE	SENTADA, POUCO CURVADA P/ FRENTE	EM SI, ÍNTIMO, PESSOAL, TÍMIDO
TATUAGEM	TATUAGEM	UNIVERSO DO ROCK, ESTILO DE VIDA
COLORIDO	MANCHA GRÁFICA	REPRESENTA A MÚSICA QUE A GENTE BUSCA, QUE FICA NA MENTE E EXPRESSA SENTIMENTO

SIGNOS LINGUÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA SUPERIOR DIREITA, 2 LINHAS, GIRADO 5°
	Cor	PRETA
	Classificação tipográfica	GROTESCA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA ESQUERDA, ALINHADO À ESQUERDA
	Cor	PRETA
	Classificação tipográfica	GROTESCA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 18ª
 Ano: 2010



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

→ NO CENTRO DO
 CARTAZ (HORIZONTE)
 RECIFE. RECIFE.
 42,0 x 25,0

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: PLANO B, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE
 Designer: PLANO B, AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO. A IMAGEM DE UM GRANDE ZEPELIN, CREMOSO NA A LOBO DO ABRIL PRO ROCK NA PONTA DO ZEPELIN QUE ESTÁ APONTANDO PARA O VÉRTICE SUPERIOR DIREITO DO CARTAZ. A LOGO ESTÁ NA COR PRETA, POR CIMA DE UMA MANGUERA GRÁFICA MARROM, FAZENDO UM INTELAÇÃO COM A LOGO. AO FUNDO DO ZEPELIN UM CÉU ESCURECIDO DE NUVENS BRANCAS, NUNCA CÉU VAI CLAREANDO QUANTO SE APROXIMA DO HORIZONTE DA CENA, QUE ESTÁ BEM NO CENTRO DO CARTAZ. DO CENTRO PARA BAIXO TEM FOTOS DAS MÚSICAS QUE VÃO TOCAR NO FESTIVAL DESTA EDIÇÃO. 18 LOGO ABAIXO DESTAS FOTOS, O LINE UP, GIRADO 45°, EM CIMA DE BARRAS MARROMS - A VERME LINDAS, COM O TEXTO NAS CORES BRANCA, AZUL, AMARELO CLARO E ROSA. NO CANTO INFERIOR DIREITO DO CARTAZ É FOTO DE UMA PAINTEIRA

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DI VULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	TODO MUNDO NA CIDADE
Enquadramento	DISTANTE, SUPERIOR DIREITO	DESTACAR O ZEPELIN E A GRANDEZA DA CIDADE
Ângulo do ponto de vista	FU BAIXO, 45°	GRANDEZA DA CIDADE
Composição	CONSTRUÇÃO, PROFUNDIDADE	TUDO QUE MOVE E ENVOLVE O FESTIVAL
Formas	CURVAS E RETAS	FORMAS DO ZEPELIN E DA CIDADE
Cores e iluminação	MARROM, PRETO, AZUL, ROSA, BRANCA/AMARELO	MEM. MESMKA DO PASSADO E PRESENTE
Textura	VISUAL, SÉPIA, RETRO ANTIGA	HOMENAGEM AO ZEPELIN QUE PAROU EM RECIFE.

IGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
ZEPELIN	DIRIGÍVEL, AR	UM FATO HISTÓRICO DE RECIFE / HOMENAGEM
PRÉDIOS ANTIGOS PRIMEIRO DE RECIFE	SÍMBOLOS DA CIDADE DO RECIFE	REPRESENTAR RECIFE NO CARTAZ / PARTE PELO TODO
CÉU	ESCURO E SOMBRIO	PODE INDICAR O PASSADO E O ROCK
GUIARRA	INSTRUMENTO MUSICAL	ROCK, ATITUDE, SOM, ESTILO
PEÇAS DE	MÚSICOS	BANDAS QUE VÃO SE APRESENTAR.

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	A imagem das palavras		
	Disposição na página	BOLEDA SUPERIOR DIREITA, 3 LINHAS	Classificação tipográfica
Cor	PRETA	LOGO GROTESCA	
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA		
A imagem das palavras	Disposição na página	BOLEDA ESQUERDA INFERIOR, ALINHADO À ESQUERDA	Classificação tipográfica
	Cor	BRANCA, AZUL, ROSA, AMARELO CLARO	LOGO GRÁFICA
	Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

→ NA COR ROSA,
 BLOCADO/AS
 PALAVRAS "ABRIL",
 "PRO" E "ROCK" NO
 MESMO COMPRIMENTO



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: COLETIVO BICICLETA SEM FREIO
 Designer: EVANDRO BOREL

46,0x64,0

Edição: 19ª
 Ano: 2011

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO ERIGADA, FUNDO AMARELO CLARO/CREME. UM DESENHO DE UMA MULHER NO CENTRO DO CARTAZ, CORPO AZUL, CABELO LILÁS, O CORPO TEM PARTES QUE SE DESINTEGRAM MOSTRANDO O INTERIOR ROSA, ELA ESTÁ TOCANDO UM CHOCALHO EM UMA DAS MÃOS E A OUTRA, UMA ESCALETA. AO LADO DA SUA CINTURA A CABEÇA DE UM BODE ROSA COM OLHOS DE CRISTAIS LILÁS, QUE FAZ PARTE DE UMA BÓIA FORMADA DE ÁGUA, POSA TRANSPARENTES, QUE ESTÁ AO REDOR DA CINTURA DA MULHER. ATRÁS DA CABEÇA DELA, LADO DIREITO UM PASSADO EM LINHAS E FORMAS IRREGULARES, DO LADO ESQUERDO SENDO DO OVIDO UM AUTO-FALANTE DE GRAMOFONE. LINE UP DO LADO ESQUERDO DA MULHER, ALINHADO À DIREITA (CONTORNANDO O CORPO DA MULHER, LATERALMENTE, "ABRIL PRO ROCK", 3 LINHAS, NO LADO DIREITO DO CARTAZ)

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	SEM AMPLAÇÃO, SEM LADO	APESAR DA AMPLITUDE, O FATO DA MULHER ESTAR SOLTEIRA, O SOM QUE ELA PRODUZ DE UM DOS LADOS QUE ESTÃO SENDO A MODALIDADE PRODUTIVA ALI.
Enquadramento	CENTRALIZADO, PRÓXIMO	MOstrar a desintegração do corpo da mulher relacionado ao som que ela produz
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	FOCO NA RELAÇÃO ENTRE MÚSICA E CORPO
Composição	CONSTRUÇÃO AERIAL	UNDERGROUND, SURREALISTA
Formas	ORGÂNICAS	MISTURA DE FRIO E SUPERFICIALIDADE
Cores e iluminação	AZUL, ROSA, LILÁS, AMARELO CLARO/FRIO	BONECA, QUÍMICO
Textura	VISUAL, LISA, PLÁSTICA	

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
ESCALETA	INSTRUMENTO MUSICAL	ASSOCIADO À CRIANÇA, EDUCATIVO
BODE	ANIMAL	ANIMAL DE CHIFRES ASSOCIADO AO DIABO, SURTIUNDO E ROCK PESADO
GRAMOFONE	APARELHO QUE REPRODUZ SOMS GRAVADOS EM DISCOS	REPRODUZINDO A MÚSICA QUE ESTÁ DENTRO DELA
CHOCALHO	INSTRUMENTO MUSICAL	ASSOCIADO À CRIANÇA, EDUCATIVO
CRISTAIS	PEDRA SANTA PODER	RIQUEZA, VALOR, NATURAL
POSE	EM PÉ, RETA, CABEÇA INCLINADA P/Baixo	APRESENTAÇÃO, EM SI, INTERIOR

Signos linguísticos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
	<p>A imagem das palavras</p> <p>Disposição na página: BORDA DIREITA, 3 LINHAS JUSTIFICADO</p> <p>Cor: ROSA</p> <p>Conteúdo Linguístico: ÂNCORA</p>	<p>Classificação tipográfica: GALÁXICA</p>
	<p>Passado</p> <p>ANIMAL</p> <p>LIBERDADE</p>	
	<p>A imagem das palavras</p> <p>Disposição na página: LADO ESQUERDO, ALINHAMENTO À DIREITA, 1 LINHA</p> <p>Cor: ROSA, AZUL</p> <p>Conteúdo Linguístico: SUBSTITUIÇÃO</p>	<p>Classificação tipográfica: GRÁFICA</p>

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: RAUL LUNA
 Designer: RAUL LUNA



29,5 x 42,0

Edição: 20º
 Ano: 2012

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO PAISAGEM. "ABRIL PRO ROCK" NA COR BRANCA, COM SOMBRA PRETA CHAPADA EM PERSPECTIVA, COM FOCO NO CENTRO DO TEXTO. FUNDO CINZA CLARO CHAPADO COM ESTRUTURAS MOLECULARES EM LINZA MÉDIO E CONTORNOS LINZA ESCURO, ESPALHADOS PELO FUNDO DO CARTAZ, NAS BORDAS LATERAIS ESQUERDA E DIREITA E, NA BORDA SUPERIOR. EM MAIOR QUANTIDADE NO LADO ESQUERDO SUPERIOR, ONDE ESTÁ O NOME DO FESTIVAL (QUE ESTÁ EM 1º PLANO). O LINE UP ESTÁ ORGANIZADO EM 3 COLUNAS DE TEXTO, ALINHAMENTO CENTRALIZADO, UMA NO LADO ESQUERDO LOGO ABaixo DO "ABRIL PRO ROCK", A OUTRA NO CENTRO DO CARTAZ E A TERCEIRA COLUNA NO LADO DIREITO. AS COLUNAS DE TEXTO ESTÃO LADO-A-LADO NO MESMO NÍVEL, E NA COR PRETA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLIA	O TEXTO SÃO ELEMENTOS DAS ESTRUTURAS MOLECULARES
Enquadramento	LATERAL ESQUERDO SUPERIOR, PRÓXIMO	AS FÓRMULAS DO "ABRIL PRO ROCK"
Ângulo do ponto de vista	SUPERIOR	AS ESTRUTURAS MOLECULARES ESTÃO "AFASTADAS" E MOSTRAM OS ELEMENTOS QUÍMICOS
Composição	COMPOSIÇÃO EM PROFUNDIDADE	A APRESENTAÇÃO DE UMA LISTA DE ELEMENTOS DE UMA FÓRMULA
Formas	GEOMÉTRICAS	QUÍMICA, TECNOLOGIA
Cores e iluminação	LINZA, PRETO E BRANCO	FILMES ANTIGOS FUTURISTAS, P/B
Textura	VISUAL, LISA E MOLECULAS	AGLOMERADO DE FÓRMULAS QUÍMICAS, SECRETO

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
ESTRUTURAS MOLECULARES	QUÍMICA/FÓRMULAS	EXPERIMENTO, FIÇÃO CIENTÍFICA
"SOMBRA" APR	TÍTULOS DE FILMES ANTIGOS	FUTURISTA, TECNOLOGIA
.		
.		
.		

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	
Disposição na página	CANTO SUPERIOR ESQUERDO, 3 LINHAS ALINHAMENTO CENTRALIZADO
Classificação tipográfica	GROTESCA
Cor	BRANCO / BORDA PRETA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA
A imagem das palavras	
Disposição na página	3 COLUNAS, ESQUERDA, CENTRO, DIREITA ALINHAMENTO CENTRALIZADO
Classificação tipográfica	GROTESCA
Cor	PRETA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 21ª
 Ano: 2013

61,5 x 30,7



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: COLETIVO SUPER TERRA
 Designer: COLETIVO SUPER TERRA

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO. FUNDO CINZA ESCURO. "ABRIL PRO ROCK" EM LINHA ESCURO COM MOLDEIRA/CONTORNO NA COR AMARELA, LOCALIZADO NA BORDA SUPERIOR OUPANANDO O ESPAÇO DE BORDA-A-BORDA LATERAIS. LOGO ABAIXO DO "ABRIL PRO ROCK" COMEÇA UMA ILUSTRAÇÃO COM VÁRIOS PERSONAGENS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (SEM REFERÊNCIAS) LUSA A ILUSTRAÇÃO OCUPA PRATICAMENTE 5/8 DO CARTAZ, BORDA-A-BORDA LATERAIS, TERMINANDO NA BORDA MÉDIO INFERIOR, ONDE A PARTIR DAÍ SE INICIA O TEXTO DO LINE UP. O LINE UP ESTÁ NA COR BRANCA, CANTO INFERIOR DIREITO, ALINHADO À DIREITA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	PRETA	OS PERSONAGENS ENTRARAM P/O ROCK
Enquadramento	CENTRALIZADO, DISTANTE	FOCO NO PÚBLICO DO SHOW
Ângulo do ponto de vista	LEVA SUPERIOR, 45° E CIMA DA	PALCO DE UM SHOW DE ROCK
Composição	COMPOSIÇÃO AERIAL	FOCO NAS REAÇÕES DOS PERSONAGENS
Formas	ORGÂNICAS	HISTÓRIA EM QUADRINHOS, PESSOAS
Cores e iluminação	PRETO, VERMELHO, ROXO / ILUMINAÇÃO ESTILO VERDE, PELE, BRANCO / HISTÓRIA EM QUADRINHOS	QWENTES / TIPO DAS HQ'S
Textura	TÁTIL, PAPEL JORNAL DE REVISTA EM QUADRINHOS	FAZER O CARTAZ PALECER UMA CENA DE HQ.

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
BALÕES DE FALA	FALA DOS PERSONAGENS	UNIDADES PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO HQ
GUITARRA QUEBRADA	ATUMESSO DE UMA GUITARRA NO LADO DO PALCO	ROCK PESADO, ATITUDE
PERSONAGEM DE FOGO	CÍRCULO DE FOGO	RODA DO POBO / TAMBÉM CONHECIDA COMO RODA DE FOGO
MOTOCICLETA DO FANTASMA	PERSONAGEM DE HQ	ESSE PERSONAGEM CURTE ROCK
"CALVIN E HAROLD" PALCO	PERSONAGENS DE HQ / CRIANÇA	A PRESENÇA DELES DISTINGUE OS COMO UM ADULTO INDICA QUE O APR. É P/ MAIORES. PALCO DO FESTIVAL

SIGNOS LINGUÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA SUPERIOR, BORDA-A-BORDA LATERAIS, 1 LINHA, CENTRALIZADO
	Cor	PRETA E AMARELA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA INFERIOR DIREITA, ALINHADO À ESQUERDA
Cor	BRANCA	
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 22
 Ano: 2014

64,0x46,0



**As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana**

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: WEAVER
 Designer: GUILHERME CARVALHO

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO BRANCO, "ABRIL PRO ROCK", LOCALIZADO NO CENTRO-ESQUERDA-SUPERIOR, NAS CORES PRETA E VERMELHA, 3 LINHAS, SEM ALINHAMENTO DE NENHUM. ILUSTRAÇÃO LOCALIZADA NO CANTO INFERIOR ESQUERDO, UMA MULHER DE CORPO LÍZEA, TATUAGENS CINZA CLARO POR TODO O CORPO, CABELOS LORTOS VERMELHOS E VÁRIOS OSSOS PRETOS NA FRENTE DO ROSTO. OUTRA PESSOA NO PRIMEIRO PLANO, INCLINADO À DIREITA, CAMISA PRETA E, NO LUGAR DA CABEÇA, UM CUBO DE FACES PRETA (INFERIOR), BRANCA (ESQUERDA) E VERMELHA (DIREITA). POR TRÁS DELES VÁRIOS CÍRCULOS DE TANHOS DIFERENTES, INTERCALANDO CINZA ESCURO E BRANCO. LINE UP NA BORDA DIREITA, AO LONGO DE TODA A LATERAL DIREITA E ALINHADO: À DIREITA, NA COR PRETA.

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	P/ DAR DESTAQUE AS CABEÇAS DOS DESENHOS
Enquadramento	LATERAL ESQUERDO, PRÓXIMO	FOCO NO NOME DO FESTIVAL E NA ILUSTRAÇÃO
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	PÚBLICO DO APR, FREQUENTADORES
Composição	CONSTRUÇÃO AXIAL	FOCO NO NOME DO FESTIVAL E NA ILUSTRAÇÃO
Formas	CURVAS, GEOMÉTRICAS	SÍNTESE, MOVIMENTO LÍZEO
Cores e iluminação	BRANCO, CINZA, PRETO, VERMELHO	ROCK, EVENTO
Textura	VISUAL, LISA, CHAPADA	MELÂNICA, MOVIMENTO

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
OSSOS	MÁSCARA DE OSSOS	MACABRO
CUBO	CABEÇA QUADRADA	CAIXA DE IDEIAS, MÚSICA, GOSTOS
DESENHOS PELO CORPO	TATUAGENS	UNIVERSO DO ROCK, ESTILO DE VIDA
CÍRCULOS	ONDAS, NÍVEIS	PROJEÇÃO SONORA, ENERGIA

SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	
Disposição na página	CENTRO-ESQUERDA-SUPERIOR, 3 LINHAS, SEM ALINHAMENTO
Classificação tipográfica	GRÁFICA
Cor	PRETA E VERMELHA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA

A imagem das palavras	
Disposição na página	BORDA DIREITA, ALINHADO À DIREITA
Classificação tipográfica	NAUTÓGRAFAS
Cor	PRETA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 23ª
 Ano: 2015

59,5 x 42,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: KIN NOISE
 Designer: ALLIDES BURN

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO VERDE. "ABRIL PRO ROCK" LOCALIZADO NO LADO ESQUERDO SUPERIOR, 3 LINHAS, CENTRALIZADO, NA COR VERMELHA. LOGO ABAIXO DO NOME TAMBÉM ALINHADO AO CENTRO DO TEXTO, UMA CAVEIRA ESTILO MEXICANA, LARANJEIA E ROSA, COM UMA FLOR NOS DENTES, PLANTAS NAS LATERAIS, DUAS LANÇAS DE FITAS (CABOÇO DE LANÇA ABAIXO E POR TRÁS DA CAVEIRA), UMAS CHAMUSCAS VERMELHAS. NO LADO DIREITO DO CARTAZ ESTÁ O LINE UP EM AMARELO E BRANCO, ALINHAMENTO CENTRALIZADO.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL COUCHE, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SEIL NOTADO
Moldura	AMPLA	DESTAQUE P/ A CAVEIRA
Enquadramento	LATERAL ESQUERDA, PRÓXIMO	FOCO NO NOME DO FESTIVAL E NA ILUSTRAÇÃO
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	DO MESMO ÂNGULO DAS CAVEIRAS MEXICANAS
Composição	CONSTITUIÇÃO ANIMAL	FOCO NO NOME DO FESTIVAL E NA ILUSTRAÇÃO
Formas	ORGÂNICAS	UNDERGROUND
Cores e iluminação	VERDE, VERMELHO, ROSA, AMARELO, BRANCO	QUENTES, COMO AS CAVEIRAS MEXICANAS
Textura	VISUAL/TÁTIL LISA COM RELEVOS IRREGULARES	MISTURA DO SIMPLES E UNDERGROUND

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
CAVEIRA	CAVEIRA MEXICANA, MORTE	FESTIVIDADE, CULTURA, ROCK
FLOR	FLOR NA BOCA, MARIJUANA	MARACATU, TRADIÇÃO
LANÇAS	LANÇAS DO CABOÇO DE LANÇA	MARACATU, TRADIÇÃO
ROSAS LATERAIS	ROSAS, NATUREZA	MENÇÃO AOS DEZENHOS DO MARACATU DO CABOÇO DE LANÇA
PATA DE MARIJUANA	MARIJUANA	CULTURA, TRADIÇÃO, MOVIMENTO MARIJUANA

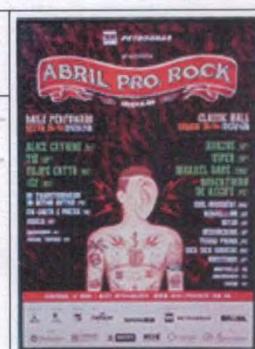
SIGNOS LINGÜÍSTICOS

Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	CANTO SUPERIOR ESQUERDO 3 LINHAS, CENTRALIZADO
Cor	VERMELHO	
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
Imagem	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA DIREITA, ALINHAMENTO CENTRALIZADO
Cor	BRANCO, AMARELO	
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 24ª
 Ano: 2016

59,0 x 42,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes:
 Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: RAFAEL SILVEIRA
 Designer: ALCIDES BURN

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO COM TEXTURA SEMELHANTE A ROCHA, NAS CORES VERMELHO E PRETO. O NOME "ABRIL PRO ROCK" ESTÁ NO CENTRO SUPERIOR, 1 LINHA, DENTRO DE UMA FAIXA VERMELHA, LETRAS CINZA CLARO. NO CENTRO: INFÉRIOR UMA ILUSTRAÇÃO DE UM HOMEM COM UMA ORELHA GRANDE NO LUGAR DO ROSTO, TRONCO E BRASOS TODOS TATUADOS. LINE UP EM 2 COLUNAS, UMA À ESQUERDA DA ILUSTRAÇÃO, ALINHADO À ESQUERDA E A OUTRA COLUNA À DIREITA DA ILUSTRAÇÃO, ALINHADO À DIREITA. AMBOS OS TEXTOS NAS CORES BRANCO, VERDE, AMARELO CLARO, LARANJA.

SIGNOS PLÁSTICOS

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LOUCHE, IMPRESSÃO	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	AMPLA	DESTAQUE P/ A ILUSTRAÇÃO
Enquadramento	CENTRO INFERIOR, PRÓXIMO	DESTAQUE P/ O NOME DO FESTIVAL E PARA O ROSTO EM FORMATO DE ORELHA
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	REPRESENTAÇÃO DO PÚBLICO DO ABRIL
Composição	CONSTRUÇÃO AQUIL	RELACIONA LINE UP COM O PÚBLICO DO FESTIVAL, ESTILO DE VIDA
Formas	ORGÂNICAS	UNDERGROUND
Cores e iluminação	VERMELHO, PRETO, BEGE, BRANCO, VERDE	AMBIENTE QUENTE E SOMBRO
Textura	VIZUAL/TÁIL	ROCHA
		BRUTO, PESADO

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
ORELHA	PARTE EXTERNA DO OUVIDO	AUDIÇÃO O SENTIDO MAIS APURADO DO PÚBLICO DO FESTIVAL, ATENTO AO QUE VAI
HOMEM	HOMEM CHEIO DE TATUAGENS	PÚBLICO DO ABRIL, UNIDO NO MOM.
RAIOS	ENERGIA, MOVIMENTO, DIREÇÃO	SOM, ESCUTAR
DESENHOS PELO CORPO	TATUAGENS	UNIVERSO DO ROCK, ESTILO DE VIDA
CANOEIRA NO BRANCO	TATUAGEM	ROCK, ATITUDE, ESTILO DE VIDA

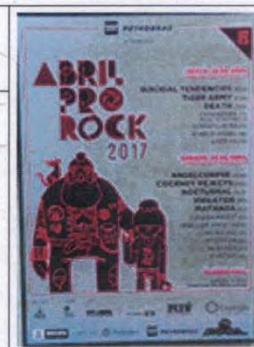
SIGNOS LINGUÍSTICOS

A imagem das palavras	
Disposição na página	CENTRALIZADO, 1 LINHA BORDA SUPERIOR
Cor	LINHA CLARO
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA
Classificação tipográfica	GLIFADAS
A imagem das palavras	
Disposição na página	BORDAS LATERAIS, 2 COLUNAS ALINHADOS À ESQUERDA E À DIREITA
Cor	VERDE, BRANCO, LARANJA, AMARELO CLARO
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO
Classificação tipográfica	GLIFADAS

UFPE | CAC | PPGDesign | Mestrado em Design
 Mariana de Oliveira Lins
 Orientador: Hans da Nóbrega Waechter

Edição: 25ª
 Ano: 2017

59,5x42,0



As 25 edições do Abril Pro Rock e seus cartazes: Design e memória gráfica pernambucana

FICHA DE ANÁLISE | ANÁLISE DA IMAGEM

Artista: BALKER DESIGN & MOTION
 Designer: BALKER DESIGN & MOTION

Descrição do cartaz: CARTAZ RETANGULAR, POSIÇÃO RETRATO, FUNDO CINZA CHAPADO. "ABRIL PRO ROCK" NA LOR PRETA, COM CONTOURO E LINHAS LARANJA NEON, 3 LINHAS, NÃO ALINHADO, LANTO SUPERIOR ESQUERDO, LOGO ABAIXO DO NOME DO FESTIVAL, O DESENHO DE UM PAI E FILHA NA LOR PRETA E CONTOURNOS EM LARANJA NEON, NA POSIÇÃO CENTRICO INFERIOR ESQUERDA. LINE UP NA BORDA DIREITA, ALINHADA A DIREITA, NAS LORES LARANJA E PRETA. UMA MOLDBRA RETANGULAR DE LINHA LARANJA, COM UM TITANIVMO PRETO DE CONTOURNOS LARANJAS. DENTRO ESTÁ ESCRITO "ANO 25" NA LOR LARANJA, EM 2 LINHAS, SIGNOS PLÁSTICOS NO LANTO SUPERIOR DIREITO. A MOLDBRA CONTORNA O CONTEUDO DO CARTAZ.

Significantes plásticos	Denotação	Conotação
Suporte	CARTAZ, PAPEL LUCIDO, IMPRESSÃO OFFSET	DIVULGAÇÃO, SER NOTADO
Moldura	RETANGULAR, LINHA LARANJA	ADUNPAR AS INFORMACOES DO ANO 25
Enquadramento	LATERAL DIREITO, DISTANTE	DESTACAR O NOME DO FESTIVAL E P/ A ILUSTRAÇÃO
Ângulo do ponto de vista	FRONTAL	MOstrar OS SÍMBOLOS DAS BANDAS
Composição	COMPOSIÇÃO AXIAL	FOCO NAS GERAÇÕES, PAI E FILHA
Formas	CURVAS E GEOMÉTRICAS	SÍNTESE, MOVIMENTO, SIMPLICIDADE
Cores e iluminação	PRETO, CINZA E LARANJA	ROCK, DESTACAR, TRANSFORMAÇÃO
Textura	LISA, CHAPADA	MELÂNICA, MOVIMENTO (APR)

SIGNOS ICÔNICOS

Significantes icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
· HOMEM E MENINA	PAI E FILHA, PÚBLICO DO FESTIVAL	GOSTO MUSICAL PASSADO PARA AS PROXIMAS GERAÇÕES
· PATO	ANIMAL, ESGOTO	BANDA RATOS DO PORÃO
· CALÇA MENINA	CAMISA DE BANDA DE ROCK	BANDA DEVOTOS
· PACOTES JAVIERA PAI	SÍMBOLOS DE BANDA DE ROCK	BANDAS KISSUM MOTORHEAD
· MÃO CHIPPADA TATUAGEM PAI	SÍMBOLO DO ROCK/METAL TATUAGENS DE UM SÍMBOLO DE UMA BANDA DE ROCK	A MENINA ESTÁ CURTINDO O SOM BANDA SEPULTURA

SIGNOS LINGÜÍSTICOS

	A imagem das palavras	
	Disposição na página	CENTRO ESQUERDO SUPERIOR, 3 LINHAS, NÃO ALINHAMENTO
	Cor	PRETO E LARANJA
	Classificação tipográfica	GRÁFICA
Conteúdo Linguístico	ÂNCORA	
	A imagem das palavras	
	Disposição na página	BORDA DIREITA, ALINHAMENTO A DIREITO
	Cor	PRETA
	Classificação tipográfica	HUMANISTA
Conteúdo Linguístico	SUBSTITUIÇÃO	

ANEXO A – ENTREVISTA COM PAULO ANDRÉ

ENTREVISTADOR: MARIANA LINS

ENTREVISTADO: PAULO ANDRÉ

TEMPO DA ENTREVISTA: 32:10

“Então Paulo André você me falou que foi para os Estados Unidos em 1986 e voltou em 1989. Então você considera contar o contexto histórico da cidade de Recife a partir desse momento de quando você chegou aqui?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Mas eu vivi outras coisas antes, por exemplo, tem o livro que é o livro sobre o metal em Pernambuco, que é da CEP editora, onde nesse livro eu fiquei sabendo que o primeiro show de uma banda de metal na cidade foi em 1983, no estacionamento do shopping, era uma banda chamada Herdeiros de Lúcifer... Eu acho que era 1980... Eu tinha 13 anos... Depois eu fui ver outro show dessa banda... Os caras eram mais velhos, bem mais velhos, pelo menos uns oito a dez anos mais velhos. Eu era pré adolescente mas já gostava. Então eu vivi isso antes de morar três anos nos Estados Unidos, de 1986 a 1989. Eu fui com 19 anos recém completos, e na minha adolescência eu conheci a galera do rock, eu gostava do rock desde os treze anos, e isso também me motivou muito a ir para os estados unido... O mundo do rock estava lá. E aí esses três anos, eu acompanhei duas cenas musicais, a do trash metal, que o maior nome é a Metallica que é lá da região que eu morei, a região da Baía de São Francisco na Califórnia... várias cidades como Oakland, San Jose, Hayward, Santa Clara, Palo Alto e Mountainville... Palo Alto e Mountainville é onde estão as empresas de tecnologia da informação hoje e já tinha na época... Não era Facebook, nem Google, mas já existiam as empresas de tecnologia da informação e naquela área era que eu trabalhava entregando pizza. Como eu trabalhava muito, tinha dois empregos, um durante o dia e entregando pizza à noite, eu me divertia indo para shows e comprando discos. Então eu vi nascer duas cenas musicais da região da baía de São Francisco, a do trash metal que eu falei, do Metallica que deixou de ser uma banda underground e virou uma banda grande, que tocava nas arenas e nos estádios e levou junto várias outras bandas como Exodus, Violence, Forbidden, Death Angel, Testament... E a outra cena era do funky rock pesado, que tinha como maior nome os Red Hot Chili

Peppers que eram de Los Angeles, mas na época que eu morava lá um dos caras tinha morrido de overdose de heroína e a banda tinha meio que dado um tempo, mas dessa mesma cena tinham duas bandas da cidade de São Francisco... Uma era o Faith No More e a outra era o Primus. O Faith No More, quando eu estava lá ainda que eu fotografei um show deles, já antes de vir embora, em junho de 1989, eles já tinham uma música tocando na rádio quando eu vim de lá e quando eu cheguei aqui eles ficaram muito grandes, mas o Primus não, eles foram uma banda pequena. Nesses ambientes eu... Tenho que abrir um parênteses para dizer que eu sou colecionador desde os dez anos de idade e nunca perdi esse hábito de colecionar, então óbvio que eu colecionei nos Estados Unidos, eu tenho alguns flyers, alguns cartazes desses shows dessa época, outros comprados, outros shows que não necessariamente desses estilo que eu fui... Por exemplo, Ozzy Osbourne, eu consegui o cartaz no lugar que eu comprava os ingressos. Eu fui comprar um ingresso e o show já tinha passado, daí eu pedi para a menina vendedora dos ingressos me dar o cartaz aí ela me deu. Então, por conta desse hábito, eu voltei para o Brasil com muita coisa, muitos cartazes pois eu já pensava em abrir uma loja de discos e os cartazes seriam a decoração da loja. Cartazes que não tinham por aqui até porque Color ainda não tinha aberto as importações, então tudo no Brasil era muito limitado, os discos de rock que eram lançados no Brasil eram limitados em relação ao que era lançado pelo mundo, então com essa idéia eu voltei em 1989 e resolvi abrir uma loja de discos. A loja abriu em dezembro de 1989, em agosto de 1989 eu patrocinei as capas e o encarte do disco "O Espelho dos Deuses" da banda Câmbio Negro HC e eu era amigo dos caras... Eu não era exatamente o produtos deles, mas eu ajudava a banda. Inclusive eu ajudei financeiramente pagando os encartes e as capas desse disco. O vinil foi fabricado numa fábrica do sudeste e eu paguei as capas e os encartes. A loja A Rock Express, junto com a Câmbio Negro HC promoveu o show de lançamento, trazendo a banda paulista Cólera de punk rock que era, mais ou menos, do mesmo gênero do Câmbio Negro HC, que era mais hardcore." (Entrevistado - Paulo André)

"Isso foi no final de 1989?" (Entrevistadora - Mariana Lins)

"Não, isso já é 90. A loja já estava aberta." (Entrevistado - Paulo André)

"Então o cd é de 1989?" (Entrevistadora - Mariana Lins)

"Não. De 1990. Só a loja é 1989. Eu volto dos Estados Unidos e a loja é em 1989." (Entrevistado - Paulo André)

“Em agosto de 1990 sai o disco, dois meses depois, em outubro, a minha primeira produção de um show que foi justamente Coller e Câmbio Negro lançando o disco no Sport. Eu já havia sugerido para a galera do Câmbio Negro HC duas amigas artista visuais, uma designer que juntas eram o Departamento X, Oriana Duarte e Carla Sarmiento. E a banda acatou a sugestão, a capa então foi feita pela dupla e posteriormente o show de lançamento o cartaz também foi feito pelas meninas. Então eu também sou um modesto colecionador de arte, então eu não trouxe nada dos Estados Unidos exatamente de arte, mas já no início dos anos 90 eu passei a comprar pinturas, gravuras, esculturas de barro. Eu já tinha algumas coisas da minha infância, pré adolescência que eu comprava, mas eu quero dizer mais dessa arte dos anos 90 que são os meus contemporâneos, a galera que era contemporânea jovem comigo. Os que eu mais acredito que é uma questão de tempo para se revelarem para muito mais gente e serem consumidos como itens valorizados, os três fizeram cartazes para o Abril Pro Rock... Que é justamente trazer essa coisa das artes visuais para a música. Eu acho que a música, a identidade visual da música é tão importam quanto a música em si. Não adianta a música ser incrível e a identidade visual não ser representativa daquela boa música e vice e versa. Já peguei vários discos com uma programação gráfica, uma arte incrível e o som uma porcaria. Então no primeiro Abril Pro Rock... Eu fiz outras produções também, o Lula Côrtes, Blues Etflicos...” (Entrevistado - Paulo André)

“Mas na verdade a gente combinou de falar das histórias dos cartazes num outro momento. Eu queria saber o contexto da década de 1990. O que você viu? O que te motivou? O que é que...” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Principalmente... Eu falei agora de uma questão geracional que a gente... Éramos todos jovens de uma mesma geração e naquele momento, vamos dizer... O manifesto mangue é de 1992. O Abril Pro Rock é de 1993... Em 1995 estava sendo criado o conceito da economia criativa, o que chama hoje de economia criativa, e a gente sem saber desse conceito praticávamos economia criativa, porque na verdade se tratava de uma geração que a gente via... Uma coisa que eu sempre falo para contextualizar... Desde a geração do Udigrudi, porque a gente vivia uma ditadura militar, a censura, os meios de comunicação monitorados, o Udigrudi não teve a visibilidade que merecia na época. Hoje os discos do Udigrudi são lançados mundialmente por um selo inglês que eram a grande maioria da gravadora Rosenblitch. Dessa cena Udigrudi saem Lula Côrtes, Alceu Valença, Geraldo

Azevedo nem tanto porque era de Petrolina, Zé Ramalho que é Paraibano sim porquê fez junto com Lula Côrtes um dos discos mais raros do Brasil e mais valorizados do Brasil que é o Paêbiru: Caminho da Montanha do Sol. Então o Udigrudi... Paralelamente a isso a Ave Sangria que depois Alceu Valença pegou praticamente a Ave Sangria toda para ser a banda dele. Então a cena de Rock que era a Avi Sangria, Tamarineira Village ,que era a banda de Paulo Rafael que veio a tocar com Alceu a vida toda, não conseguiram sair de Recife, mas dessa cena saem para virarem grandes nomes da MPB como eu falei, Zé Ramalho, Alceu e Lula Cortes que é tão importante quanto Alceu e Zé, mas que não teve a mesma popularidade, a mesma projeção nacional, mas é respeitadíssimo pela obra dele. Então nos anos 80 a gente praticamente dorme uma década, porque o que aconteceu aqui em Pernambuco nos anos 80 que teve projeção além do estado, uma projeção regional, era o forró, antes das bandas com dono. Era Nando Cordel, Jorge de Altinho, Novinho da Paraíba. E isso era o que tocava nas festas que eu ia antes de ir embora para os Estados Unidos. Por exemplo: Exposição de Animais no Cordeiro, Festa da Vitória Régia em Casa Forte e coisas assim. A música dessa época para mim é 'Devagar que o santo é de barro, devagar...' que representa bem tudo isso e que tocou muito nas rádios. Quando eu voltei em 89... abri a loja em 89... o rock brasileira já tinha perdido a força e eu comecei a acompanhar tudo que acontecia na cidade. Lula Côrtes tinha morado, nos anos 80, em São Paulo e estava de volta em Recife, eu conheci ele, ele cantava na noite, em um bar que se chamava Sushi que era ali ao lado do Sport. Eu não conhecia ele antes de viajar, eu conhecia Geraldo Azevedo, Zé Ramalho e tal, mas eu não conhecia Lula antes, até os meus vinte e poucos anos, exatamente pela obscuridade. Eu comecei a ir para tudo que acontecia na cidade, então um tio meu, irmão do meu pai, me apresentou o Lula e quando eu fiquei sabendo da história dele que nos anos 70 ele tinha feito o que eu estava querendo fazer nos 90, teve um selo com a mulher dele, Kátia Mesel que hoje é cineasta que é o selo Solar que lançou Flaviola e o Bando do Sol, que lançou Marcone Notaro, que lançou o Paêbirú. Eu fiquei fã dele e trabalhei com ele. Ali eu fiquei menos dono de loja de discos e mais produtor, era o que mais me interessava. Eu não queria passar o resto da vida atrás de um balcão de loja de disco, pois eu era muito mais psicólogo do que vendedor ali. Tem dois fatores fundamentais para incendiar o cenário local que não tinha perspectiva, que não tinha estrutura quando eu voltei para cá. Alguns meses depois da abertura da loja ainda em 90, talvez no

segundo semestre, pouco tempo depois de ter chegado no Brasil em São Paulo, chega em Recife a MTV, então quem gostava de música correu para comprar uma antena UHF porque o sinal era em UHF. Era um sonho. Para mim não, pois eu tinha morado três anos nos estados unidos e a MTV pegava normal lá. Mas aqui em Recife, no Nordeste, era um sonho. Em 91, alguns meses depois da entrada da MTV, chegou uma franquia da Rádio Rock de São Paulo, a 89 FM a Rádio Rock ficou um ano. Eu sei por causa da loja que eu anunciava. Meados de 91 a meados de 92, exatamente durou a 89 FM. Deu perspectiva de tocar as bandas, dessas bandas todas só tinham duas que tinham vinil lançado, Tempo Nublado e Academia do Medo, elas tocavam na Radio Rock, outras bandas correram para gravar uma fita cassete demo, para também tocar. Eu escutei algumas bandas locais e isso era coisa inédita, bandas de rock local tocando na rádio, mas aí, mais ou menos em setembro de 92 a rádio sai do ar. A MTV permanece. A rádio sai do ar, mais ou menos, na mesma época que Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A lançam o Manifesto Mangue. Quem deveria fazer o festival na cidade era a rádio, porque tinha a mídia, ela tinha uma bala muito maior que a minha, ela tinha o público na mão, mas ela sai do ar e eu, com oestava muito ligado em tudo que acontecia e estava muito dentro da cena por conta do Câmbio Negro, do Lula Côrtes, eu tive a idéia de fazer o Abril Pro Rock. Juntar algumas banda locais e o Maracatu Nação Pernambuco, porque tem essa questão da cultura popular. O que é que me levou a colocar a cultura popular no Abril Pro Rock? No final dos anos 80, sem nenhum exagero, a cultura popular estava sendo colocada na prateleira de um museu. A classe média não tinha absolutamente nenhuma ligação com o coco, ciranda, maracatu, afoxé, nada disso. Então o Maracatu Nação Pernambuco, que não é um maracatu de terreiros, não é um maracatu de origem popular, ele é um maracatu terçado, em 93 ele era um maracatu com uma galera de classe média na percussão os homens e as mulheres no coro cantando e dançando. Entre os homens, nesse primeiro momento que tocaram no primeiro Abril Pro Rock estava Silvio Meira, Paulo Rúbens Santiago, Léo Crivellare cineasta. Muita gente diz: 'O que é que tem a ver o maracatu com o Abril Pro Rock?' claro que o foco do Abril Pro Rock era público jovem, era público telespectador da MTV, tanto que no cartaz, se você observar tem doze banda e o nome de Gastão, que era apresentador da MTV, é maior do que todas as porque também era uma coisa de outro mundo, um apresentador da MTV vir para Recife para apresentar um festival. Primeiro que não tinha um festival, então

eu quis com aquilo, justamente provocar essa molecada de classe média mais alienada que era um acontecimento, eles dizendo 'eu poxa, vai ter Gastão lá apresentando as bandas, vamos lá ver!' muito mais do que para ver as bandas, porque pouca gente conhecia as bandas naquele momento." (Entrevistado - Paulo André)

"Falando em provocação. Você tinha dito aquela história da... Você me contou rapidamente sobre a história do axé... fiquei curiosa... Como foi que aconteceu?" (Entrevistadora - Mariana Lins)

"Na verdade eu era muito jovem e eu tinha... Eu sempre transitei em várias galeras, eu não tinha... Então eu tinha uns amigos que tinham morado comigo nos estados unidos e outros que já eram amigos antes de ir para os Estados Unidos, de uma mesma galera, e tinha... E esses amigos não tinham muito a ver com a música... Alguns até iam para o show do Câmbio Negro comigo, mas esses amigos da cultura, da música, foi depois. Quando eu voltei eu passei a andar com esses amigos, que não necessariamente tinham a ver com música e cultura. E tinha o carnaval da semana pré... De segunda a sexta feira de carnaval, tinha esse desfile na Av. Boa Viagem de uns quinze trio elétricos, mais ou menos de sete da noite até uma hora da manhã e o axé... Isso é outro contexto importante para dizer que o axé... Quando o mangue começa a surgir o axé já tinha chegado com força no Recife, então esse carnaval ele não era micareta, ele era a semana pré carnaval de Pernambuco, mas já tinha os trios elétricos com axé e tinha os trios elétricos Pernambucanos. Versão Brasileira, Marrom Brasileiro, Banda Pinguim de Almir Rouche, André Rio... Enfim, não vou lembrar todos... E vários axés, a banda de Ivete saia naquele Balança Rolha, aquele bloco que tinha em Boa Viagem... Tinha um cantor de axé chamado Ricardo Chaves que o único hit dele é a música do 'Crocodilo eu sou, vou te devorar' e a gente sempre ia, tanto para a praia durante o dia, como à noite para o carnaval nas imediações do Acaiaca e aí no Acaiaca sempre foi point de surf, de campeonato de surf, as meninas bonitas da praia e tal, então parece que todos os blocos deixavam para tocar as músicas mais animadas chegando perto do Acaiaca e aí lá vem o trio elétrico de Ricardo Chaves. E agente estava uns oito ou dez amigos juntos e era um caos porque não tinha muita organização, não tinha cordão de isolamento, o povo parava o carro onde não podia, virava um caos, mas acontecia. Aí Ricardo Chaves vem cantando 'vou te devorar, crocodilo eu sou' quando ele falava é isso 'é o bicho, é o bicho, te devorar, crocodilo

eu sou' as pessoas juntavam os braços e faziam a boca do jacaré e todo mundo fazendo isso na Avenida Boa Viagem, menos eu, o barulho era ensurdecedor. E eu ouvindo aqueles milhares de braços e de bocas de jacaré batendo ao mesmo tempo eu tive uma crise, assim, fodida. Eu disse: "meu Deus do céu, aonde é que eu tô e o que é que eu tô fazendo aqui?". Ainda virei pros meus amigos e falei: "meu irmão, vocês estão doidos é, velho?". Todo mundo fazendo a dancinha como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Aquilo até hoje eu tenho como uma grande provocação da minha vida. Eu fui provocado por aquela cena que eu vivi. Até hoje, nos meus piores pesadelos, eu estou no meio da multidão e está fazendo em cima da minha cabeça 'tchá, tchá, tchá' e eu fiquei muito chocado, eu olhava ao redor e via dos avós às crianças, porque era um evento aberto, os prédios já eram camarotes naturais, então tinha todo o tipo de gente de todas as idades, rico, pobre... Em Boa Viagem não só tem gente de classe média. Eu fiquei chocado com aquilo, me senti no lugar errado, na hora errada, com todo mundo errado do meu lado e o axé chegando com força e toda a juventude indo curtir axé, inclusive eu fui uma vez para um show... Eu pulei o muro porque eu não ia pagar para ver Chiclete com Banana, aí todos os meus amigos foram, aí eu fui e não gostei nem um pouco, mas eu fiquei muito... Eu precisava ter ido para aquele show, porque eu precisava ver a quantidade de gente jovem num show do Chiclete com Banana, então isso virou o Recifolia. O Abril Pro Rock, ele é de Abril de 93, o Recifolia é de outubro de 93... eles nasce no mesmo ano, por isso esse contexto. Acontece que o Abril Pro Rock nasce surpreendentemente para mil cento e poucos pagantes e mais umas quinhentas pessoas entre bandas, porque eram doze banda, uma maracatu, mais os convidados e os jornalistas e não sei mais o quê... tinha pelo menos 1500 pessoas. Então foi meio que paralelo, o mangue na mesma hora. E aí quando eu converso com uma galera mais jovem... Como Chico morreu jovem, no auge da carreira... Quem não viveu aquela época, só ouve falar, ou lê, acha que Chico Science e Nação Zumbi eram muito maiores quando Chico era vivo do que eles são, por causa dessa coisa de Chico ter virado um mito, de todo mundo saber quem ele é, mas não era assim. O último show de Chico aqui deu 2000 pagantes, que era um bom público, pois já tinha hard rock, chico não tocava na rádio, o disco só saiu em 94, então essa provocação é a história da resistência... vamos nos juntar aqui meu irmão... e com a preocupação estética." (Entrevistado - Paulo André)

“Você chegou a comentar também que não tinha espaço. Que o que estava sendo produzido aqui de música, não tinha espaço nas rádios.” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Não tinha espaço das rádios nem tinha saído daqui ainda, agora na cidade tinha espaço.” (Entrevistado - Paulo André)

“Tinha. Acontecia as coisas.” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Tinha Joana Dark... Em Olinda... Onde rolavam as festinhas onde essas bandas tocavam. Até então não tinha tido um festival, mas tinham várias festinhas. A Soparia era bem diversa, uma noite tinha show, outra noite tinha jazz, outra noite tinha banda de rock, outra noite tinha um forrozinho do Mestre Ambrósio de rabeca. Não era bar de rock, que vendia Soparia que até o dia amanhecer, que vendia sopa que você tanto podia ir no começo da noite e sair como você podia voltar de uma festa e passar lá e amanhecer o dia lá, e tomar uma sopa antes de ir dormir. Não era um bar de rock, mas a cena cultural naturalmente se encontrava lá, os músicos, os artistas visuais os designers, os cineasta, tinha naturalmente essa troca. Por isso que eu falei da geração Carla, Renata Pinheiro, o marido, o irmão de Renata Pinheiro, meu amigo também cineasta... viajou comigo para a Europa. Mas enfim uma galera de uma mesma geração.” (Entrevistado - Paulo André)

“Eu posso dizer que você também pensou no Abril Pro Rock como uma forma de ser além.. De ser uma coisa além de ser mais um espaço, onde as bandas pudessem tocar, mas que elas pudessem ter uma visibilidade maior, como uma vitrine ou uma coisa assim?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Era uma vitrine. Além do Gastão veio também o Miranda. O Miranda veio como jornalista da revista BIS que era a única revista de música do país naquela época... de música pop. Ele foi pensado para isso, para juntar aquela galera, daquele momento, com aquele potencial que tinha, foi pensado para isso, agora...” (Entrevistado - Paulo André)

“Era uma preocupação grande em relação isso não era?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“No início não. Era uma coisa pequena. A proporção vai sendo tomada depois, como lhe falei, a partir da segunda edição já é MTV apresenta o Abril Pro Rock. Não tinha dinheiro envolvido, mas tinha a mídia, imagina uma chamada na MTV para todo o Brasil, o Abril Pro Rock, Circo Maluco Beleza, Recife dias tais e tais, era uma moral do caralho. O cartaz, MTV apresenta...” “Porque Chico virou mito,

na minha opinião. Chico tá pro Recife como Bob Marley tá pra Jamaica, como Kurt Cobain tá pra Seattle. Todos morreram jovens, digamos assim, no auge das suas carreiras, e eles tem uma ligação muito forte com a imagem do lugar onde eles vieram, com o contexto do lugar onde eles vieram. (Entrevistado - Paulo André)

“E essa ideia de ser um festival? Isso foi uma influência do que você viu nos Estados Unidos?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Claro. Do que eu vi.” (Entrevistado - Paulo André)

“Uma coisa é festa. Outra coisa é festival.” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Com doze bandas e um maracatu. Aí é um festival. Dura um dia inteiro.” (Entrevistado - Paulo André)

“Mais foi influência do que você presenciou lá nos Estados Unidos?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Foi.” (Entrevistado - Paulo André)

“Via uma chance de...” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Por isso que eu falei lá... Quem tivesse morado nos Estados Unidos e tivesse visto o que eu vi, vivido o que eu vivi, indo para os shows que eu fui... Talvez eu não teria tido experiência suficiente. Talvez eu estivesse fazendo os shows de axé.” (Entrevistado - Paulo André)

“Acho que é só isso. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre esse contexto, sobre o começo da década de 90?” (Entrevistadora - Mariana Lins)

“Não, o que eu queria dizer, que você está dizendo que não precisa era aquela história que o Abril começa com o designer. Eu fiz tudo sozinho, eu não tive... Se eu fosse pedir a uma artista para depois procurar um designer, naquela época não tinha os programas de computador que facilitavam, era offset, era arte final, entendeu? Eu fui direto num cara que fizesse tudo, entregasse o cartaz pronto para eu rodar na gráfica, que foi o publicitário, Olindo. Aí no ano seguinte eu chamei ele também para fazer. Aí já no terceiro ano eu peguei outra pessoa para só.. Aí você já sabe.” (Entrevistado - Paulo André)

“Está certo então.” (Entrevistadora - Mariana Lins)

ANEXO B – HISTÓRIA DA CADA CARTAZ

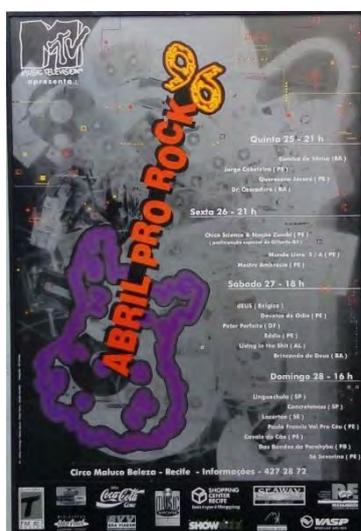
1ª, 2ª e 3ª Edição | 1993, 1994 e 1995



O designer gaúcho Olindo Peixoto produziu o primeiro e o segundo cartaz para o Abril Pro Rock, na época ele trabalhava para uma agência chamada Propeg. O terceiro cartaz foi produzido na Propeg já com outro designer, mas que pouco foi alterado o visual, alterações apenas sutis.

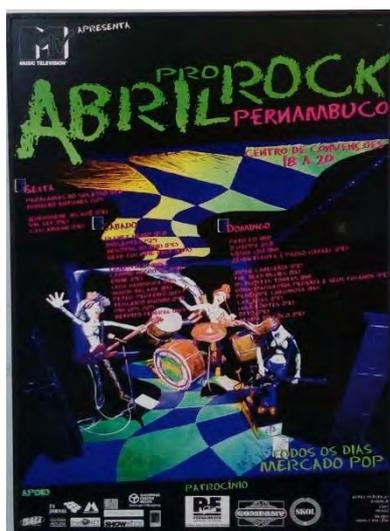
Historicamente a guitarra é um símbolo que remete ao rock, devido justamente ao surgimento da guitarra elétrica como divisor de águas entre sua raiz, o blues, e o início do *rock n' roll*. O uso do amplificador, dos efeitos sonoros, a guitarra representa instrumento símbolo da rebeldia.

4ª Edição | 1996



Quem assina o projeto gráfico visual desse cartaz é o Zona D Design. O fotógrafo Gil Vicente foi chamado para fazer uma foto preto e branca de CD's, fitas, cabos, materiais relacionados à música. Essa foto foi utilizada como plano de fundo do cartaz e a guitarra com o braço formado pelo “Abril Pro Rock” segue a mesma ideia dos cartazes anteriores, porém um redesign. O ano 96 aparece no cartaz.

5ª Edição | 1997



Paulo André tem uma ideia de convidar pela primeira vez um artista visual para fazer uma arte que irá compor o cartaz. Ele convida o artista Evêncio Vasconcelos para fazer uma banda miniatura de bonecos em material epóxi – material esse utilizado pelo artista – então, a banda foi fotografada por Fred Jordão e fez parte do cartaz dessa edição. Sonaly Macedo, já designer da Produtora Nave (atual Astronave), fez o layout do cartaz.



6ª Edição | 1998



João Câmara tinha descoberto os programas de computador de imagens que manipulava e começou a fazer uns trabalhos digitais com figuras distorcidas. O artista convidado, Félix Farfan mostra o papel impresso com a intervenção feita sobre uma fotografia do cantor Axl Rose e apresenta aquele papel como a entrega da arte para ser utilizada no cartaz do Abril Pro Rock.

Posteriormente, Farfan mostra para Paulo André o quadro que havia feito inspirado no trabalho digital que entregou e o próprio Paulo André comprou a obra de arte, que pode ser conferida na figura abaixo.

Atentar para o cuidado da obra cujo vocalista veste uma camisa com as iniciais “APR” do festival Abril Pro Rock.

Em conversa entre Paulo André e o artista, o homem do quadro pegando fogo, segurando um microfone e com uma bandana na cabeça remete à Axl Rose, vocalista da banda *Guns ‘n Roses*.

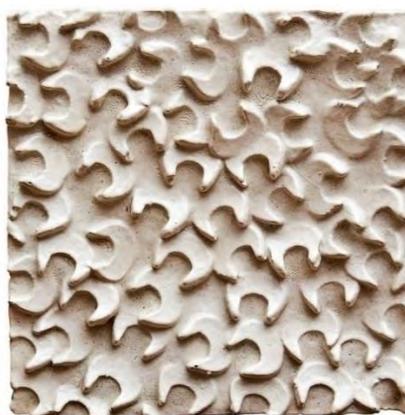
Eu até brinco. Aí quando ele me disse isso, eu falei: “Meu irmão, isso aí tu tiraste de onde? Essa imagem de um cantor de rock assim.”

“Foi uma foto de uma revista de Axl Rose.”

Eu digo: “Doido, nunca diga isso a ninguém.” (-risos)

(Transcrição da entrevista com Paulo André, 2018)

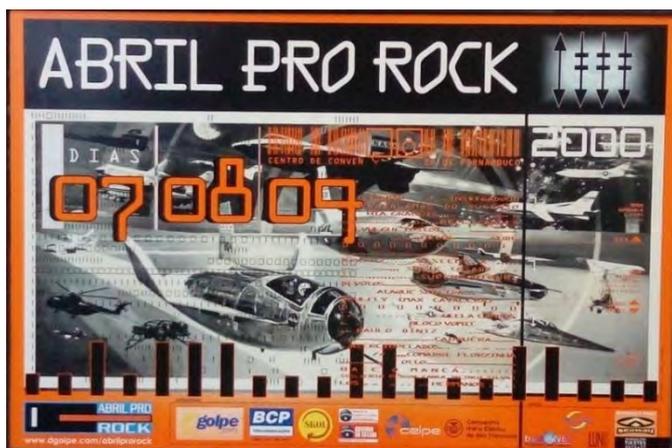
7ª Edição | 1999



Nesse ano a designer Sonaly Macedo sugere trabalhar com a textura da obra de arte de Juliana Notari, uma placa de gesso com impressões de chaves inglesas em relevo.

Sonaly fotografa a placa e manipula a imagem em programas de computador, chegando assim no resultado do cartaz da 7ª edição do festival, com essa característica mais conceitual. De acordo com Paulo André, a designer adota esse estilo visual em suas produções para os cartazes do APR, assumindo todo o projeto gráfico nos anos 1999, 2000 e 2001 – o *conceitual* é comum em seus projetos – processo que também ocorre em 2001, 9ª edição.

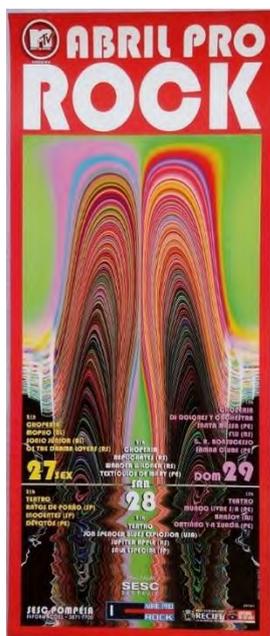
8ª Edição | 2000



Havia um mundo fantástico sobre os anos 2000 provocado pela mídia no imaginário das pessoas onde cada uma teria sua própria nave e robôs, a proposta do cartaz para esse ano foi inspirado nesse imaginário por meio da sugestão de Paulo André.

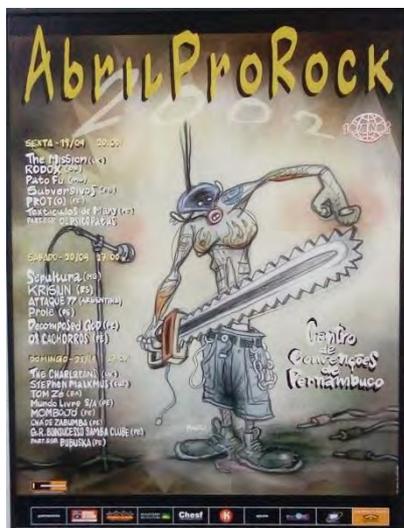
A então designer da produtora Nave Iniciativas Culturais, Sonaly Macêdo, fez uma busca por várias imagens de naves espaciais e então cria o cartaz do APR 2000.

9ª Edição | 2001



Para compor o *Line Up* desse ano foram convidados os artistas Lobão cujo show teria participação de Arnaldo Batista e os Mutantes – cinco anos antes da volta dos Mutantes – o Mofo, era um ano que indicava uma certa psicodelia. Sendo assim, o idealizador do festival propôs que o conceito do cartaz fosse inspirado nesse revival da psicodelia.

10ª Edição | 2002



O festival comemorava 10 anos, data redonda, a MTV todo ano transmitia em rede nacional, com isso o convite para fazer a ilustração do APR nesse ano foi para Angeli, um dos mais conhecidos chargistas brasileiros.

A ilustração é de uma criança com um motosserra na mão, imagem bem marcante e particular. A ilustração na esquerda e *Line Up* na direita.

11ª Edição | 2003



A partir desse momento os cartazes do Abril Pro Rock entram numa fase que durou 6 anos (2003 – 2009), uma linguagem publicitária, cujos projetos gráficos eram realizados pela agência de publicidade Ampla. Paulo André explica a necessidade dessa parceria com a agência por conta da quantidade de viagens fazendo *tour* com as bandas que chegavam a somar 6 viagens por ano, com longos dias fora de Recife. Como também a Ampla tinha toda a estrutura necessária para fazer o marketing do festival.

A Ampla sugere um logo para o festival e muda o formato do cartaz de retangular para redondo.

12ª Edição | 2004



Em 2004 reproduz a ideia do cartaz redondo, com o logo em destaque, cor diferente e o texto da programação fica legível. Na proposta de criação da logo em 2003, a ideia era todo ano mudar a cor. Fica decidido também não dar prosseguimento ao formato redondo para os cartazes do APR.

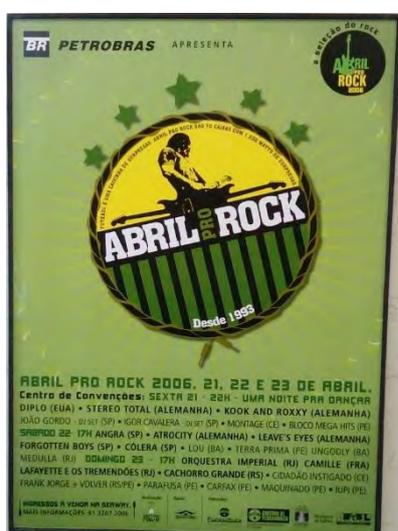
13ª Edição | 2005



A partir dessa edição, a agência de publicidade entra com uma proposta de 'tema' para o festival. O tema será a base para o desenvolvimento do conceito estético da produção e da divulgação pelo marketing.

Nesse ano o tema foi "Música é religião" e para o corte do formato do cartaz foi feita uma parceria com a FacForm.

14ª Edição | 2006



O tema para essa edição foi Copa do Mundo. Foram produzidas camisas ao estilo padrão de times de futebol e com um escudo fictício baseado em fotos de artistas que já tocaram ou cantaram no Abril Pro Rock.

15ª Edição | 2007



São os 15 anos do Abril Pro Rock. Em entrevista com Paulo André, ele faz uma observação sobre os jovens que estão na publicidade do festival não terem visto Chico Science no palco porque eram crianças quando o cantor morreu em 1997. Entre 1997 e 2007 são dez anos que se passaram desde o grande impacto no cenário cultural que aconteceu em Recife na década de 90.

A Ampla sugere para o cartaz do APR um bolo em camadas montado com tons de bateria, cuja idade de 15 anos no Brasil está associada a grandes festas, por isso o bolo em camadas.

Então lá (Estados Unidos) é o "Sweet Sixteen", é o 16 doce, aqui é quinze anos. Aí eu gostei da ideia dos tons de bateria [...] conceitualmente era massa para uma data redonda. Era uma brincadeira gráfica, um bolo de baterias diferentes que também remete ao rock." (Paulo André em entrevista, 2018)

16ª Edição | 2008



A Ampla conseguiu trazer para essa edição duas bandas clássicas do rock o *Bad Brains*, banda de *hardcore* de quatro negros nova iorquinos, e o *New York Dolls*, uma banda de *glam rock / rock and roll* dos anos 70. Sendo assim, essa edição seria como um “espetáculo de festival”, esse foi o tema para 2008.

A proposta era montar um espetáculo circense dentro do Abril Pro Rock, porém apesar do patrocínio da Petrobrás, o festival não tinha dinheiro para montar uma estrutura de circo dentro do evento além dos próprios shows. Por isso, apesar do cartaz está configurado em motivos circenses, de acordo com Paulo André perdeu o sentido quando não pode ser montada a estrutura com trapezistas, monga etc.

17ª Edição | 2009



“Galera, o Abril Pro Rock é resistência”. Essas foram as palavras de Paulo André para orientar a equipe da Ampla na produção do cartaz da 17ª edição. Ele havia feito uma reflexão sobre como desde 1993 o festival se manteve resistindo a crises e modismos, no qual o Recifolia nascido no mesmo ano, não resistiu, deixando de existir desde 2003.

Porém no dia da apresentação do cartaz pela agência, eles mostram uma ilustração ousada de um trio elétrico com pessoas embaixo tentando derrubar o trio, cujo trio elétrico é uma referência clara ao Recifolia. Esse cartaz não pode ser idealizado para o Abril Pro Rock, uma decisão do próprio Paulo André.

Então foi decidido retomar a ideia de convidar algum artista para desenvolver uma ilustração para o festival. Como já foi dito anteriormente, em suas viagens Paulo André estava fazendo um mapeamento dos artistas pelo Brasil, comprava ilustrações, gravuras e obras de artes, pegava contatos nos festivais. Ele decide convidar 10 artistas visuais e designers e deu o tema para que eles fizessem uma arte, o que viesse na cabeça, o tema foi “Abril Pro Rock”, o que eles pensavam sobre o festival. Eram dez gravuras numeradas, assinadas, limitadas a 50 cópias.

Os dez artistas convidados foram Derlon, Paulo Meira, Tiago Amorim, Shiko, Maskaro, Carlota, Lin, Juliana Notari, Silvia Rodrigues e Bicicleta Sem Freio, respectivamente.



As 10 ilustrações dos artistas, respectivamente.

Paulo André queria muito que a ilustração daquele ano fosse a gravura de Shiko, mas como ele mesmo detalhou, acredita que o pensamento conservador das pessoas do nordeste brasileiro faria um julgamento equivocado sobre o que era o festival, iria relacionar o APR com cenários obscenos. Apesar de que para ele

aquele desenho que Shiko representou é o espírito do festival, o resultado do final de uma noite com muitas bandas e as pessoas que vieram de caravana iam encontrando um lugar para descansar e aguardar o retorno para sua cidade, cuja van só sairia no final do evento. “Brother, por mim, a sua ilustra seria a ilustra do ano.” (PIRES, 2018)



Ilustração de Shiko da Paraíba.

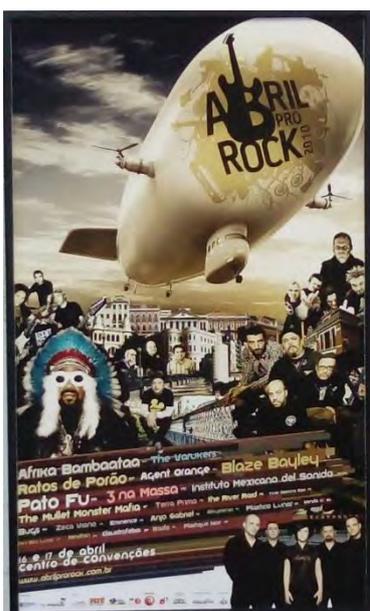
Inicialmente o trabalho desses 10 artistas não teria relação com a arte gráfica do festival para essa edição. Entretanto, ele não queria voltar para a opção da agência de publicidade com o trio elétrico, então sem poder escolher a gravura do Shiko, escolheu a do Bicicleta Sem Freio para ser a ilustração da 17ª edição do Abril Pro Rock.

O Bicicleta Sem Freio era um coletivo de ilustradores cujo trabalho Paulo André conheceu durante o festival Goiânia Noise. Eles fazem o desenho à mão e colorem no computador.



Então a partir da gravura do Bicicleta Sem Freio a Ampla desenvolveu o projeto gráfico do festival.

18ª Edição | 2010



Esse ano o festival vai para outra agência de publicidade, a Plano B, que diminui o tamanho do cartaz e faz montagens com os prédios do bairro do Recife, com as bandas, um contexto defendido por Paulo André a mistura entre turismo e identidade.

19ª Edição | 2011



Convida-se novamente o Bicicleta Sem Freio para fazer além da ilustração, todo o projeto gráfico. O convite repetido para o Bicicleta Sem Freio teve o intuito de não errar na escolha.

20ª Edição | 2012



Para os 20 anos do Abril Pro Rock Paulo André fez questão de convidar um artista pernambucano para criar a ilustração do festival. O convite foi para Raul Luna, um artista jovem que desenvolveu um visual no conceito de ficção científica. Foram dois cartazes, um com as datas do festival e outro conceitual, que dobra em quatro partes, de um lado uma tabela periódica e do outro o “APR20”, disposto de forma visual. Esse segundo foi distribuído na abertura da exposição ‘Mostra Pôster Arte Design’.

21ª Edição | 2013



No ano anterior, 2012, Paulo André se interessou por ação de artes visuais com os cartazes colados nas ruas de Garanhuns, produzido pelo coletivo Super Terra. Ao conhecer os artistas pessoalmente para uma troca entre cartazes do APR e os lambes que eles haviam colado em Garanhuns, Celso Hartkopf, Caramuru e Raul Souza aproveitaram o momento para falar que o coletivo Super Terra surgiu após o encontro dos mesmos nas oficinas do coletivo Bicicleta Sem Freio.

Em 2009 e 2011 o Bicicleta Sem Freio além de ter feito os cartazes dessas duas edições, conduziram uma oficina relacionada à ilustração em cada um desses anos. O festival desenvolvia na semana prévia aos shows, espaços para oficinas e palestras para que artistas e produtores em formação e curiosos pudessem ter chance de adquirir mais conhecimento por meio desses encontros. Era uma troca de experiências e, ao mesmo tempo, um incentivo para cultura local.



Então, em 2013, fez-se o convite para o Super Terra. Esse convite firma a importância do festival para além da música. Ele representa a responsabilidade social que o Abril Pro Rock tem com o incentivo à cadeia produtiva da música independente local em formar uma nova geração de que de músicos, designers, técnicos, produtores, ilustradores etc, para a música da cidade.

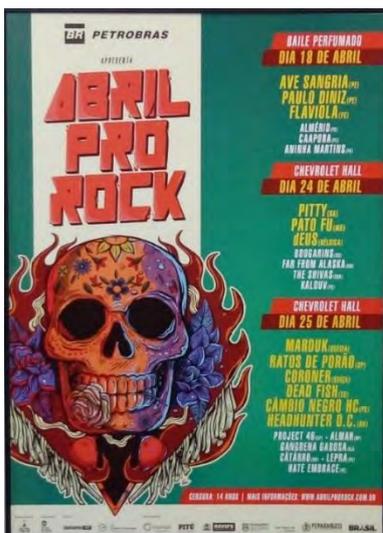
22ª Edição | 2014



O artista dessa edição foi o cearense Weaver do coletivo Monster. A mulher com a máscara de ossos e o homem com a cabeça de caixa.

Paulo André decide então alternar os convites dos artistas para um artista de fora e um pernambucano.

23ª Edição | 2015



Kin Noise inicialmente mostrou um desenho que era semelhante à Netuno mais velho com cabelos *dreadlocks*, em um estilo meio *old hippie*. Entretanto, devido ao festival ter mais de 20 anos, Paulo André acredita que o APR não pode assumir essa imagem de velho, pois a intenção é que os jovens continuem se interessando pela música independente que está sendo produzida todos os anos. Então, ele identifica no detalhe do desenho uma caveira mexicana e propõe a Kin trabalhar nessa caveira, porém fazer uma relação com a cultura local. “Caveira mexicana já está óbvio, mas essa vai ser a primeira caveira mexicana caboclo de lança do mundo.”

24ª Edição | 2016



Rafael Silveira também foi um desses artistas mapeado por Paulo André durante suas viagens pelo Brasil. Foi por meio do lançamento da exposição dele em

São Paulo que Paulo André conheceu o trabalho desse artista visual curitibano. Além do convite para criar a arte do Abril Pro Rock 24ª edição, a banda Os Transtornados do Ritmo Antigo no qual Rafael Silveira é vocalista, tocou na noite de sexta-feira do festival.

25ª Edição | 2017



Um painel pintado na Casa dos Bárbaros no bairro de Boa Viagem em Recife chamou a atenção de Paulo André, era do artista Pedro Melo que- de acordo com o produtor do APR, o artista ficou conhecido pois viajava pelo mundo trocando hospedagem por pintura. No momento do convite ele estava com um escritório próprio o Bäcker Design & Motion, com o amigo/sócio Túlio Couceiro.